

Luciana Teixeira de Souza

**Nomes que Contam Histórias dos Municípios da Superintendência Regional
de Ensino de Campo Belo - MG**

Três Corações / MG

2021

Luciana Teixeira de Souza

**Nomes que Contam Histórias dos Municípios da Superintendência Regional
de Ensino de Campo Belo - MG**

Dissertação apresentada à Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), como parte das exigências do Curso de Mestrado Gestão, Planejamento e Ensino para a obtenção do título de Mestre.

Prof(a). Dr(a). Jocyare Cristina Pereira de Souza.

Orientador(a)

Três Corações / MG

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR

Souza, Luciana Teixeira de
S729n Nomes que contam histórias dos municípios da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo – MG / Luciana Teixeira de Souza Brito. Três Corações, 2021.
125 f. : il. color.

Orientadora: Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Mestrado profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

1. Semântica histórica. 2. História local. 3. Educação básica. 4. Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). 5. Campo Belo (MG). Souza, Jocyare Cristina Pereira de. II. Universidade Vale do Rio Verde – Unincor. III. Título.

CDU:801:981.51

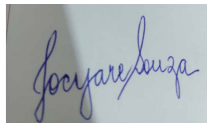
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADO POR LUCIANA TEIXEIRA DE SOUZA, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO, PLANEJAMENTO E ENSINO.

Aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um, reuniu-se, remotamente, a Comissão Julgadora, constituída pelos professores doutores: Profa. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza (UninCor), Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim (UNEMAT) e Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim (UFLA), para examinar a candidata Luciana Teixeira de Souza na defesa de sua dissertação intitulada: “NOMES QUE CONTAM HISTÓRIAS DOS MUNICÍPIOS DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO DE CAMPO BELO - MG”. A Presidente da Comissão, Profa. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza, iniciou os trabalhos às 14h, solicitando à candidata que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente a candidata sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 16:30h, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho da candidata, tendo chegado ao seguinte resultado: Profa. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza (aprovada), Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim (aprovada) e Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim (aprovada). Em vista deste resultado, a candidata Luciana Teixeira de Souza foi considerada aprovada, fazendo jus ao título de Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

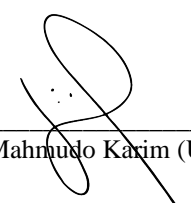
Três Corações, 13 de dezembro de 2021.

Novo título (sugerido pela banca):


Não houve alteração.



Profa. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza (UninCor)



Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim (UNEMAT)



Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim (UFLA)

DEDICATÓRIA

A todo professor que acredita na beleza e na magia de Educar.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Vale do Rio Verde (UninCor) pela oportunidade concedida pela realização deste curso.

À minha orientadora prof^a Dra. Jocyare Souza por todo auxílio e carinho disponibilizados no desenvolvimento desta pesquisa. Obrigada por acreditar em mim!

A meus pais: José Aurélio Teixeira e Eva Maria dos Santos Teixeira que me ensinaram que obstáculos existem para serem vencidos com dedicação e humildade.

A meu marido Ely e a minha filha Bianca que tiveram paciência e compreensão de me aceitarem tanto tempo envolvida na pesquisa e desligada da vida familiar.

Aos meus amigos: Marcelo Brito e Tânit Miranda por toda cooperação e carinho que tivemos no decorrer deste período. Foi uma benção nossos caminhos terem se cruzados. Nossa amizade será para a vida.

À Superintendente da Regional de Campo Belo – MG, Lúcia Helena Miranda Bastos, por acreditar e abrir as portas para a aplicação do produto educacional desenvolvido nesta pesquisa.

A todos os professores da Regional de Campo Belo – MG que se envolveram na aplicação do produto educacional.

Aos cristalenses que muito contribuíram com suas narrativas orais para realização do documentário, presente no produto educacional.

Aos membros da banca de qualificação, professora Dra. Terezinha Richartz, professor Dr. Taisir Mahmudo Karim e professor Dr. Zionel Santana pelo tempo e cuidado dedicados na leitura desta pesquisa e pelas contribuições feitas.

Aos membros da banca de defesa: professora Dra. Terezinha Richartz, professor Dr. Taisir Mahmudo Karim, professora Dra. Márcia Fonseca de Amorim e professora Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira por se debruçarem sobre esta pesquisa.

Aos meus amigos de curso, turma 2020-1, pelo companheirismo, conhecimento e solidariedade que tivemos no decorrer deste tempo.

Aos amigos do Grupo Atlas por todo aprendizado conjunto que realizamos.

E, principalmente, a Deus que me deu força e persistência para concluir este trabalho.

Gratidão é a palavra!

EPIGRAFE

Sempre vejo anunciados cursos de oratória.
Nunca vi anunciado curso de escutatória.
Todo mundo quer aprender a falar.
Ninguém quer aprender a ouvir. (Rubem
Alves)

RESUMO

O presente estudo, embasado na Semântica do Acontecimento Guimarães (2018), busca a compreensão dos processos de (re)nomear os municípios mineiros como forma de identificar que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/instituem nestes lugares. Observa-se que o sentido de um texto está no acontecimento histórico do dizer, e de tal modo, se faz importante conhecer os nomes que contam histórias das cidades mineiras. O corpus inicial se constituiu do levantamento/análises das histórias de surgimento do nome dos 12 municípios que compõem a Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo - MG. Esse corpus se alterou, no decorrer da pesquisa se compondo apenas de sete desses municípios. Dentro deste corpus, tomamos para nosso movimento de análise a história de surgimento do nome do município de Cristais, nossa cidade piloto para a aplicação do produto educacional deste curso de Mestrado em Gestão, Planejamento e Ensino, voltado para a Educação Básica: a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, um método de leitura e, ao mesmo tempo, de estudo da cultura local. Este estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, documental, qualitativa e com narrativas orais. De tal modo, percebemos que a (re)nomeação das cidades mineiras, que se forma no acontecimento do dizer, marcada por uma temporalidade própria, permitiu-nos identificar em Cristais a presença indígena, negra, portuguesa e do imigrante e que trazem suas marcas até hoje na cultura local desse lugar. Todo este trabalho desenvolvido no estudo dessas cidades mineiras irá compor O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras (Volume 1). E este Atlas fará parte do projeto maior O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras, que acontece em nível nacional, sendo um importante material didático que atingirá a Educação Básica, conhecendo que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram e se instituem em determinado espaço/tempo.

Palavras chave: Semântica do Acontecimento. Metodologia de Leitura. História e Cultura Local. Educação Básica.

ABSTRACT

The present study, based on the Semantics of the Guimarães Event (2018), seeks to understand the processes of (re)naming Minas Gerais municipalities as a way to identify which people were/are there and which cultures were instituted/instituted in these places. It is observed that the meaning of a text is in the historical event of saying, and in such a way, it is important to know the names that tell stories of the cities of Minas Gerais. The initial corpus consisted of a survey/analysis of the histories of the emergence of the name of the 12 municipalities that make up the Regional Superintendency of Education of Campo Belo - MG. This corpus changed during the course of the research, comprising only seven of these municipalities. Within this corpus, we take for our analysis movement the history of the emergence of the name of the municipality of Cristais, our pilot city for the application of the educational product of this Master's course in Management, Planning and Teaching, aimed at Basic Education: the Methodology of Teaching: Reading the History and Local Culture of Brazilian Cities, a method of reading and, at the same time, of studying local culture. This study was carried out through bibliographical, documental, qualitative research and oral narratives. In such a way, we realize that the (re)naming of Minas Gerais cities, which is formed in the event of saying, marked by its own temporality, allowed us to identify in Cristais the indigenous, black, Portuguese and immigrant presence and that bring their marks even today in the local culture of that place. All this work developed in the study of these cities in Minas Gerais will compose The Atlas of the Names that Tell the History of Brazilian Cities in Minas Gerais (Volume 1). And this Atlas will be part of the larger project The Atlas of Names that Tell the History of Brazilian Cities, which takes place at the national level, being an important teaching material that will reach Basic Education, revealing which people were/are there and which cultures were established and institute in a given space/time.

Keywords: Semantics of the Event. Reading Methodology. History and Local Culture. Basic education.

LISTA DE ABREVIATURAS

S.R.E: Superintendência Regional de Ensino

UninCor: Universidade Vale do Rio Verde

PISA: Programa Internacional de Avaliação de Alunos

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

DSD: Domínio Semântico da Determinação

PET: Plano de Estudo Tutorado

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

CRMG: Currículo Referência do Estado de Minas Gerais

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

SEE: Secretaria de Estado de Educação

Undime: União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

CBC: Conteúdo Básico Comum

FNDE: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

INPE: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

MEC: Ministério da Educação e Cultura

SEB: Secretaria de Educação Básica

PNBE: Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD: Programa Nacional do Livro e do Material Didático

REANP: Regime Especial de Atividades Não Presenciais

EJA: Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 ATLAS DOS NOMES QUE CONTAM HISTÓRIAS DAS CIDADES BRASILEIRAS.....	6
2.1 O Atlas em nível nacional	7
2.2 O Atlas em nível Estadual	8
2.3 A proposta Atlas dos Nomes Que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1	10
2.4. O percurso da pesquisa.....	17
3 ABORDAGEM DOS DOCUMENTOS QUE FUNDAMENTAM O ENSINO EM MINAS GERAIS.....	19
3.1 Como os documentos que normatizam o ensino na Educação Básica determinam o estudo da cultura local/ regional?.....	21
3.2 O sentido de cultura.....	25
4 O MATERIAL DIDÁTICO	30
4.1. Abordagem sobre o material didático adotado.....	32
4.2 Discussões sobre o material didático analisado.....	35
5. METODOLOGIA DE ENSINO: LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL	51
5. 1. Descrição do produto.....	55
5.1.1 Escolha do Corpus	55
5.1.2. Unidades de análises.....	56
5.1.3. Movimentos de análise do processo de nomeação da cidade de Cristais – MG	58
5.1.3.1. O gênero documentário enquanto ferramenta eficaz no processo de identificação da história local	59
5.1.3.2. Construindo os DSDs (Domínio Semântico da Determinação) da cidade de Cristais	62
6 APLICABILIDADE E REPLICABILIDADE DO PRODUTO: METODOLOGIA DE ENSINO: LEITURA DA HISTÓRIA E CULTURA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS	78
6.1. Relato Descritivo da Aplicação da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras.....	78
6.2. Relato de eficácia: comprovação da replicabilidade da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras	84
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
ANEXOS	99
APÊNDICE	119

1 INTRODUÇÃO

A história oficial do processo de ocupação/fundação das cidades brasileiras mineiras fala do surgimento dessas cidades como algo mágico e sagrado, tendo suas (re)nomeações, quase sempre, ligadas a nomes de santos. Todavia, nos questionamos quantos silenciamentos de povos e de culturas ocorrem nessas narrativas e que, muitas vezes, não são percebidas por seus leitores.

Assim, nossa pesquisa busca o processo de descoberta das enunciações e que nos levam a refletir sobre o dizer dos sites oficiais das cidades e buscar que povos ali estiveram e que ali estão e que culturas instituíram e ainda se instituem nesse lugar.

Para isso, nos embasamos na Semântica do Acontecimento, conforme Guimarães (2018) e buscamos criar um diálogo do Ensino e da Linguística para a compreensão dos processos de (re)nomeação das cidades brasileiras mineiras. Considerando o sentido produzido na enunciação como um acontecimento de linguagem, sendo o acontecimento de (re)nomeação, considerado em virtude de estar num certo momento do tempo, antes de outro acontecimento também no tempo.

Nota-se que a história oficial dos municípios é contada por um locutor oficial, aquele que está autorizado a dizer em nome de todos os outros cidadãos. E assim, sua fala traz a enunciabilidade propícia para aquela ocasião/situação, ou seja, acontecimentos que não convém para aquele tempo/espaço são ofuscados.

E esse processo de ocupação, fundação e (re)nomeação das cidades brasileiras mineiras se refletem em suas culturas. O estudo dessa cultura local é contemplado nos documentos que normatizam o ensino no Brasil, tal qual notamos neste estudo. Entretanto, identificamos que nos materiais didáticos não ocorre essa contemplação e, quando ocorre, é de forma bem superficial. Com isso, desenvolvemos, no decorrer do Mestrado em Gestão, Planejamento e Ensino, a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, um produto educacional que desenvolve a capacidade leitora do aluno e que também ajuda a preencher essa lacuna da Educação Básica no estudo da cultura local.

A pesquisa sobre o processo do (re)nomear das cidades brasileiras mineiras utilizando-se desta Metodologia irá compor O Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras Mineiras (Volume 1). Este compará O Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras projeto é desenvolvido em nível nacional e está alocado na Unicamp (Campinas – SP), sob o olhar do pesquisador Eduardo Guimarães.

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras traz como artefato um documentário de curta metragem como forma de dar voz aos cidadãos do município e de conhecer suas histórias e culturas que não podem se perder no tempo.

Baseados em Guimarães (2018), propomos a Semântica do Acontecimento com seus dispositivos de leitura, análise e escrita, como uma maneira de desenvolver o conhecimento enunciativo. Conhecimento este que se baseia nas condições de uma enunciabilidade sócio histórica para produzir diferentes significações. “E a semântica, enquanto semântica da enunciação, é a disciplina que analisa os sentidos dos enunciados enquanto enunciados que integram textos nos acontecimentos que os produzem.” (GUIMARÃES, 2018, p. 22).

Nosso corpus se constituiu, inicialmente, do levantamento/análises das histórias de surgimento do nome dos 12 municípios que compõem a Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo. No decorrer do nosso trabalho, o corpus se alterou, pois outros pesquisadores do curso assumiram algumas cidades. Então, nosso novo corpus se compôs das cidades de Aguanil, Campo Belo, Cana Verde, Candeias, Cristais, Perdões e Santana do Jacaré. Dentro deste corpus, tomamos para nosso movimento de análise a história de surgimento do nome do município de Cristais, nossa cidade piloto para a aplicação do produto a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras. Aqui consideramos as histórias de formação do seu nome para a compreensão do seu processo de ocupação/fundação, ressaltando os povos estiveram/estão e que culturas instituíram/instituem em terras cristalenses.

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada pesquisa bibliográfica, documental, e qualitativa e com histórias orais, uma vez que ocorreram entrevistas, depoimentos para a construção do documentário e montagem dos DSDs (Domínio Semântico de Determinação), método de leitura desenvolvido por Guimarães (2007).

Assim, objetivamos compreender os processos de ocupação/fundação dos municípios da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo - MG, mais especificamente de Cristais, como forma de identificar que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/instituem nestes lugares. E, conseqüentemente, buscar um conhecimento enunciativo daquele momento histórico social do dizer, para embasar nosso produto educacional para Educação a Básica – a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras - como ferramenta eficiente no desenvolvimento da capacidade leitora e no estudo da cultura local.

2 ATLAS DOS NOMES QUE CONTAM HISTÓRIAS DAS CIDADES BRASILEIRAS

O Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras é um projeto embasado na Semântica do Acontecimento, o qual traz a importância da cultura e história local serem trabalhadas nas escolas como uma forma de conhecimento e valorização.

Nossa pesquisa Nomes que Contam Histórias dos Municípios da S.R.E (Superintendência Regional de Ensino) de Campo Belo – MG, integra o Atlas Dos Nomes Que Contam História Das Cidades Brasileiras Mineiras – Vol. 1, que por sua vez faz parte do Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras.

Este nosso estudo apresenta-se de forma particular em relação à estrutura dos trabalhos acadêmicos, sendo que não acontece num capítulo específico para material, método e discussão dos resultados. Este capítulo objetiva direcionar o olhar do nosso leitor para a peculiaridade deste trabalho de pesquisa que tem uma metodologia diferenciada - os capítulos I, II e III se constituem de coleta de dados. Todos os capítulos apresentam: Métodos de Análise, Resultados e Discussões de Resultados – uma vez que a apuração dos documentos que normatizam o ensino fez surgir o capítulo em que analisamos o material didático de relevância da Superintendência de Ensino de Campo Belo e este, conseqüentemente, fez significar o capítulo que evidencia a apresentação do Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras: Circuito Sul de Minas; questão que apresentaremos com mais detalhes na seção 2.4 deste capítulo.

Neste capítulo I ocorre a apresentação do projeto Atlas. No capítulo II acontece uma análise dos documentos que normatizam o ensino no Brasil e como estes contemplam o estudo da cultura e história local. Com os resultados obtidos e a discussão destes resultados, nos encontramos à criação do capítulo III, o qual contempla a análise dos materiais didáticos e como abordam a cultura local. Mediante estas análises e resultados, nos direcionamos para a construção do capítulo IV, a criação da Metodologia de Leitura da Cultura e História Local, e este visa entender e responder: que povos, ali, estavam/estão? e que culturas instituíram/instituem em determinada cidade. Diante o desenvolvimento deste produto acontece a construção do capítulo V, que mostra sua aplicabilidade e a sua replicabilidade na Educação Básica.

2.1 O Atlas em nível nacional

O projeto Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras é um trabalho desenvolvido em nível nacional que se fundamenta na Semântica do Acontecimento. Ele está alocado na Unicamp-IEL como um dos projetos do Grupo de Pesquisa Semântica do Acontecimento coordenado pelo Prof. Eduardo Guimarães. O Grupo de Pesquisa Semântica do Acontecimento desenvolve estudos, mostrando que a semântica tem como objetivo primordial compreender o funcionamento da linguagem e das línguas. Assim, Guimarães (2018) salienta que tratar a significação é o fundamental, porque a linguagem interessa, antes de tudo, porque ela significa.

A partir da posição que considera a construção enunciativa do sentido, o objetivo do grupo Semântica do Acontecimento é desenvolver pesquisas em Semântica da enunciação, com interesse específico pela caracterização dos espaços de enunciação, pelo funcionamento dos nomes próprios, da designação de palavras-conceito, das relações argumentativas, da relação de predicação e dos modos de funcionamento dos enunciados. Nos próximos anos se dará atenção particular à observação do modo de agenciamento do falante em lugares de enunciação (Locutor, alocutor, enunciador) e nas relações específicas destes lugares. Outro aspecto fundamental é a análise argumentativa de textos, tomando a argumentação como sentido que se constitui como um modo de se sustentar uma relação entre argumento e conclusão, e não como busca da persuasão ou convencimento (PORTAL CNPq, 2020).

É um projeto que busca a cultura regional e/ou local (tempo e espaço), de uma forma a desvendar as histórias e constituições enunciativas dos nomes dos municípios brasileiros, revelando seus processos de ocupação, exploração e formação. Isto porque ocorre uma transversalidade endógena (dentro do próprio texto) e exógena (fora do texto), permitindo uma análise dessas histórias não contadas.

O projeto Atlas no estado do Mato Grosso encontra-se no seu terceiro volume. Esse material intitulado Atlas dos Nomes que Dizem Histórias das Cidades Brasileiras – Um Estudo Semântico Enunciativo do Mato Grosso, no qual o Prof. Dr. Taisir Mahumudo Karim aborda um trabalho que retrata a fundação das cidades, o desenvolvimento econômico e social, e, enfim, a produção de uma história atravessada por seus próprios conflitos. Os capítulos da obra são de diferentes autores, desde doutorandos, mestrados e docentes a discentes. Nas diferentes fases do projeto, os artigos buscam discutir aspectos da história de Mato Grosso a partir de uma perspectiva semântica-enunciativa, com os textos trazendo análises que mostram partilhas do real que vão se construindo tanto por parte de cada um dos textos, como pelas correlações entre o conjunto deles. (PLATAFORMA UNEMAT, 2021).

Os textos que fazem parte do Atlas Mato Grosso nos levam à compreensão de que, enquanto objeto histórico, tanto a gramática como o dicionário, ou o ensino e seus programas, assim como as manifestações literárias são uma necessidade que pode e

deve ser trabalhada de modo a promover a relação do sujeito com os sentidos, relação que faz história e configura as formas da sociedade. O que nos leva a dizer que, por isso mesmo, eles são um excelente observatório da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história (PLATAFORMA UNEMAT, 2021).

Foi buscando essa identificação social de dar voz e vez aos silenciados que surgiu este mote - Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras – como um material útil e enriquecedor no estudo da cultura e da história local das cidades brasileiras como reflexos de todo seu processo de ocupação, exploração e formação. Orlandi (2007) explica que o silêncio nos traz uma incompletude da linguagem, pois todo dizer é uma relação com o não dizer. O silêncio é fundamento para construção de algo, é fundante. Ele indica que o sentido pode ser outro ou aquilo que é o mais importante nunca se diz. O silenciamento já não é silêncio, mas pôr em silêncio, que nos permite compreender a dimensão do não dito, do não escrito. O sentido de silenciamento será tomado neste estudo como forma de evidenciar povos e suas respectivas culturas silenciados nos textos por nós trabalhados.

Por isso, antes de ganhar o mundo pelo atlas, livro com mapas, textos e gravuras de determinadas disciplinas, é de suma importância que o educando conheça, primeiramente, o atlas de sua cidade: a origem do seu nome, sua fundação, sua história; Ali estão suas raízes, seus alicerces, sua vida, tudo que enriquece seu conhecimento e lhe torne locutor de seu dizer ou do seu não dizer.

O projeto Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras é uma iniciativa capaz de levar para escola um conhecimento semântico baseado na inclusão e interdisciplinaridade, entendendo as histórias não contadas dos nomes das cidades brasileiras.

2.2 O Atlas em nível Estadual

No Estado de Minas Gerais, o Atlas dos Nomes que Contam Histórias das Cidades Brasileiras, ao adentrar no Mestrado Profissional em Gestão Planejamento e Ensino da Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), promove um diálogo entre a linguística e o ensino com foco na Educação Básica. O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol 1., coordenado pela Prof^a Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza, é um trabalho que consiste no estudo semântico dos nomes das cidades que formam cada Superintendência Regional de Ensino do sul de Minas e tem como objetivo o desenvolvimento da Metodologia da Leitura da Cultura e História Local, à luz da Semântica do Acontecimento. (GUIMARÃES, 2002).

O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol 1. vem ao encontro do projeto de Formação de Professores e Ação Docente da UninCor – Diagnósticos e Perspectivas que discutem a realidade da Educação Básica com foco na formação de professores.

O projeto Diagnósticos e Perspectivas da UninCor objetiva: i) analisar a postura dos professores da Rede Pública e Particular em relação ao investimento à formação continuada, ii) analisar como tem sido a postura desses professores em relação às mudanças nas práticas pedagógicas. Para isso discute-se, à luz de referenciais teóricos, a formação continuada docente enquanto facilitadora do processo de ensino aprendizagem, alicerçada em concepções atuais de ensino, com vistas à formação integral dos alunos. Por isso busca procedimentos que poderão facilitar mudanças nas práticas pedagógicas, as quais, podem permitir que o professor se torne um poderoso agente de transformação. (PLATAFORMA UninCor, 2021). Ou seja, o projeto da UninCor e o projeto O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol 1. se casam perfeitamente.

O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1, promove a importância de se trabalhar a identidade cultural local para a formação de um indivíduo crítico, socializado e pertencente à sua comunidade. Assim, como cada um de nós tem sua própria identidade – nossa essência pessoal - a identidade cultural representa a essência cultural de um povo, de um lugar em um determinado tempo/espço. Hall (2006) nos explica a identidade cultural moderna como uma cultura nacional, sendo uma forte representação política, dispositivo de poder.

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de "teto político" do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2006, p. 49)

Segundo Hall (2006) nação nos dá ideia de pertencimento: povos com suas memórias, histórias, identidades. E surge uma cultura nacional em torno de uma identidade cultural única e do desejo de preservar essa cultura tão única. Entretanto, a globalização vem fragmentando essa cultura nacional, criando as identidades compartilhadas, envolvidas pelo consumismo e importação de culturas, aonde os povos vão perdendo suas identidades culturais. Portanto, ao trabalharmos com o gênero documentário em busca dos sentidos instituídos nas narrativas orais, objetivamos evidenciar povos e respectivas culturas silenciados.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação" sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51)

É preciso pensar essa identidade cultural como forma de entender os sentidos postos nas histórias contadas de determinado lugar. Afinal, quantos enigmas, casos, exaltações e silenciamentos não possuem as histórias de fundações das cidades mineiras? Histórias essas que são refletidas em seus nomes e em sua cultura e que nos mostram que povos ali estiveram/estão e que bases culturais ali instituíram/instituem, contudo, em muitas vezes não são sequer mencionados. A leitura dessa cultura não pode ficar de fora do conteúdo escolar, eis o porquê do Atlas.

2.3 A proposta Atlas dos Nomes Que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1

O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1 é um material didático que vem preencher a lacuna existente no ensino da Educação Básica sobre a história que marca todo processo de ocupação, exploração e formação das cidades mineiras. Este material surgiu da necessidade de conhecer como os livros didáticos adotados nas escolas de Educação Básica, especificamente dos municípios mineiros no nosso estudo, na Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo, os quais contemplam o estudo da história regional/local (tempo e espaço) desses municípios.

Este estudo na Regional de Campo Belo, composta pelas cidades de: Aguanil, Camacho, Campo Belo, Cana Verde, Candeias, Cristais, Lavras, Perdões, Ribeirão Vermelho, Santana do Jacaré, Santo Antônio do Amparo e São Francisco de Paula, foi de suma importância para conhecimento do material didático utilizado nas escolas ligadas a essa regional, além do conhecimento do processo histórico social de formação de cada uma dessas cidades, como forma de compreender que povos ali estavam/estão e que culturas instituíram/instituem nesses locais.

O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1 se embasa na Semântica do Acontecimento para o estudo do processo de fundação/ocupação dessas cidades que trazem reflexos em seus nomes e em toda sua cultura. Uma teoria que dialoga com Foucault (1996) nessa visão de dar vez e voz aos silenciados pelos dispositivos da sua época, que englobam discursos, instituições, arquiteturas, onde o dizer e o fazer formam a rede que interliga todos esses elementos. Assim, o político, aquele que tem a

palavra, pode enaltecer o lugar social ou até deixar em ofuscamento certas enunciações, desde que seja viável para aquele momento.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

Guimarães (2011) nos traz um estudo e análise textual a partir da perspectiva de funcionamento e articulações argumentativas em relação ao texto e nos apresenta a Semântica do Acontecimento como uma questão textual que contém significado e que produz sentido numa relação de leitura. Esse tipo de análise textual, no nosso caso, a partir da história de nomeação das cidades, considera o sentido produzido na enunciação como um acontecimento de linguagem, sendo o acontecimento de nomeação, considerado em virtude de estar num certo momento do tempo, antes de outro acontecimento também no tempo.

A Semântica do Acontecimento, conforme o autor (2018) com seus procedimentos de análise mostrados a seguir, nos revela os sentidos polissêmicos das palavras e/ou termos numa perspectiva histórico-social, pois os sentidos se constituem na enunciação, se constituem no acontecimento do dizer. Assim:

i. Designação: palavras que fazem significar, produzem sentidos a partir de relações enunciativas a uma palavra, uma expressão que significam por estarem em um enunciado. “A designação faz parte do modo de a linguagem significar o mundo, tornando possível falar dele, tornando possível, inclusive, fazer referência às coisas.” (GUIMARÃES, 2018, p. 7).

A designação, de alguma maneira, constitui uma relação com o real pela qual podemos falar dele. A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significação pela linguagem.” (GUIMARÃES, 2018, p. 154).

E nesta medida, a questão é saber o que significa uma palavra no enunciado em que é enunciada enquanto elemento de um texto. Ou dito de outro modo, é preciso tratar as palavras nas relações que suas enunciações constroem. E assim se pode observar a designação enquanto modo de significar o que aparece mostrado como existente. (GUIMARÃES, 2018, p. 156)

ii. Enunciação: Algo que se caracteriza por ter ocorrido porque alguém disse (falou, escreveu, desenhou...). “A enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua.” (GUIMARÃES, 2018, p. 14). A enunciação é um acontecimento que produz sentido

e produz sentido pelo acontecimento de funcionamento da língua no espaço de enunciação, que não é um espaço físico, mas um espaço de línguas e seus falantes e que está aberto a diferentes mudanças. “O espaço de enunciação é o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. Assim não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa.” (GUIMARÃES, 2018, p. 23)

A língua se caracteriza como um conjunto de elementos linguísticos (sons, palavras, formas, todo tipo de expressão) que constituem suas regularidades com as quais é possível dizer algo. “A língua não é algo abstrato, é algo histórico, se apresenta pela prática humana, por ter relações que fundamentam o funcionamento desta prática cuja característica é a de produzir significações: a linguagem.” (GUIMARÃES, 2018, p. 23).

O espaço de enunciação é um espaço das línguas e seus falantes e este torna-se um domínio político, no qual o agenciamento dos falantes ocorre de maneira desigual. É um espaço onde as relações entre línguas vão sendo modificadas pelo fato de que os falantes de línguas díspares falam de modo únicos e característicos. Na história do Brasil isto pode ser observado no domínio do país pela língua, uma vez que o português torna-se a língua oficial e domina as línguas indígenas com as quais se relacionava.

iii. Falante: não é uma pessoa física, é um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua. “O falante não é uma figura empírica ou psicológica, o falante é constituído pelas línguas do espaço de enunciação e é assim uma figura linguística.” (GUIMARÃES, 2018, p. 23).

O falante não é, portanto, uma pessoa física. É uma figura linguística constituída por essa relação de línguas, que tomam os falantes, que se distribuem desigualmente para os falantes ao constituí-los. Em outras palavras, o falante não é uma pessoa, enquanto tal, um ser físico, biológico, psíquico. O falante é um “ser” de linguagem, constituído por uma relação de línguas. (GUIMARÃES, 2018, p. 25).

iv. Político: é aquele que está autorizado a dizer, representa um conflito de interesses na disputa pela palavra, ele instala o conflito no centro do dizer. O político aqui não está relacionado a algo que pertence ou está relacionada à política, o aspecto político é constitutivo do espaço de enunciação e do acontecimento do funcionamento das línguas, ou seja, a enunciação.

O político se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se faz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos. (GUIMARÃES, 2018, p. 50)

v. Cena enunciativa: é formada pelo agenciamento do falante de dizer, ela se caracteriza pela divisão que afeta o falante quando ele é agenciado a falar. A cena enunciativa é estabelecida por uma divisão dos lugares de enunciação (locutor, alocutor e enunciador) que se apresenta no acontecimento como uma projeção da relação línguas e falantes do espaço de enunciação.

Como indica o autor, “A cena enunciativa se constitui pelo agenciamento do falante a dizer. O agenciamento do falante o divide na cena em lugares de enunciação: o daquele que diz (Locutor), o lugar social de dizer (alocutor), e o lugar de dizer (enunciador).” (GUIMARÃES, 2018, p. 71-72).

O locutor (L), ao ser agenciado, institui um Locutário (LT) (L é o lugar que diz (eu) para alguém (tu); o alocutor (al-x) ao ser agenciado, institui um locutário (at-x) (al-x é o lugar social de dizer que se apresenta para um at-x, o lugar social para o qual um certo al-x diz); o enunciador, o lugar de dizer, que se apresenta como quem diz de um lugar coletivo, individual, universal ou genérico. O enunciador não projeta um tu, é o modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem diz). (GUIMARÃES, 2018, p. 62)

Para estar no lugar de Locutor(L) é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar de um certo modo e em certas línguas, ou seja, para o Locutor se representar como origem do que se enuncia é preciso que ele seja agenciado por um lugar social de alocutor por exemplo, alocutor-historiador, alocutor-professor, alocutor-jornalista e etc.

vi. Memorável: enunciações ditas em outros acontecimentos, sentido em outro momento, pois o sentido não é estável. O dizer é um acontecimento de linguagem que traz uma historicidade própria e forma um memorável. “Ao recorte do passado, produzido pelo acontecimento, chamo de memorável, e esta projeção de enunciações futuras, de futuridade” (GUIMARÃES, 2018, p. 41). Memorável não é a memória, mas um recorte do passado, o sentido que se faz presente no acontecimento do dizer.

vii. Temporalidade: se sustenta no acontecimento do dizer e não como tempo cronológico. A enunciação é um acontecimento que temporaliza, e assim produz sentido. “A diferença que constitui a especificidade do acontecimento é uma temporalidade de sentidos: um passado, um presente e um futuro. Nesta medida o acontecimento não está no tempo, o acontecimento constitui sua temporalidade.” (GUIMARÃES, 2018, p. 38)

Não se trata de pensar um acontecimento no tempo ordenado. O acontecimento determina o que é retomado do passado, o que é presente e define o futuro. E o presente e o futuro só significam porque há um passado que os faz significar. Isto porque, o acontecimento

é constituído sócio historicamente na relação entre língua, história e sujeito que enuncia. Abaixo, discorreremos acerca dos últimos três conceitos da Semântica do Acontecimento.

viii. Transversalidade: são movimentos de análise de determinado texto e consistem em contextualizar os conteúdos e resgatar a memória dos acontecimentos, interessando-se por suas origens, causas, consequências e significações. Pode ser endógena – dentro do próprio texto analisado - e exógena – fora do texto analisado.

ix. Articulação – como a palavra estabelece relação com outras palavras, não é meramente uma relação interna ao enunciado, mas uma relação de contiguidade linguística que faz do enunciado um elemento que se integra ao texto. “A articulação é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é então, uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento.” (GUIMARÃES, 2018, p. 80)

x. Reescrituração – como determinado nome está reescrito no texto com outras palavras, ou seja, uma expressão pode retomar outra, pode negá-la, pode redizê-la em outros termos, marcadas por todo um acontecimento social do dizer.

A reescrituração é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. Há reescrituração quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. Neste caso Y reescritura X. Este modo de relação enunciativa leva a interpretar uma forma diferente de si. O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado. Uma característica fundamental da reescrituração é que ela não se caracteriza pelas relações segmentais, ou de contiguidade, própria dos modos de relação por articulação. (GUIMARÃES, 2018, p.85)

Assim, a Semântica do Acontecimento propõe uma análise linguística mais profunda, buscando os sentidos dos textos muito além daqueles trazidos em dicionários, pela gramática e decodificação de símbolos linguísticos, estáticos e que se baseiam em referências.

Texto é uma unidade de sentidos que integra enunciados no acontecimento de enunciação. Esta definição considera de modo direto que o texto é uma unidade de significação. Ela se caracteriza por produzir sentido e é isso que faz dela (desta unidade) um texto. Outro aspecto é que esta unidade (o texto) integra enunciados, ou dito de outro modo, o texto é integrado por enunciados. E é isto que faz com que o texto seja texto e faça sentido. (GUIMARÃES, 2011, p. 19).

A enunciação invoca uma temporalização do acontecimento que marca uma significação/ressignificação que se constitui por um memorável (história de enunciações, enunciações ditas em outros acontecimentos) de práticas sociais recorrentes de determinado tempo.

A memória é, dentro dessa concepção, recortada pela prática enunciativa, que se dá pela linguagem, pelos dizeres e constitui-se como todo ato de linguagem, a partir de disjunções, de conflitos e de polêmicas, que se materializam nos/pelos sentidos. O

funcionamento da memória se dá por regularidades e deslocamentos, que a (re)constituem e a (re)organizam, (re)significando acontecimentos, a partir de outros construídos em determinadas práticas enunciativas (SOUZA, 2017, p. 50)

Segundo Guimarães (2002), tratar do processo de designação é considerá-lo como acontecimento enunciativo, ou seja, contextualizado histórica e socialmente, a partir de seu funcionamento, na relação instável entre a linguagem e o objeto. Designar é fazer significar, é produzir sentido.

Percebe-se que o sentido de um texto está na sua enunciação, no seu acontecimento social do dizer. Por isso uma leitura enunciativa não se retém apenas em um texto, mas busca o diálogo com outros textos para a análise de determinado acontecimento. Foucault (1996) bem colocava que o dispositivo dominante pode acender holofotes para abrilhantar, bem como, deixar no breu certos momentos, desde que seja útil para aquela ocasião. Então, o texto nada mais é que uma relação histórico-social, uma vez que os sentidos não se fecham na sua sequência, mas estão dentro de todo um contexto de determinada época.

Conforme Oliveira e Moreno (2019), no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), na sua edição mais recente de 2018, aplicada no Brasil, apenas 2% dos estudantes atingiram o nível 5 e 6 de proficiência em leitura. São estudantes que compreendem textos longos, sabem lidar com conceitos abstratos e contraintuitivos, e diferenciam fato de opinião, enquanto os demais sabem apenas identificar a ideia geral de um texto de tamanho moderado e encontrar informações explícitas.

Com esses dados percebemos que a leitura e escrita no ambiente escolar não são trabalhadas em patamar semântico enunciativo, pois traz forma referencialista apenas ao texto que está sendo estudado naquele momento. Não cultiva a curiosidade de buscar em outras fontes a enunciabilidade deste texto, sendo que é preciso duvidar do que está escrito, buscar conversa com outros textos para que ocorra, de fato, uma compreensão.

A Semântica do Acontecimento vem ao encontro dessa posse de leitura e escrita numa perspectiva enunciativa, tão mencionada na BNCC (Base Nacional Curricular Comum): “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais”. (BRASIL, 2018, p. 65).

Guimarães (2018), ao abordar conceitos como memorável: sentidos em outros momentos, uma vez que o sentido não é estável; designação: não apenas como palavras no

texto, mas como algo capaz de produzir sentidos, fazer significar; reescritura como determinado nome está escrito no texto com outras designações; articulação como a palavra que estabelece relação com outras palavras. Tudo isso nos fazem compreender a semântica com enunciação e sentido, podendo entender um acontecimento além de sua referência.

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, que desenvolvemos como produto educacional no curso de Mestrado Gestão, Planejamento e Ensino, se fundamenta na Semântica do Acontecimento tendo o DSD (Domínio Semântico de Determinação) - método de leitura desenvolvido por Guimarães (2007) - um gráfico linguístico capaz de apresentar de forma sintética as ideias discutidas.

O DSD é um método eficaz de leitura, proposto pela teoria enunciativa, uma vez que emprega uma relação de um texto com outros textos de uma forma simples e sucinta. Como, há os gráficos matemáticos que vem para facilitar a leitura e a compreensão de um texto, o DSD é um gráfico linguístico, composto por sinais, capaz de provocar uma leitura eficiente e coerente de determinado texto e/ou acontecimento.

Em uma análise de DSD, são as relações que constituem o sentido de uma palavra, ou seja, suas determinações e estas são apresentadas por uma escrita específica, constituída de sinais: \vdash ou \dashv ou \perp ou \top (que significam determina; por exemplo, $y \vdash x$ significa x determina y , ou $x \dashv y$ significa igualmente x determina y); \equiv que significa sinonímia; e um traço como $\rule{0.5cm}{0.4pt}$, dividindo um domínio, significa antonímia. (GUIMARÃES; MOLLICA, 2007, p. 81).

Para construção do DSD faz-se necessário um trabalho com recortes de determinado acontecimento em vários formatos textuais. “O recorte é um fragmento do acontecimento da enunciação. [...] Pelo recorte as formas linguísticas aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência.” (GUIMARÃES, 2018, p. 76)

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras tem como artefato um documentário como forma de propiciar ao educando a posse da leitura e escrita de maneira prazerosa e competente, partindo da sua cultura local, da história de sua cidade.

Assim, a construção do Atlas Dos Nomes Que Contam História Das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1 enquanto material didático traz a Semântica do Acontecimento como uma forma de trabalho de leitura multidisciplinar dentro das escolas. Além disso, permite que os estudantes conheçam a história de seu povo e as culturas que formam sua atual identidade, uma vez que estamos sempre em construção e marcados pela história. Denota-se, então, um material didático capaz de contemplar toda a Educação Básica, tornando-se uma ferramenta

pedagógica útil e enriquecedora no estudo da cultura local dos municípios e na capacidade de leitura e escrita desses alunos.

2.4. O percurso da pesquisa

O presente estudo compõe-se de quatro capítulos que descrevem bem esse nosso percurso de pesquisa e criação do produto, sendo o capítulo I composto por essa apresentação do projeto.

O capítulo II traz a análise dos documentos que normatizam a Educação no Brasil, mais especificamente, em Minas Gerais. Foi feita uma análise de como esses documentos abordam a cultura local no processo de ensino aprendizagem e percebemos que acontece a contemplação da importância do estudo da cultura local nesses.

O capítulo III aborda, de forma amostral, o material didático utilizado na S.R.E de Campo Belo, no 3º ano do Ensino Médio. Sendo que, neste tempo de pandemia, de escolas fechadas e de pouco contato físico, nos foi viável a análise dos PETs (Plano de Estudo Tutorado) de 2020, desenvolvido pelo governo de Minas para suprir as aulas presenciais. Assim, foi feito um levantamento de como esse material trabalha a questão da cultura local/regional. Mediante a esta análise, notamos que os PETs não trazem o estudo da cultura local, apesar de os documentos que normatizam o ensino no Brasil e em Minas, contemplarem a importância desse estudo.

No capítulo IV acontece a apresentação do produto - a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local, embasada na Semântica do Acontecimento – tendo como artefato a criação de um documentário de curta metragem. Ocorre o estudo semântico enunciativo da cidade de Cristais mostrando o (re)nomear que envolve a cidade como consequência de um processo de ocupação/formação e que são espelhados na sua cultura local. Neste capítulo nos foi possível mostrar a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, capaz de envolver o estudante para que busque e desenvolva uma transversalidade endógena (dentro) e exógena (fora) no texto que é abordado, identificando que povos ali estavam/estão e que culturas instituíram/instituem em sua cidade. Diante desta metodologia, estrutura-se o Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1, como um material didático impulsionador na preservação e valorização da cultura local, para ser trabalhado em toda Educação Básica.

No capítulo V, acontece a aplicabilidade e a replicabilidade do produto educacional - Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras - na Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo. Aqui, apresentamos a aplicação deste

produto nos professores desta regional e como eles replicaram nos seus alunos, mostrando a eficácia desta Metodologia no estudo da cultura local.

Este estudo se embasa em uma pesquisa Bibliográfica e Documental que ocorre nos capítulos I e II. Porém, nos capítulos III e IV, acontece também uma pesquisa Qualitativa com coleta de dados, com narrativas orais, registro de depoimentos, entrevistas e imagens para construção do documentário e dos DSD's da cidade escolhida como piloto para montagem da Metodologia e eficiência do produto após sua aplicação.

Com isso, mostramos todo empenho dedicado na construção da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local, como um produto educacional adequado e fomentador na busca pela origem da cultura local e, conseqüentemente, capaz de causar nos alunos uma admiração por essa cultura como algo de sua propriedade.

3 ABORDAGEM DOS DOCUMENTOS QUE FUNDAMENTAM O ENSINO EM MINAS GERAIS

Hall (2006) nos faz perceber que quando nascemos, não estamos possuídos por nenhuma cultura, mas, através de discurso de referenciamentos (histórias, memórias, construções), somos levados a valorizar determinada cultura em detrimento de outras que fizeram parte de nossa história local/regional e que, às vezes, foram propositalmente silenciadas.

Este assunto da cultura regional/local na Educação Básica nos remete ao estudo dos documentos que fundamentam o ensino no Estado de Minas Gerais para um melhor conhecimento destes e da abordagem que fazem sobre o estudo e valorização da cultura local.

Os principais documentos que norteiam a Educação Básica mineira são: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), dentre outros que também auxiliam neste norte como: A Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Declaração dos Direitos Humanos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9394, sancionada pelo presidente da República Fernando Henrique Cardoso em 20 de dezembro de 1996, traz no seu Art. 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, p. 7). Pode-se notar a legalidade em trabalhar na educação as manifestações culturais do país, uma vez que o Brasil é proprietário de uma diversidade cultural enorme.

A BNCC foi homologada em 14 de dezembro de 2018 pelo ministro da Educação, Rossieli Soares. A base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Seu principal objetivo é ser balizadora da qualidade da educação no País por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos têm direito. (BRASIL, 2018)

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que define as habilidades essenciais para todos os alunos da Educação Básica. É a base para o currículo escolar de todo país, visando o desenvolvimento não somente intelectual, mas social, físico, emocional e cultural do aluno.

A BNCC não veio para eliminar os planos estaduais e nem o Projeto Político Pedagógico da Escola e muito menos o plano de aula do professor; pelo contrário, veio acrescentar competências que devem estar presentes em todos esses. Competências essas que são valores, habilidades e atitudes que devem ser trabalhadas durante toda a Educação Básica de forma contínua e gradual.

O Currículo Referência de Minas Gerais foi elaborado em regime de colaboração entre a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, seccional Minas Gerais (Undime-MG). Formatado a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Currículo Mineiro é resultado da revisão dos currículos de todas as redes educacionais mineiras e de um trabalho intenso. A implementação do Currículo traz para os estudantes a garantia do direito à aprendizagem em todo território mineiro. Os alunos poderão transitar entre as escolas com maior facilidade, pois todas as redes irão seguir o mesmo Currículo. O ano de 2019 foi dedicado à transição para que as escolas e comunidades tivessem a oportunidade de participar de formações e conhecer a fundo o documento. No ano letivo de 2020, o currículo tornou-se obrigatório para as escolas mineiras nos níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental, visto que ele ainda não contempla o nível médio que segue então a proposta curricular de 2005, o CBC - Conteúdo Básico Comum. (MINAS GERAIS, 2019).

A coordenadora do Currículo pela Undime-MG, Maria Virgínia Morais Garcia, destacou bem as particularidades encontradas no Estado para a implementação do Currículo. “Minas Gerais é sempre um desafio pelo tamanho e números que são muito grandes. Mas estamos muito confiantes porque temos o empenho de todos os 853 municípios para levar esse currículo para dentro das escolas.” (MINAS GERAIS, 2019, p.3)

Ao contrário da maioria dos estados, Minas Gerais já possuía currículo normatizado voltado para o desenvolvimento de Competências e Habilidades desde 2005. Intitulado como Conteúdo Básico Comum (CBC), a Base Nacional Comum Curricular não se configurou grande inovação frente ao que já era trabalhado na maioria das redes municipais e na rede estadual de ensino. A elaboração do Currículo Referência de Minas Gerais teve cinco etapas, no decorrer do ano de 2018:

1ª) Preparação: consistiu no estudo da versão homologada da BNCC por parte dos redatores e dos professores das escolas de Minas Gerais. A realização do Dia D nas escolas ocorreu ao longo do mês de abril, sendo autorizado que as escolas escolhessem a data que fosse mais conveniente de forma a não ferir seu calendário.

2ª) Elaboração da Versão Preliminar: consistiu na redação da primeira versão pelos Redatores de Currículo a partir das contribuições recebidas das redes no dia D e da análise da equipe de redação. Durante todo o ano, foram realizadas reuniões quinzenais da equipe de redatores. Os especialistas se encontraram 15 vezes ao longo do ano, além de reuniões formativas em Brasília e em para discutir temas como a elaboração de habilidades e diversidade e inclusão.

3ª) Encontros Municipais e Consulta Pública: colocou a versão preliminar sobre crivo dos professores em todo o estado, onde foi discutida presencialmente por professores e outros profissionais da educação com profundidade nos municípios, ainda havendo uma Consulta Pública online, a fim de que todos tivessem oportunidade de contribuir com a redação do novo documento. Todas as sugestões foram analisadas pela equipe de redação a partir de critérios técnicos e de pertinência. As sugestões acatadas foram decididas em grupo pela equipe de redatores e através de sugestões de especialistas que fizeram a leitura crítica do documento.

4ª) Elaboração da Versão Final: foi realizada com base na análise das contribuições da Consulta Pública e dos Encontros Municipais. Os textos passaram por leitura crítica de especialistas nas áreas de conhecimento.

5ª) Finalização e Distribuição: impressão e envio em meio físico e digital do documento às escolas em 2019, para conhecimento e estudo para, posteriormente, ocorrer a implantação definitiva em 2020. (MINAS GERAIS, 2019, p. 7- 8)

O CRMG nos deixa claro a necessidade de trabalhar conteúdos iguais em todo território mineiro, uma vez que, se o aluno mudar de escola ou região, não sairá prejudicado em seus estudos. Todavia, percebe-se também a necessidade de trabalhar a cultura local uma vez que Minas é um desafio pelo tamanho e pela pluralidade cultural que possui.

3.1 Como os documentos que normatizam o ensino na Educação Básica determinam o estudo da cultura local/ regional?

Para Hall (2006), precisamos pensar a cultura como forma de compreender os sentidos postos nas histórias contadas de determinado lugar, de determinado povo em determinado tempo, pois, muitas vezes ocorre narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas

histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Assim, dão ênfase na tradição embasando na ideia de um povo puro e original, deixando outros povos e outras culturas que fazem parte desta história, silenciadas.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 foi, sem dúvida, o grande marco da cidadania e da dignidade dos brasileiros. Sua promulgação permitiu que a Educação ganhasse um lugar importante dentre a política do país e a cultura também avançasse neste patamar dentro da Educação.

A Constituição de 1988 assegura igualdade de condições para acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar toda produção artística, intelectual; a valorização da autonomia e da participação popular; a consagração do princípio de um país plural que convive com todo tipo de cultura e manifestação popular. Sem medo de ser diferente e com orgulho de suas peculiaridades culturais. (CHALITA, 2004, p. 101 -102)

A Constituição traz em seu artigo 215: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 1988, p.126). Apesar disso, ocorre que, diante de um país continental como nosso, com uma cultura tão vasta e diversificada, não é uma tarefa fácil para a Educação Básica trabalhar a cultura regional/ local de cada município, ficando um intervalo neste processo de aprendizagem.

Tomando por base o Estado de Minas Gerais, localizado na região sudeste do Brasil, com uma área de 586.521.123 km², com 853 municípios, situados em regiões com grandes disparidades sociais, econômicas e culturais. Como pode a educação trabalhar a cultura em uma diversidade tão grande e, ao mesmo tempo, tão peculiar de cada local?

Do latim: *cultura*, *culturae*, que significa “ação de tratar”, “cultivar” ou “cultivar a mente e os conhecimentos.” Originalmente, a palavra *culturae* se originou a partir de outro termo latino: *colere*, que quer dizer “cultivar as plantas” ou “ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas”. (DICIONÁRIO ETMOLOGICO, 2020)

Seja cultura de plantio ou de conhecimento, é bem real que cada região tem a sua e contempla todas suas particularidades. Mas tomando cultura como comportamento, manifestações artísticas (dança, música...), folclore, comidas, como conjunto de conhecimentos adquiridos com o passar do tempo, história de vida, de vivência e de localidade, percebemos quão grande e quão restrita ela é.

Cultura é como observar uma estrela no céu; quando a puxamos em um telescópio, seu brilho fica mais intenso ao nosso olhar e percebe-se toda sua individualidade. Porém, quando

a levamos para a imensidão do infinito, a olho nu, ela torna-se menor, global em meio à escuridão, mas de suma importância junto às demais estrelas para compor a beleza da noite. Como a estrela, a cultura de um município conhecida de perto é intensa, forte e única. E, quando analisada em meio a um Estado inteiro ela é mais uma dentre tantas. Todavia, não deixa de fazer parte do universo cultural deste Estado para enriquecê-lo com todas suas peculiaridades.

Assim, a cultura é individual, e ao mesmo tempo em que é plural, é tão inovadora quanto antiga, é tão diversa e tão própria de cada ser ou local.

A Base Nacional Comum Curricular traz em sua competência três dentre as dez gerais que possui: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p. 9). Isso se dá porque a cultura faz parte de cada um de nós, assim como cada um de nós também faz parte da cultura. Afinal, somos todos resultados e idealizadores da cultura.

Voltando nosso olhar para o Estado de Minas, fica fácil imaginar a diferença cultural existente em um estado tão grande quanto este. Com certeza, a história local de um município da região do Jequitinhonha não será a mesma de um município da região sul. Realidades diferentes e formas distintas ou não de ocupação e fundação.

O CRMG, na sua apresentação, deixa nítido esse ponto crucial que é a diversidade regional do Estado como resultado de um processo histórico de ocupação do território marcado por diferentes fatores, desde aqueles de ordem socioeconômica até os naturais de clima e vegetação. Essa diversidade se traduz no que podemos entender como várias “Minas Gerais” dentro dos limites do estado, exigindo, portanto, diferentes formas de abordagem e atuação sobre a realidade mineira. De fato, a efetividade de qualquer iniciativa parte necessariamente da compreensão da realidade para a qual se propõe. (MINAS GERAIS, 2019, p. 2)

O CRMG tem esse propósito de trabalho desde a Educação Infantil: “as instituições de educação infantil devem promover experiências para que as crianças construam a percepção de espaços, tempos, quantidades, relações e transformações presentes no seu dia-a-dia motivando-as a terem um olhar mais crítico e criativo do mundo.” (MINAS GERAIS, 2019, p. 54). Enfatiza-se, então, a importância de trabalhar na criança a curiosidade, o conhecimento e até a admiração pelo local em que vive.

A BNCC também deixa claro essa necessidade de “contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas.” (BRASIL, 2018, p.16). Pois, a partir dessa realidade local, torna-se possível uma aprendizagem mais concreta e significativa para o educando.

O artigo 2º da LDB traz: “[...] dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASI, 1996, p.7). Dentro do qual, destacamos os incisos abaixo, os quais são bem pertinentes na importância de trabalhar, valorizar e conhecer a cultura regional:

- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- X - valorização da experiência extraescolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial, incluído pela Lei nº 12.796, de 2013. (BRASIL, 1996, p. 7-8)

A Lei n. 12.796/13 promoveu alterações na LDB desde sua criação em 1996, dentre elas essa do artigo 3º que trata dos princípios, no qual ainda foi incluído o princípio da consideração com a diversidade étnico-racial.

A LDB, em sua alteração, elevou a questão da “diversidade étnico-racial” à situação de um princípio do ensino. Em outras palavras, o ensino deve considerar, obrigatoriamente, a temática étnico-racial, e deve ser cumprida em todos os níveis destinados à formação de profissionais, quer sejam do ensino ou da estrutura da Educação. Para os educadores, já existia o ensino da cultura dos africanos e afro-brasileiros, contudo, agora, como princípio basilar da Lei, todos os níveis de ensino devem inserir a diversidade étnico-racial sem margens a novas interpretações. Valorizar e proteger a cultura afro-brasileira, como já consagrado no texto da Constituição Federal, agora como princípio geral do ensino revela a importância dada ao tema. (COSTA NETO, 2013)

É como se, com esta lei, toda diversidade racial passasse a fazer parte do Brasil. A figura a seguir nos mostra isso de uma maneira bem sarcástica: as raças estão fincadas na bandeira brasileira como sinal de conquista, mas, será que essas raças, essas culturas, já não estavam fincadas há muito tempo na nossa história?

Figura 1 – Raças brasileiras



Fonte: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/img/0385.jpg>

Perceber a diversidade étnico-racial como princípio proporciona uma nova dimensão das interpretações e valorização da identidade cultural. Essa diversidade retira o termo diferente do nosso vocabulário, que nos remetia ao racismo, exclusão e preconceito. Uma vez que a cultura muito nos acrescenta em vivência, em conteúdo e em saber. (COSTA NETO, 2013).

Os documentos que normatizam a Educação Básica no país e, conseqüentemente, no Estado de Minas Gerais, em seus parágrafos, artigos ou incisos contemplam a importância de trabalhar a cultura local/ regional. Porém, em nenhum momento citam como realizar esse trabalho, deixando a cargo de cada escola realizar essa tarefa contextualizada à sua realidade em uma perspectiva histórico social e cultural.

3.2 O sentido de cultura

O CRMG traz em sua apresentação a existência de várias “Minas Gerais”, pois a diversidade cultural que envolve o Estado é grande. A cultura mineira vai desde as tradições festivas populares até as comidas típicas e saborosas da cozinha mais afamada do país.

Uma tradição cultural muito presente em Minas é a Folia de Reis. A folia passa cantando de casa em casa, é recebida pelos donos da casa, que aceitam primeiramente a bandeira dos Santos Reis. Então o anfitrião da família segura a bandeira, enquanto os membros da folia cantam agradecendo e abençoando a todos familiares pela acolhida. Após a cantoria, os foliões são recebidos com comes e bebes típicos e outras oferendas.

Esta manifestação cultural e festiva, celebrada anualmente entre 25 de dezembro a 06 de janeiro, na tradição religiosa católica marca o aniversário de visita dos três santos reis magos (Belchior, Gaspar e Baltazar) ao Menino Jesus. Por isso no dia 06 de janeiro são desmontados os presépios, as árvores e os demais enfeites natalinos. É dia de chegada da

Folia, que termina sua peregrinação iniciada em 25 de dezembro, dia atribuído ao nascimento de Jesus.

A folia de Reis é um patrimônio cultural imaterial do Estado de Minas, além de ser uma tradição marcante que ainda é cultivada em muitos municípios mineiros.

O Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais reconheceu em 06 de janeiro de 2017 a Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial do Estado. Um inventário do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerias, realizado em 2016 cadastrou 1255 grupos de foliões, distribuídos em 326 municípios mineiros. Este inventário ofereceu as bases para dos festejos como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais. (ARAUJO, 2017, s.p.)

Diante de uma cultura tão bela e tão marcante quanto a Folia de Reis, por que não trabalhar esta realidade regional na Educação Básica? Afinal, é algo próximo da vivência dos alunos e, ainda que não fosse, é um patrimônio cultural das terras mineiras que precisa ser conhecido e valorizado sempre e em todos os lugares.

Outra cultura tradicional deste Estado tão diverso é o carro de boi. É muito comum nas festas dos padroeiros/ padroeiras das cidades, a imagem ser conduzida por um carro de boi durante a procissão a cavalo ou a pé.

Há cidades mineiras, como o distrito de Macuco (do município de Itumirim, próximo à cidade de Lavras), por exemplo, que tem a festa do carro de boi, a qual acontece no quarto domingo de julho. O nome do distrito surgiu do pássaro macuco encontrado no local durante a época dos bandeirantes. Há quase três décadas a Festa do Carro de Boi de Macuco encanta moradores e visitantes de toda região. Os macuquenses tem grande orgulho por resgatar a cultura rural com os carros de boi, conduzidos por seus carreiros e candeeiros. (LAVRAS, 2020).

É a cultura do campo sendo exaltada já que quem tem sangue roceiro sente-se emocionado e, ao mesmo tempo, cheio de saudades do passado com o cantar do carro de boi. E quem é mais urbano tem a oportunidade de conhecer uma pluralidade cultural notável de um tempo em que este era um dos principais meios de transporte de carga e de pessoas, principalmente na zona rural.

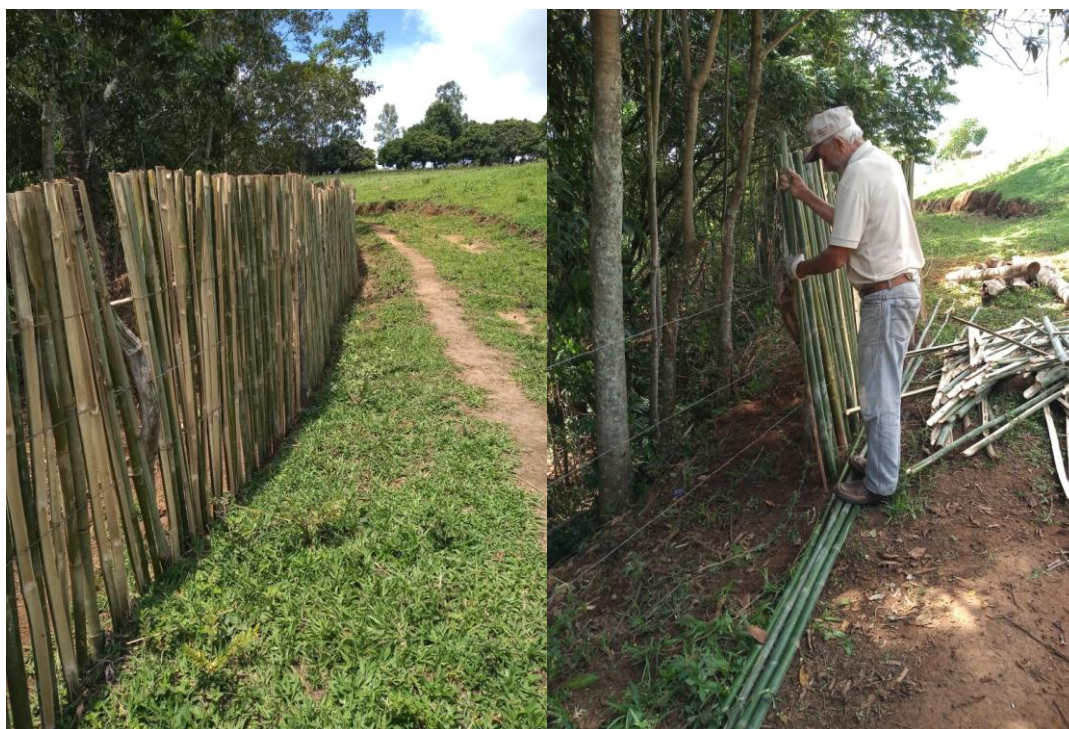
O depoimento a seguir é do senhor José Aurélio Teixeira, de 75 anos, carreiro por 40 anos, do município de Carmo da Cachoeira, sul de Minas. A fala nos dá a ideia deste saudoso patrimônio cultural e o entrevistado nos fala um pouco sobre quando começou a carrear, os nomes das peças do carro de boi e até se lembra dos nomes dos bois que puxavam o carro, nesta época de carreiro:

“Comecei a carreia com 8 ano com meu irmão Luiz. As peças do carro é mesa, cabeçaio, roda, eixo, chumaço. Gosto de carro de boi. Até hoje, tenho carro de boi. Mas, não aguento mexer, tô veio, só oio. Os boi era mansinho, tinha uma junta de guia que era só chamar que vinha. Era 8 boi: Faceiro e Estrangeiro (junta da guia), Ligeiro e Maiado (junta pé da guia), Viajante e Campo Limpo e Desengano e Relógio (junta do coice). Arava terra, plantava mio, arroz, feijão, carregava lenha, mudança, tudo que precisava era carro de boi. O boi do coice que faz mais força. Quando deitava ao descer carro, não servia para ser boi do coice. Os bois da guia é mais manso. Tinha o candieiro que ia na frente da guia para os boi acompanhar, era menino de 6 ou 7 ano de familia humilde que recebia um dinheirinho e ficava contente, porque aprendia a trabaia. O carreiro ia de lado falando os boi e era responsave por tudo. O carro cantava até sem peso, nois apertava o cocão, passava sebo e gordura. Quando escuto o canto do carro de boi, gosto demais, dá saudade...” (TEIXEIRA, 2020)

Essa cultura oral jamais pode se perder no tempo! É preciso valorizar e trazê-la ao conhecimento escolar. Além de ser uma riqueza para o local, ela nos remete aos povos que ali estiveram e que povos agora estão e que culturas se instituíram e se instituem até os dias atuais.

Se você, de repente, na curva da estrada encontrar um senhor fazendo uma cerca desta, (fotos abaixo) como classificaria: um artesanato ou uma arquitetura?

Figura 2 – Fotos da construção de uma cerca com bambu



Fonte: Fotos retiradas pela própria pesquisadora, na Fazenda do Espinho – Município de Carmo da Cachoeira (2020).

A cerca construída com bambu, também conhecido como taquara, é uma prática muito usada no interior de Minas para cercar os terreiros das casas, separar pastos para o gado, fechar hortas, entre outras utilidades.

Taquara é um nome de origem indígena, esta que no tupi guarani significa haste furada, a qual os índios utilizavam na construção de flechas, confecção de esteiras, jirais, entre outros. Mas, os colonizadores portugueses que tinham colônias na Ásia e depois os imigrantes japoneses e chineses que vieram trabalhar no ciclo do café, trouxeram muitas outras espécies asiáticas de bambu para nosso país, inclusive o bambu gigante. (GONÇALVES, 2007)

Podemos dizer que a cerca de bambu é uma arquitetura pois envolve todo um processo de construção, planejamento e design. Entretanto, é também um artesanato porque seu construtor tece com as taquaras, ora para dentro, ora para fora, confeccionando um visual bonito de se ver, e ali vai entretendo a mente e trabalhando com as mãos.

Minas é tudo isso. É um estado detentor de um grande multiculturalismo, essa inter-relação de várias culturas, seja representada na oralidade, nas tradições herdadas ou no

manuseio dos objetos. Vai da crença no poder da medicina popular em que os raizeiros e as benzedoras são muito procurados para fazer chás, simpatias, banhos e benzeções com a finalidade de solucionar problemas de saúde. Ainda se tem a culinária que, além de pratos deliciosos e reconhecidos internacionalmente, também cria hábitos e costumes, como o preparo de quitandas preparadas de uma só vez para aproveitar o calor do forno à lenha. (MINAS GERAIS, 2020). Uai, o bom mineiro hospeda na cozinha e jamais deixa uma visita sair de barriga vazia!

Na panela mineira, todos os ingredientes se misturam na busca por um sabor ímpar, ao mesmo tempo que todo ingrediente tem seu gosto notado neste sabor. Cultura é isso! É diversidade, pluralidade, individualidade e inclusão. Com isso, percebe-se que, se faz cada vez mais necessário esta cultura regional/ local adentrar os conteúdos escolares de forma significativa e encantadora, eis a necessidade do Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1.

4 O MATERIAL DIDÁTICO

Material didático é um apoio ou uma técnica que auxilia o professor na sua caminhada de sala de aula para atingir o centro da aprendizagem que é o educando. O grande desafio do educador no trabalho escolar é buscar materiais que auxiliem na construção de um discente sujeito e não assujeitado, capaz de ser solidário, ético e ativo na sociedade, mas tudo dentro da legalidade da educação brasileira.

É preciso pensar a recriação do ambiente escolar sob outra perspectiva de organização do trabalho pedagógico, cuja estrutura seja diferente da atual e tenha seus pilares alicerçados na relação unidade-diversidade, e que garanta a aprendizagem da solidariedade e do diálogo entre os sujeitos (SOUZA; ALMEIDA, 2010, p. 37)

Visto isso, é fundamental que o material didático seja capaz de determinar maneiras que contemplem boa parte da diversidade que existe dentro de uma escola, principalmente a diversidade cultural, isto porque a aprendizagem ocorre em um ambiente onde professor/aluno mantém uma relação reflexiva e democrática. Para Souza e Almeida (2010), o professor é mediador do conhecimento, é um facilitador do processo ensino-aprendizagem, com a responsabilidade de promover situações de aprendizagem que acatem as diferenças entre os alunos de forma respeitosa e conciliadora.

É preciso bom senso. Além de toda essa diversidade cultural que existe na escola, o professor tem um currículo a ser seguido que é embasado nos documentos que normatizam a educação no país. Não se recomenda ao educador ficar engessado, preso a esse currículo, mas não pode também deixar de segui-lo. O currículo deve ser uma bússola para orientar o professor no seu trabalho pedagógico, inclusive na busca e/ou confecção do material didático a ser utilizado, pensando na escola como um lugar de diferentes subjetividades que devem ser respeitadas e valorizadas.

Paulo Freire (2002) nos propõe uma educação libertadora, entendida como um processo amplo de aprendizagens e convivências, o qual respeita o indivíduo como pessoa. Ser humano como ser histórico, com suas potencialidades, não sendo apenas acomodado ou ajustado a dispositivos da sua época, mas um ser atuante e crítico, a frente de seus tempos.

A área de ensino é um campo que necessita de material didático que seja, segundo Silva (2006):

- Interdisciplinar: capaz de desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento.

- Multidisciplinar: consegue envolver várias disciplinas na busca por um objetivo comum.
- Transdisciplinar: superar o conceito de disciplina, o aprendizado ir além, tratando efetivamente de um tema comum (transversal) de maneira contextualizada.

Segundo Libâneo (1994), o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos, ou seja, o professor dirige o estudo das matérias e assim, os alunos atingem progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais.

A diversidade cultural que envolve o Brasil é gigantesca e o Estado de Minas não fica para trás. Percebe-se que, apesar dos documentos que direcionam a educação brasileira e, especificamente, a mineira, trazerem a importância da valorização cultural local, muitas vezes, os materiais didáticos não contemplam este trabalho. Então, faz-se necessário um material capaz de preencher essa lacuna e que auxilie e facilite o professor nesse trabalho de respeito e valorização à cultura local.

A tecnologia é uma grande aliada do docente no cotidiano escolar. Hoje em dia, o professor dispõe de plataformas, sites educacionais, softwares, redes sociais e até livros no formato PDF que podem ser baixados. Com a pandemia da Covid 19 então - em que as escolas foram fechadas, pois o isolamento social é a melhor maneira de evitar a propagação do vírus - a tecnologia tornou-se necessária e primordial para que a vida escolar prosseguisse.

Segundo informações do site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), o PNLD é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa. O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros. (BRASIL, 2020a)

Os materiais distribuídos pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura) às escolas públicas de educação básica do país são escolhidos pelas escolas, desde que inscritos no PNLD e aprovados em avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação e que conta com a participação de Comissões Técnica específica, integrada por especialistas das

diferentes áreas do conhecimento correlatas, cuja vigência corresponderá ao ciclo a que se referir o processo de avaliação. (BRASIL, 2020a)

As obras são inscritas pelos detentores de direitos autorais, conforme critérios estabelecidos em edital, e avaliadas por especialistas das diferentes áreas do conhecimento. Se aprovadas, compõem o Guia Digital do PNLD que orienta o corpo discente e o corpo diretivo da escola na escolha das coleções para aquela etapa de ensino. É a tecnologia auxiliando cada vez mais o professor na sua tarefa. (BRASIL, 2020a)

Porém, diante de toda essa modernidade que vem envolvendo o ensino, a cultura local ainda não é contemplada como deveria ser nos materiais didáticos oferecidos à escola. Apesar dos documentos que regularizam a educação trazerem a importância deste trabalho em sala de aula, ainda fica esse intervalo, principalmente no processo de fundação/ocupação das cidades brasileiras e nosso estudo, mais especificamente as mineiras. O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras Vol. 1 vem preencher esse hiato e trabalhar de forma a integrar essa cultura local dentro do ambiente escolar, uma vez que aprendizagem e realidade devem caminhar juntas.

O grande desafio, portanto, na organização do trabalho pedagógico está em desenvolver uma estrutura que atue em torno de concepções, objetivos e prioridades que garantam uma identidade institucional para todos os envolvidos. Por isso, é fundamental que o trabalho desta seja capaz de determinar ações e apresentar decisões que contemplem a diversidade de crenças, valores e necessidades, através de uma participação democrática de todos os segmentos da instituição. Acreditamos que seja apenas deste modo que o trabalho pedagógico irá fazer com que a política da escola e sua gestão sejam compreendidas em sua magnitude e realizadas a partir da centralidade da participação democrática. (SOUZA, ALMEIDA, 2010, p. 37)

Afinal, a cultura cria e recria-se constantemente e tudo isso faz parte de um processo histórico social que é fruto da humanidade e, ao mesmo tempo, é parte de cada um de nós em toda nossa subjetividade. Conhecer, compreender e dignificar a cultura local é uma maneira de engrandecer a população e cada sujeito que faz parte deste universo cultural.

4.1. Abordagem sobre o material didático adotado

Nossa pesquisa abrange sobre a abordagem do material didático adotado pelas escolas públicas de Minas, especificamente, na S.R.E de Campo Belo. Essa regional é composta por 12 municípios: Aguanil, Camacho, Campo Belo, Cana Verde, Candeias, Cristais, Lavras, Perdões, Ribeirão Vermelho, Santana do Jacaré, Santo Antônio do Amparo e São Francisco de Paula, contendo um total de 31 escolas Estaduais, 96 Municipais e 38 Particulares. O quadro 1, em anexo A, nos dá uma ideia melhor dessa distribuição de escolas por municípios.

Mediante pesquisa junto ao site do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), nos foi possível o levantamento do número de escolas da unidade Regional que atendem quais níveis de ensino, além de ver se é de dependência Estadual (Est.), Municipal (Mun.) ou Privada (Priv.), no quadro 2, em anexo B.

Fazendo um estudo comparativo entre os quadros 1 e 2, podemos observar que o número de escolas mostradas no quadro 1 não coincidem com o número de escolas do quadro 2, porque há entidades escolares que atendem dois ou mais níveis de ensino.

No quadro 2 podemos ainda esmiuçar que a Educação Infantil não é ofertada pela rede estadual, assim como o Ensino Médio não é disponibilizado pelo município. Notamos que as escolas privadas atendem mais à Educação Infantil e o Ensino Fundamental, enquanto no Ensino Médio esse atendimento cai bastante, exceção para cidade de Lavras, onde os atendimentos estaduais e privados possuem a mesma quantidade de escolas, provavelmente devido à preocupação de pais e alunos de ingressar na universidade federal que a cidade possui.

Devido à pandemia Covid 19 que atingiu e está atingindo o mundo nos anos de 2020 e até agora parte de 2021, percebe-se que o melhor combate ao vírus é o isolamento social, com paralisação das atividades que geram aglomerações, inclusive das escolas. Então, a solução encontrada para o ano 2020 foi: a educação adaptar-se às novas demandas para que as aulas continuassem acontecendo, ainda que, de forma remota.

No Estado de Minas Gerais foi criado o PET (Plano de Estudo Tutorado), tipo um apostilado, como uma maneira de sanar a falta das aulas presenciais na rede pública, no ano letivo de 2020. O PET foi disponibilizado pelo governo Estadual a todas às escolas mineiras: municipais e estaduais.

No documento orientador apresentado às escolas sobre o REANP (Regime Especial de Atividades Não Presenciais) a Secretaria de Estado de Educação mostra de forma clara o novo modo de trabalho do setor educacional:

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), considerando a Resolução SEE nº 4.310 de 17 de abril de 2020 e as recomendações das autoridades responsáveis pelas medidas de afastamento social por causa da pandemia COVID-19, apresenta o Documento Orientador para o Regime Especial de Atividades Não Presenciais, regulamentado para atender a essa situação emergencial. Neste momento, é preciso dar aos estudantes a possibilidade da continuidade do processo de desenvolvimento cognitivo e proporcionar a retomada de algumas atividades educacionais, mesmo que sejam fora do convívio escolar. As ações foram pensadas na perspectiva de que o estudante é o centro do processo e, por isso, a necessidade de se propor alternativas que garantam sua aprendizagem nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Foram consideradas também as características econômicas, sociais, geográficas e físicas para criar condições de acesso ao regime especial para

os estudantes em todo território, contribuindo para que a educação chegue em cada domicílio do estado e não haja ampliação das desigualdades educacionais. Nesse regime especial, as escolas estaduais deverão utilizar-se, preferencialmente, dos diferentes recursos oferecidos pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e, em casos excepcionais, providenciar a impressão dos materiais e assegurar que sejam disponibilizados ao estudante. A seleção desses recursos deve partir da necessidade e acessibilidade do estudante. Para tanto, a SEE/MG organizou frentes de ações educacionais baseadas em Plano de Estudos Tutorado (PET). (MINAS GERAIS, 2020, p. 4)

O PET foi disponibilizado aos estudantes na versão on-line no site <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/pets>> podendo ser baixados no formato PDF no celular ou computador, ou impresso ofertado pela própria escola, para aqueles sem acesso à internet.

Foi proporcionado também o programa de TV Se Liga na Educação, transmitido diariamente na Rede Minas, e apresentado também em tempo real no Youtube, de segunda-feira a sexta-feira pela manhã. Sendo que o Ensino Médio contempla das 07h30 às 9h; Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) das 9h às 10h30; e Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) das 10h30 às 11h15. Seguiu-se a seguinte relação das áreas de conhecimento:

- Segunda-feira - Linguagens;
- Terça-feira - Ciências Humanas;
- Quarta-feira - Matemática;
- Quinta-feira - Ciências da Natureza;
- Sexta-feira - Conteúdos do Enem.

A SEE criou ainda o aplicativo para celular Conexão Escola como mais uma forma de acesso ao PET e às aulas da Rede Minas, tendo inclusive um chat para manter a interação professor/aluno a fim de enviar recomendações, tirar dúvidas, entre outras ações.

Diante deste cenário, tomamos os PET's do 3º ano do Ensino Médio para uma análise amostral da nossa pesquisa quanto ao trabalho da cultura local em um processo de fundação/ocupação das cidades mineiras, de forma mais específica das cidades da S.R.E de Campo Belo. Sendo esses PET's compostos pelas disciplinas de: Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, Química, Física, Geografia, História, Filosofia, Sociologia, Língua Inglesa, Arte e Educação Física, cada uma delas divididas em quatro semanas.

No decorrer do ano de 2020, no 3º ano médio foram trabalhados sete PET's e o PET Comemorativo 300 Anos de Minas Gerais para compor a frequência do aluno e mais o PET Avaliativo para nota. (MINAS GERAIS, 2020)

Outro detalhe importante em relação aos PET's do 3º ano médio é que o PET 1 não trouxe as disciplinas de Arte e Educação Física, trazendo disciplinas de Estudos Orientados e Tutoria como uma maneira de motivar e incentivar os educandos neste novo formato educacional – o ensino remoto. O PET 2 ainda continuou trazendo essas disciplinas como forma de incentivo, mas sendo contempladas também as disciplinas de Arte e Educação Física. A partir do PET 3 não são mais trabalhadas essas disciplinas incentivadoras, seguindo apenas as disciplinas relacionadas aos conteúdos formais do ano estudado. (MINAS GERAIS, 2020)

4.2 Discussões sobre o material didático analisado

Diante de todo esse processo de estudo dos PET's do 3º ano do Ensino Médio nos foi possível a construção do quadro 3, encontrado na seção Anexo C desta pesquisa, para verificarmos se acontece ou não uma abordagem da cultura local nos conteúdos de cada disciplina.

O PET Avaliativo, também chamado de PET 8 pelos estudantes, não foi colocado no quadro, pois traz questões avaliativas baseadas nos PET's 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

Analisando o quadro 3, anexo C, observamos que não acontece uma abordagem da cultura local nos conteúdos disciplinares dos PET's. Trazendo essa abordagem de uma forma mais sucinta, notamos que essa abordagem não é nem relacionada nas disciplinas.

A partir de agora, transcrevemos algumas atividades, textos e recortes, tais como se encontram nesses PET's que foram analisados, inclusive com as figuras, com o formato itálico, negrito, letras maiúsculas, não sendo de nossa autoria esse formato de letra e nem o destaque utilizado.

No PET 1 percebe-se que a disciplina de Língua Portuguesa inicia-se com a manchete do Tribuna do Ceará, Fortaleza, de 17 de outubro de 2015 “Ciclistas denunciam agressão de motorista em discussão de trânsito no Bairro Aldeota”. É muito importante trabalhar a realidade de outros locais do Brasil, o desrespeito aos ciclistas, as lutas sociais, mas por que não iniciar com uma cultura típica mineira, já que foi um material desenvolvido exclusivamente para nosso Estado?!

Em Filosofia, na semana 4, há um questionamento entre a genialidade dos gregos e da sua famosa invenção: *“a democracia na Atenas da Antiguidade e os índios brasileiros, particularmente os tupis-guaranis, que também foram, de maneira diferente, bem sucedidos na aventura de construir uma comunidade política que garantisse uma vida boa aos seus*

integrantes, mas não são tão mencionados. Sabemos pouco sobre as comunidades políticas dos índios brasileiros, e isso se deve, em grande parte, às concepções eurocêntricas e etnocêntricas às quais nossa formação e nossa cultura foram e ainda são submetidas”. Porém não faz uma ligação deste eurocentrismo e deste etnocentrismo com a fundação das cidades mineiras.

A Biologia traz a questão das doenças no âmbito social e sua prevenção. Focando que saúde não quer dizer ausência de doenças, mas um bem estar físico, mental e social, ou seja, o indivíduo necessita de qualidade de vida. Todavia, não acontece uma correlação com as doenças locais ou até mesmo as endemias que assolaram o Estado como a varíola durante o século XIX.

Em História há uma revisão sobre a Primeira República no Brasil, e acontece uma análise dos impactos da prática política e do Liberalismo brasileiros nesse período, que vai desde a proclamação de República em 1889, até meados de 1930. Mostra o período do coronelismo e da política Café com Leite, mas também não há um elo desses acontecimentos com a formação das cidades brasileiras e nem com a cultura resultante dessa formação.

Na Geografia, trata-se da globalização e a reorganização política internacional, porém também não há uma coligação com re/organização política local.

A Matemática traz a abordagem financeira, trabalhando juros simples e compostos, financiamentos, aplicações, mostrando uma relação com a atualidade, citando inclusive a bitcoin (moeda digital). Porém, nessas finanças não há uma relação com as finanças passadas como o mercado de escravos que marcou a cultura de boa parte de Minas.

Aprofundando nosso olhar para o PET 2 na parte de Português que traz em sua semana 2 uma tirinha bem interessante sobre as variações linguísticas baseadas no personagem Chico Bento, da turma da Mônica:

Figura 3 – Quadrinho do Chico Bento – Semana 2 de Português



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000447/0000003346.jpg>

De acordo com a tirinha, são propostas as questões:

“2) Leia novamente a tirinha da atividade 1 e responda:

- a) Como você caracterizaria o personagem Chico Bento do ponto de vista econômico?
- b) E como o caracterizaria do ponto de vista regional/geográfico?
- c) E do ponto de vista social?

3) Crie um pequeno texto respondendo as questões abaixo:

“Existe uma variedade melhor do que a outra”?

Como devemos tratar as variedades linguísticas: enquanto formas diferentes de realização da língua ou como correto e não correto?”

Percebe-se que tenta acontecer uma relação com a cultura local na qual o aluno que faz essa correlação com a mediação do professor. Essa relação não acontece de forma intensa e inclusiva, mesmo se tratando de um material exclusivamente mineiro.

O falante é um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua, no espaço da enunciação. Ou seja, as línguas do espaço de enunciação se relacionam umas com as outras na medida em que constituem seus falantes. E esta constituição de falantes se faz pelo modo como as línguas determinam os falantes, agenciam os falantes como seus de algum modo. (GUIMARÃES, 2018, p. 24)

A Química traz, na semana 1, o estudo sobre a nomenclatura dos hidrocarbonetos ramificados, especificamente, alcanos ramificados, mostrando uma descrição com o coronavírus, causador da Covid 19, e a importância do sabão nesse processo de destruição e disseminação do vírus. Apesar de se tratar de uma pauta perfeita para a ocasião que estamos vivendo, poderia ter relacionado a importância do uso do sabão em prevenção de outras infecções virais acontecidas no passado e seu reflexo em nossos hábitos e costumes de higiene, como uma forma cultural.

A semana 1 de História traz: “*A Primeira Grande Guerra Mundial mobilizou recursos em larga escala, milhões de homens e milhares de armas. Estimulou o desenvolvimento da indústria bélica na Europa, o que resultou um equilíbrio entre as forças militares daquele continente.*” Todavia, não mostra a relação desse desenvolvimento da indústria bélica europeia com a exploração e ocupação de cidades mineiras que forneciam matéria prima para essa fabricação.

Sociologia na semana 4, sugere o filme: “Menino do Pijama Listrado” para mostrar como é uma sociedade onde os direitos humanos são desrespeitados e despertar no educando a empatia, já que o filme mostra a aterrorizante história que envolve o extermínio judeu pelos nazistas. Contudo, e o silenciamento indígena ocorrido em tantas ocupações/fundações das cidades mineiras que não são mostradas como deveriam? É de grande importância trabalhar um filme deste, sem sombra de dúvida, porém é considerável ressaltar/relacionar como a população indígena foi desrespeitada e silenciada neste processo de nascimento das cidades, a começar pela nossa própria cidade.

A disciplina de Arte traz os conteúdos: Elementos formais do audiovisual, suas funções como recursos expressivos; uso dos enquadramentos, planos, fotografia e seus recursos expressivos, trazendo inclusive a criação de um filme usando o celular, não sendo sequer sugerida a adaptação desse roteiro sobre a regionalidade cultural da cidade a começar pela própria família.

No PET 3, semana 1 de Geografia, que trabalha o tema Território em Movimento, discorrendo questões como território, territorialidade, povo, população e etnocentrismo. Vejamos a atividade 5 dessa semana:

Figura 4 – Imagem da atividade da semana 1 de Geografia



Fonte: <https://thumbs.dreamstime.com/z/povos-pelo-mundo-inteiro-18208284.jpg>

Junto da imagem, contém o seguinte enunciado: “*Baseando-se na análise da imagem acima e nos seus conhecimentos, escreva um parágrafo argumentando a importância da identidade cultural de cada povo para o processo de construção da sociedade mundial.*”

Nota-se nesta atividade uma relação superficial de trabalho com a cultura local. Todavia, partindo mais do empenho do professor em criar essa relação e do conhecimento do aluno no decorrer desse estudo, não sendo trabalhado nitidamente esse aprofundamento cultural local.

A semana 3 de Sociologia traz o tema “O Movimento Negro”, abordando assuntos como racismo, genocídio da população negra entre outros. Tomemos o trecho do texto Movimento Negro, suas lutas e conquistas:

“A resistência, a luta e a reivindicação pela garantia de direitos da população negra atravessam toda a história do nosso país. Um dos primeiros focos de resistência foi o surgimento dos quilombos no começo da colonização. Formadas por africanos e seus descendentes, essas comunidades eram aguerridas e independentes. Sua existência era uma afronta ao poder colonial por inspirar a revolta contra o sistema escravista.

O Quilombo dos Palmares, ou Angola Janga (Pequena Angola), como seus fundadores africanos o chamavam, foi o mais famoso dos quilombos. Ele resistiu por quase cem anos a muitos ataques dos portugueses e holandeses. Zumbi e Dandara dos Palmares foram suas últimas lideranças e hoje simbolizam a luta histórica pela liberdade e dignidade da população negra no Brasil. O Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, foi escolhido pelo movimento negro por ser a data em que Zumbi dos Palmares foi executado pela Coroa portuguesa.”

Observando este recorte, percebe-se que acontece um esclarecimento sobre o porquê do dia da Consciência Negra, mostrando a importância dos quilombos nesta luta pela liberdade e justiça dos negros. Ainda assim, faltou um relacionamento desses quilombos com o povo mineiro, afinal, Minas teve muitos quilombos em suas terras e que, ainda hoje, são refletidos nas festas típicas de reinado e congadas de várias de suas cidades.

A semana 2 de Arte mostra a história do teatro no Brasil, iniciando o texto com este parágrafo: *“Uma das primeiras manifestações do teatro no Brasil ocorreu no século XVI como forma de catequização. O teatro era utilizado pelos jesuítas para instruir religiosamente os índios e colonos. O padre Anchieta e um dos principais jesuítas que utilizou estes tipos de representações que eram chamadas de ‘teatro de catequese’. Esse teatro possuía uma preocupação muito mais religiosa do que artística, os atores eram amadores e não existiam espaços destinados a atividade teatral, as peças eram encenadas em praças, ruas, entre outros.”*

Podemos perceber neste parágrafo que os índios eram considerados seres da natureza que precisavam ser instruídos religiosamente e o teatro era uma ferramenta usada pelos jesuítas nessa instrução. Porém, não acontece um trabalho relacionado ao silenciamento indígena e a toda sua contribuição ao legado mineiro.

Aparece uma valorização da cultura mineira mostrada de uma forma bem breve na semana 4, ao discutir sobre “A Casa da Ópera de Ouro Preto”, o mais antigo teatro em funcionamento das Américas, patrimônio material da humanidade, não mencionando relação alguma com teatros ou casas de apresentações da cidade local do educando.

Tomemos o PET 4, semana 2 de Química, que conta a criação da pólvora pelos chineses no século IX e a importância do explosivo para mineração, desde que usada dentro das normas de segurança. Mesmo trazendo o assunto sobre a mineração, não ocorre uma ligação com as minas do Estado, as quais fizeram crescer os olhos dos portugueses e que foi uma das principais atividades responsáveis pela formação do povo mineiro.

A semana 1 de Geografia trabalha os meios de transportes, mostrando a história do transporte no Brasil que começa em 1852, quando o Barão de Mauá recebeu a concessão para criar uma linha férrea no Rio de Janeiro. Repetindo o padrão, há deficiência de conexão pois não há uma aproximação dessa história com a cultura do carro de boi, por exemplo, meio de transporte muito utilizado em Minas na época da mineração e símbolo cultural de muitas cidades interioranas. Não contém sequer uma questão pessoal na qual o educando possa citar os tipos de transportes que ainda são utilizados em sua região.

Arte traz em sua semana 4 o texto “Conhecendo alguns Patrimônios Culturais Imateriais de Minas Gerais”, e no seu primeiro parágrafo cita: “*Os Saberes, Linguagens e Expressões Musicais da viola foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial do estado de Minas Gerais no dia 14 de junho de 2018. A viola é definida como um instrumento musical constituído, comumente, por dez cordas de cinco ordens duplas ou triplas, por um formato acinturado e eventualmente, por adornos de madeira chamados de marchetaria. Embora receba diversas terminologias como: Viola Sertaneja, Paulista, de Queluz, de Arame, Mineira, ou puramente Viola – e mais conhecida por Viola Caipira.*” O texto fala também sobre a Folia de Reis, patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais, mostrando as variações de nomes de acordo com a localidade como Reisado e Festa de Santos Reis, entre outros. Percebemos que ocorre de uma forma não tão profunda a valorização da cultura mineira local, chamando a atenção dos alunos para os patrimônios culturais que Minas possui e que fazem parte de suas realidades.

Analisando o PET 5, semana 4 de História, encontramos uma gravura representando os conflitos no mundo contemporâneo:

Figura 5 – Figura da semana 4 de História



Fonte: <http://josecarlosalexandre.blogspot.com/2010/05/relacoes-perigosasbrasil-israel.html>. Acesso em 15 ago. 2020

A guerra que envolve o Oriente Médio é algo triste e preocupante para o mundo todo. Porém, puxando essa ilustração para nossa realidade, quantos índios e negros foram

silenciados no processo de ocupação/fundação de nossas cidades? E quantas pessoas ficaram em cima do muro ou faziam de conta que não enxergavam? Ou colocavam esses extermínios e/ou escravidões em nome de Deus? E tudo isso é refletido em nossa cultura local, até hoje, então, por que não conhecer melhor?

Apesar de a Filosofia trazer assuntos sobre os sofistas, o conhecimento na Idade Média, o antropocentrismo, o século XXI e o espetáculo da razão, não ocorre uma relação desses conteúdos com o Estado mineiro e o teocentrismo que envolvia os portugueses na exploração das minas e que foram eixos para toda uma cultura religiosa que paira até hoje nas cidades mineiras.

Prosseguindo nossa análise, tomemos o PET 6, semanas 1 e 2 de Física, o qual traz o assunto sobre o magnetismo: *“Os ímãs são de origem natural ou artificial, ímãs naturais são rochas vulcânicas compostas por óxido de ferro. A magnetita é um exemplo de ímã natural e foi o primeiro material em que propriedades magnéticas foram observadas. Essas rochas foram inicialmente descobertas na cidade Magnésia, que deu origem ao nome “magnetismo” e tem a propriedade de atrair pedaços de ferro.”*

Não ocorre uma aproximação da magnetita com outras pedras que foram exploradas em terras mineiras no passado e ainda hoje, sendo que toda essa exploração remota foi responsável por grande parte da formação cultural de Minas.

A semana 1 de Geografia fala sobre a Primeira Guerra Mundial, mas como aconteceu no PET1, na semana 1 de História, também não acontece um elo com exploração de pedras em Minas Gerais que forneciam matéria prima utilizadas na fabricação dessas armas.

A semana 1 de História traz o tema “A relação entre Mercantilismo e o Tráfico Negro”, tendo na questão 4, uma relação do trabalho indígena com o trabalho negro escravizado:

(FUVEST 2012) “Os indígenas foram também utilizados em determinados momentos, e sobretudo na fase inicial [da colonização do Brasil]; nem se podia colocar problema nenhum de maior ou melhor “aptidão” ao trabalho escravo [...]. O que talvez tenha importado é a rarefação demográfica dos aborígenes, e as dificuldades de seu apresamento, transporte, etc. Mas na ‘preferência’ pelo africano revela-se, mais uma vez, a engrenagem do sistema mercantilista de colonização; esta se processa num sistema de relações tendentes a promover a acumulação primitiva de capitais na metrópole; ora, o tráfico negro, isto é, o abastecimento das colônias com escravos, abria um novo e importante setor do comércio colonial, enquanto o apresamento dos indígenas era um negócio interno da colônia. Assim,

os ganhos comerciais resultantes da preação dos aborígenes mantinham-se na colônia, com os colonos empenhados nesse 'gênero de vida'; a acumulação gerada no comércio de africanos, entretanto, fluía para a metrópole; realizavam-na os mercadores metropolitanos, engajados no abastecimento dessa 'mercadoria'. Esse talvez seja o segredo da melhor 'adaptação' do negro à lavoura... escravista. Paradoxalmente, é a partir do tráfico negreiro que se pode entender a escravidão africana colonial, e não o contrário."

(Fernando A. Novais. Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 105. Adaptado).

Percebe-se que escravizar o índio não era tão vantajoso quanto traficar negros da África pra serem escravos no Brasil. Ainda, aqui também não ocorre uma ligação de quanto os índios em suas lutas contra o apresamento e os negros em sua escravidão e fugas contribuíram para a cultura local das terras mineiras.

A Língua Inglesa traz, na semana 4, a história do dia de ação de graças nos Estados Unidos, mostrando como os peregrinos foram bem recebidos pelos americanos e pelos índios vermelhos nativos, e quanto contribuíram para cultura americana. Porém, também não acontece uma comparação com os índios brasileiros que foram silenciados de muitas histórias de formação/ocupação das cidades, apesar de sua cultura permanecer viva no local.

A semana 3 de Educação Física aborda o tema sobre o jogo de xadrez, mostrando que as regras evoluíram de acordo com as mudanças sociais das diversas épocas, mostradas no trecho a seguir, retirado do texto "Um lance de sorte":

"O poder feminino - No século XIX, a ascensão das rainhas Isabel II (Espanha) e Vitória (Inglaterra) deram força à rainha no xadrez. Hoje a peça se movimenta em quantas casas quiser em qualquer direção, e é a mais ofensiva do jogo. Mas não ameaça a supremacia do rei. "Ainda somos machistas", diz Marcelo. O xeque-mate continua sendo aplicado somente sobre ele.

O povo no poder - Outra peça que ganhou poder foi o peão. Quando chega à última linha do lado adversário, pode ser trocado por qualquer peça, exceto o rei. A jogada reflete o pensamento liberal dos séculos XVIII e XIX, segundo o qual qualquer pessoa podia subir na vida, embora jamais chegasse a rei.

O preconceito - As cores pretas e brancas demonstram a importante influência da sociedade racista e poderosa com relação à evolução e construção das regras do jogo. "No sorteio aquele que fica com as peças brancas é quem começa o jogo". "A rainha branca não começa na casa preta". (Fonte: Revista Nova Escola - maio de 1998.)

Mesmo no jogo de xadrez percebemos o preconceito embutido nas regras de maneira sutil, refletindo uma sociedade branca e racista. Aqui poderia ocorrer uma relação das peças pretas com o tráfico de negros trazidos da África para serem escravizados no Brasil, sendo que muitos deles eram reis e rainhas em sua terra natal. E tais regras permanecem até hoje no jogo de xadrez, mostrando que essa sociedade arbitrária continua existindo/resistindo.

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades - para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. (HALL, 2006, p. 17).

Tomando para análise o PET 7, semana 4 de Língua Portuguesa, traz o texto sobre preconceito linguístico:

“O Preconceito Linguístico Deveria Ser Crime

por Marta Scherre

O preconceito linguístico atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar.”

FONTE:

<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI11051517774,000+PRECONCEITO+LINGUISTICO+DEVERIA+SER+CRIME.html>>. Acesso em: 03 out. 2020.

Apesar de abordar um tema tão significativo quanto o preconceito linguístico, não ocorre uma ligação com o “mineirês” - jeito dos mineiros falarem – e nem mesmo com o silenciamento das línguas indígenas que eram faladas no nosso país e deixaram de existir pelas enunciações que ocorreram. Silva (2016) nos diz que tudo que escrevemos ou dizemos carrega sentidos.

Para Dias (1996) uma língua é menos do que podem prever as regras de um modelo gramatical porque acontecem enunciados e condições específicas de sua formação.

Continuando nossa análise na disciplina de Sociologia, semana 1, temos o tema: “Povos indígenas e sua relação com a terra”, tomando um recorte do texto, “Os povos indígenas e o território”: “*Uma característica recorrente das culturas ameríndias (povos*

indígenas das Américas), de norte a sul, é a forma como consideram o que é a humanidade. Para esses povos os animais, as plantas e outros elementos da natureza como os rios, são dotados de espírito e por isso também possuem humanidade. Nessa perspectiva, uma onça, por exemplo, é tão humana quanto a pessoa indígena, tendo apenas um corpo diferente. O que a onça vê quando vê o indígena é o mesmo que ele vê quando vê os animais que caça. As culturas indígenas consideram humano tudo aquilo que a cultura dominante brasileira (ocidental) considera “não humano” na natureza.”

E a semana 2 traz o tema sobre Povos e comunidades quilombolas, mostrando os quilombos que existiram em Minas pelo fato de que o estado recebeu uma grande quantidade de pessoas negras vindas de países africanos colonizados pela coroa portuguesa. Traz, inclusive, o depoimento de Ana Emília Moreira, moradora de um quilombo:

Quilombola pra mim é uma história. Quilombola pra mim é dizer pra esse país que eu não queria vir pra cá – me trouxeram. Dizer pra esse país, desconstruir ele pra construir o país que nós precisamos, porque quem faz, quem conta essa história, somos nós (...) Dizer pra esse país que quilombola é gente. Que quilombola é fruto de um país onde há muito massacre. Dizer pra esse país que eu preciso de escola boa, que eu preciso de saúde – que eu não só preciso, eu tenho direito. (ÁGUAS, 2012, p. 143)

Notamos nas semanas 1 e 2 de Sociologia que acontece uma relação dos temas estudados com a regionalidade mineira, porém de uma forma básica e superficial, onde os índios e negros são espelhos vivos de uma atrocidade da época da colonização e que suas crenças e costumes são refletidos até hoje na nossa cultura. Mostra que os direitos que foram e que, muitas vezes, ainda são negados a essa população, por isso a importância de conhecer e meditar sobre a escravidão brasileira nos dias atuais.

E os mecanismos que tornam alguém escravo são muitos. A falta de reflexão leva a isso, mas nessa sociedade, em que os padrões são impostos por uma minoria, a grande maioria apenas os repete sem se dar conta do que diz, daquilo pelo que opta, por que diz ou por que opta [...] Como não há muito conhecimento, como a reflexão está distante, manda quem pode e obedece quem não conhece. (CHALITA, 2004, p. 73)

A semana 2 de Arte nos expõe o movimento armorial, fundado por Ariano Suassuna, que englobava todas as formas de expressões artísticas como a literatura, a música, o teatro e as artes visuais de forma integrada para trabalhar a riqueza da cultura do Nordeste. Na atividade pedida, acontece uma correlação com a cultura local, de maneira a valorizar a cultura mineira junto ao educando:

“Organize um evento que irá enaltecer nossa cultura mineira. Cite exemplos do que os convidados irão apresentar.

- 1 - Comidas típicas:
- 2 - Arquitetura:
- 3 - Escultura:
- 4 - Pintura:
- 5 - Danças:
- 6 - Música:
- 7- Literatura:
- 8 - Cinema:
- 9 - Festas regionais:
- 10 - Você acrescentaria mais alguma coisa?
- 11 - Escolha o local do evento:”

Na semana 3 também acontece uma correspondência do assunto abordado: “A Arte Neobarroca”, de Beatriz Milhazes, com a cultura local, ainda que de forma básica, na atividade proposta:

“01 - O trabalho de Beatriz Milhazes resgata uma forma de arte tipicamente brasileira, presente em muitos Estados do Brasil. Em sua região, existem monumentos ou edifícios no estilo barroco?”

Percebe-se, assim, uma pequena relação do conteúdo com a cultura local do aluno, em relação ao barroco, mas de forma discreta.

Educação Física, na semana 2, trata dos jogos indígenas, tendo por objetivo a integração das diferentes tribos, assim como o resgate e a celebração dessas culturas tradicionais, sendo que a primeira edição aconteceu em 1996. Ocorre uma ligação dos costumes indígenas sob o foco esportivo: canoagem, arco e flecha, cabo de guerra, corrida com tora e *Xikunahity* (futebol de cabeça) como herança cultural local deixada para nós, consequência de um processo de fundação/ocupação das cidades mineiras. Mas, pensemos um pouco: o índio, dono da terra, perseguido e exterminado no passado pelo homem branco, vive em um presente de proteção, porque está em extinção. Quanta antítese evolutiva, quem exterminava, hoje protege?

Vamos agora para o PET 300 anos. Trabalhado juntamente com o PET 6 para comemoração dos 300 anos de Minas Gerais, no Guia de Orientações para Professores (as) e Gestores (as) Escolares Plano de Estudo Tutorado (PET) 300 Anos de Minas Gerais, disponibilizado pela Secretaria de Estado de Educação (SEE), é apresentado o porquê deste

PET Comemorativo. Nos trechos retirados deste Guia, percebe-se a preocupação com a valorização da cultura mineira, bem como a trajetória de formação de seu povo, além de estar conectado com a BNCC e o CRMG.

[..] Assim, este Guia de Orientações, bem como o PET Comemorativo dos 300 Anos de Minas Gerais foram elaborados com a contribuição da área de Educação das Relações Étnico-raciais, objetivando que as atividades possam ser realizadas considerando a passagem do Tricentenário nas escolas públicas estaduais, rememorando a trajetória do povo mineiro, a construção e o desenvolvimento do Estado de Minas Gerais. (MINAS GERAIS, 2020, p. 2)

E a orientação para trabalhar o PET 300 continua:

[..] Nesse sentido, recomendamos que seja considerada a representatividade da população Afro-brasileira no território mineiro, nas abordagens disciplinares, textos e materiais selecionados, para os trabalhos que serão desenvolvidos pelas unidades escolares. Esperamos que a realização de estudos temáticos integrados que possam abarcar diversas áreas do conhecimento, desenvolvendo habilidades e competências na perspectiva da formação integral dos estudantes. Dessa forma, esta proposta pretende conectar os pilares fundamentais da educação - aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser¹, incentivando, o conhecimento e as práticas de convivência democrática integradas aos princípios do Currículo Referência de Minas Gerais - CRMG e aos propósitos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. (MINAS GERAIS, p.2-3)

O PET 300 anos possui duas versões: uma para o Ensino Fundamental Anos Iniciais e outra para o Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio. A atividade deste PET Comemorativo consiste na escrita de uma carta pelos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, enquanto os alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais é um desenho. Ambas as atividades tem o propósito de registrar, seja pelo desenho ou pela carta, o que para eles representa o Estado de Minas Gerais a partir de seus estudos, percepções e experiências pessoais. (MINAS GERAIS, 2020)

Tomamos para análise o PET 300 do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, sendo um PET interdisciplinar com carga horária de 100 horas com as seguintes competências do CRMG:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. (MINAS GERAIS, 2020, p.4)

¹ DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 89-102

Este PET, sem sombra de dúvida, mostra a cultura mineira por vários ângulos desde a arquitetura das cidades históricas até a tão apetitosa culinária. Ele se inicia contando o porquê dos 300 anos de Minas: *“O desbravamento da localidade que hoje compreende o Estado de Minas Gerais, na região Sudeste, atualmente composta por 853 municípios, se iniciou no século XVI, por meio do trabalho dos bandeirantes, em busca de ouro e pedras preciosas. Em 1709, foi criada a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro que, em 1720, foi desmembrada em São Paulo e Minas Gerais.”*

Em seguida, aborda sobre o ciclo da mineração e o povoamento do Estado, fazendo um voo panorâmico sobre as cidades da rota do ouro, mostrando seu surgimento e nomeação, como mostrado sobre a cidade de Serro: *“Em 1701, teve início o arraial que daria origem à atual cidade do Serro, centro da exploração de ouro na região. O primeiro nome de que se tem notícias foi Arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro do Frio, dado em 1702. Em 1714, o povoado foi elevado à vila, recebendo o nome de Vila do Príncipe.”*

Observamos neste texto que não ocorre uma contemplação sobre a vida indígena que ali existia. A história da cidade já começa com o arraial e percebe-se esse processo nas demais cidades mencionadas nesta rota do ouro. Elas surgem, são povoadas, fundadas, exploradas e, em momento algum, aparece o índio como habitante e dono dessas terras.

Os negros são mencionados na parte da mineração, o trabalho escravo que trouxe da África técnicas desenvolvidas para a exploração das minas, uma vez que no continente africano, já acontecia essa exploração.

O PET comemorativo traz as comunidades tradicionais, ou seja, as comunidades quilombolas e indígenas que existem, ainda hoje, em terras mineiras, mencionando suas contribuições para a cultura do Estado. Traz personalidades que marcaram época e cultura em Minas como: *“ANASTÁCIA - Mulher escravizada, nascida em Pompéu, município situado a 168 km de Belo Horizonte, no dia 12 de maio de 1740 - data e local de morte incertos. É uma personalidade religiosa, de devoção popular brasileira, cultuada informalmente pela realização de supostos milagres;”* Aleijadinho, Manuel da Costa Ataíde, Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras escritoras negras do país; Clara Nunes, Juscelino Kubitschek, entre outros.

Na parte gastronômica, mostra as contribuições negras, europeias e indígenas na cozinha mineira: *“A composição da cozinha tradicional e típica mineira funde hábitos e ingredientes europeus, indígenas e africanos, sendo alguns dos principais pratos da*

gastronomia regional mineira: o feijão tropeiro, o angu de milho verde ou de fubá com frango, a paçoca de carne seca, farofa, couve, lombo e o pernil assados, leitão à pururuca, torresmo, tutu e toda uma série de pratos nos quais predominam as carnes de porco e de frango.” Traz, inclusive, os doces em compotas, preferência pelo doce em vez da fruta, influência portuguesa que se mantém até hoje na mesa mineira.

A arquitetura barroca também é valorizada no PET 300: *“Minas Gerais reúne o mais importante acervo arquitetônico e artístico do período colonial brasileiro. Sob influência do barroco europeu, mas com características peculiares, a arquitetura mineira nos séculos XVIII e XIX desenvolveu-se, sobretudo, nas regiões de Ouro Preto, Diamantina, Serro, Mariana, Tiradentes, Sabará, São João Del-Rei e Congonhas.”*

Apresenta o diversificado artesanato de Minas, mostrando o trabalho em pedra sabão, argila, madeiras, couro, além dos bordados, trançados em talas, bambus, fibras têxteis, crochês e tricô. Destacam-se também as obras artesanais em funilaria, tecelagem e em prata.

Até a medicina popular é cultura mineira, sendo que os benzedeiros e raizeiros ainda são procurados até hoje para receitar chás, banhos e fazer simpatias para cura de doenças ou mal estar.

Encerra-se o PET 300 com o texto palavras finais, do qual extraímos esse recorte: *“Minas Gerais é um Estado de encontro de povos e, por isso, apresenta ampla e diversa expressão cultural em seus mais variados registros, tanto no passado, quanto no presente. O reconhecimento de nossa diversidade e o respeito às expressões culturais devem fazer parte do cotidiano da sala de aula de forma a contribuir para a convivência social autônoma e respeitosa. As muitas Minas Gerais já evocadas pelo grande Guimarães Rosa são palco de um jeitinho próprio de cozinhar, de cultivar a terra, de conversar, de dançar, de expressar, de ser, que denotam características próprias de um povo que em sua diversidade consegue construir sua identidade.”*

Este PET Comemorativo traz muito de Minas de forma enriquecedora e chamativa com textos e gravuras que despertam grande interesse no educando em conhecer mais do seu Estado e, conseqüentemente, ter suporte e argumento para a escrita da carta. Porém, ainda assim, deixa uma lacuna no que diz respeito ao processo de ocupação/ fundação das cidades mineiras e seu reflexo na cultura local como forma de perceber que povos ali estiveram/estão e que culturas instituíram/ instituem nesses locais.

Esse Plano de Estudo Tutorado (PET) é um material muito bem feito e confeccionado pela SEE, riquíssimo para o bom atendimento do estudante mineiro. Ainda sim, percebe-se

que não acontece uma valorização e conhecimento da cultura local e quando acontece é de forma genérica. Por isso, se faz necessário um material que preencha essa brecha no trabalho da cultura local como consequência de um processo de ocupação/fundação das cidades, refletidas, inclusive, em seus nomes, como forma de saber que povos ali estavam/estão e que culturas se instituíram/instituem, daí a importância do Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras. Isso porque a nossa área de estudo que é o ensino é uma área inter, multi e transdisciplinar, sendo prioritária a criação de um material que atenda a todas essas pautas, de forma intensa e agradável.

5. METODOLOGIA DE ENSINO: LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL

O produto educacional desenvolvido nesse estudo foi a Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e da História Local das Cidades Brasileiras, embasada na Semântica do Acontecimento de Guimarães (2018).

Semântica do Acontecimento, como fundamento para se pensar a relação da linguagem com o mundo, com as coisas, com o real. A designação faz parte do modo de a linguagem significar o mundo, tornando possível falar dele, tornando possível, inclusive, fazer referências às coisas. (GUIMARÃES, 2018, p. 7).

A criação do referido produto educacional deu-se com a pesquisa bibliográfica, documental, qualitativa com narrativas orais.

Metodologia, segundo o site Significados (2021), é uma palavra derivada de “método”, do Latim “*methodus*” cujo significado é “caminho ou a via para a realização de algo”. Método é o processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento. “Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 83)

Podemos dizer, então, que os métodos de ensino são as ações do professor pelas quais se organizam atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico. Eles regulam as formas de interação entre ensino e aprendizagem, entre professor e alunos, cujo resultado é a assimilação consciente dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas dos alunos. (BARBOSA, 2006, p. 95)

Existem as metodologias passivas e ativas que se fazem bem presentes no ambiente escolar. As metodologias passivas são as mais tradicionais e os estudantes são receptores do conhecimento transmitido pelo docente, ocorrendo uma memorização de conteúdos. Já as metodologias ativas compreendem novas formas de ensino, sendo o aluno o centro do processo ensino aprendizagem. Garofalo (2018) nos diz que o principal objetivo deste modelo de ensino é incentivar os alunos para que aprendam de forma autônoma e participativa a partir de problemas e situações reais. Por isso busca a interdisciplinaridade, os recursos tecnológicos e o desenvolvimento de competências e habilidades, fazendo dos estudantes protagonistas no processo ensino aprendizagem. A proposta é que o estudante esteja no centro do processo de aprendizagem, participando ativamente e sendo responsável pela construção de conhecimento.

Fonseca (1995) aponta que para aprender é necessário que exista uma relação integrada entre o indivíduo e o seu meio, pois o produto aprendizagem é fruto de uma relação de condições externas e condições internas.

Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras é uma metodologia ativa de leitura que permite a participação do aluno nesta busca dinâmica pela cultura e história de sua cidade. Esta metodologia tem como complemento um documentário e/ou vídeo que pode ser produzido pelos próprios alunos, com a orientação do professor, como maneira de ouvir a história e conhecer a cultura de sua cidade, contada/mostrada pelos seus moradores, pessoas que vivem neste lugar e que tem muito a dizer dali.

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras traz os procedimentos de análise da Semântica do Acontecimento.

Nosso procedimento de análise deve ser apropriado para analisar enunciados existentes (com seus modos de relação), enquanto enunciados de textos. Mas não se trata de construir um corpus específico. Trata-se de poder, a partir da análise de enunciados específicos, poder formular o modo como funcionam expressões em línguas diversas quando enunciadas.” (GUIMARÃES, 2018, p. 75)

Com essa Metodologia de Ensino Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, o aluno torna-se protagonista nesta descoberta/redescoberta das histórias que envolvem sua cidade, que povos que ali estiveram e que povos ali estão, que culturas se instituíram e se instituem neste lugar. E assim, torna-se proprietário desse saber cultural e linguístico. O gentílico cristalense, cachoeirense, canaverdense enuncia a identidade que temos como cidadãos; de acordo com Guimarães (2018) essa noção de pertencimento se constitui da (re)nomeação dos lugares, pois o acontecimento que enuncia o nome da cidade e suas reescrituras recorta como memoráveis outras enunciações já ditas em outro lugar.

Isto porque, os sentidos de um termo não são unívocos e nem sinonímicos, eles são múltiplos, contraditórios muitas vezes e isso se deve ao fato de os sentidos serem construídos no acontecimento do dizer. (GUIMARÃES, 2018).

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras surgiu exatamente da necessidade de desenvolver nos alunos uma leitura dinâmica com o propósito de compreender um texto nas suas linhas. O PISA, que no Brasil em 2018, foi feita por 10.691 alunos de 15 anos de 638 escolas, constatou que apenas 2% dos estudantes brasileiros atingiram o nível 5 e 6 de proficiência em leitura. Esses são estudantes que compreendem textos longos, sabem lidar com conceitos abstratos e contraintuitivos, e

diferenciam fato de opinião, enquanto o restante dos estudantes são analfabetos funcionais, conseguindo retirar somente informações explícitas de um texto.

Outro ponto que contribuiu para a criação desta metodologia foi o fato de pouco se falar e se estudar sobre a cultura local das cidades brasileiras no ambiente escolar. Apesar dos documentos que regularizam a educação no país contemplarem a importância desse estudo, os livros didáticos não trazem esse trabalho e quando o fazem é de forma bem genérica. Então, a Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura/História Local das Cidades Brasileiras veio unir o útil ao agradável, trabalhando a leitura de uma forma ativa e compreensiva, enquanto realiza, simultaneamente, este estudo da história/cultura local (tempo e espaço), que envolvem o (re)nomear desses municípios.

Não é um método de leitura comum, mas uma leitura da cultura e da história local de determinada cidade, mostrando que povos estavam e que povos estão neste local. Que culturas foram instituídas e que culturas ainda se instituem. Que povos foram silenciados no processo de fundação/ocupação desse município. E que nomes essas culturas, esses povos determinaram e/ou determinam para este local.

Só podemos dizer que o sentido é trabalhado nos vários textos porque ele é histórico. É o ser histórico que proporciona a intertextualidade. O fato de ser histórico significa nesse caso ser do domínio maior do que o domínio dos textos. Há uma memória que é anterior aos textos, e é devido a ela que temos a intertextualidade, é ela que traz as condições para que vários textos contraiam relações e passem a fazer parte do mesmo domínio, da mesma formação discursiva, vale dizer. (DIAS, 1996, p.67)

Para construir este método de leitura foram desenvolvidos os seguintes passos:

1. Fazer uma leitura reconhecimento do texto oficial que conta o processo de fundação/ocupação da cidade encontrado no site da prefeitura. Quando, por acaso, não houver este texto no site da prefeitura, buscar outros textos oficiais como no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o hino da cidade, dentre outros.
2. Partir para uma leitura analítica: retomada do texto observando as transversalidades, enunciações, reescriturações, articulações;
3. Registrar e definir as designações – reescrituras dos nomes das cidades - tempo/espaço;
4. Registrar e definir as apresentações nas tabelas e gráficos das observações;
5. Migrar para outros textos buscando compreender, especificamente, sobre as relações culturais ainda presentes no município que marcam a presença de distintos povos;
6. Propor uma transversalidade exógena deste texto trabalhado, fazendo uma busca ativa nessa cultura local com coleta de depoimentos, entrevistas, filmagens, vídeos ou até mesmo

um documentário de curta metragem junto aos moradores, monumentos, relíquias materiais e imateriais como formas de perpetuar toda cultura/história que envolve este lugar. É uma maneira de dar voz e vez aos silenciados pela enunciabilidade de determinada época e perceber que povos instituíram e que povos instituem esse lugar;

7. Montar os DSDs (Domínio Semântico de Determinação);

8. Considerando os gráficos, analisar e discutir o processo designativo de reescrituras dos nomes dos municípios, seus significados e suas significações;

Assim, a Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras proporciona um estudo designativo de determinada cidade, isto é, mostra o sentido que está posto em todo esse processo histórico, social e cultural que reveste esse município. Por isso, considera-se um método de leitura que desenvolve habilidades de análise e compreensão, pois acontece uma relação de memoráveis, mostrando que os sentidos postos em um texto não são estáveis.

Tudo aquilo que escrevemos ou dizemos carrega sentidos a partir de sua inscrição histórico-social, e é na trama do seu contexto de produção que a significação se constrói e ganha forma. Com isso, queremos dizer que os sentidos que a fala e a escrita carregam não são configurados apenas pelas suas formas linguísticas, mas pelos contextos em que são realizados. (SILVA, 2006, p. 22).

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local traz como artefato um documentário de curta metragem e/ou um vídeo como forma de propiciar ao educando a posse da leitura e escrita de maneira prazerosa e competente, partindo da sua cultura local, da história de sua cidade. Isso porque, quanto à montagem dos DSDs, faz-se necessário esse movimento de transversidade endógena e exógena que envolve o acontecimento social do dizer para nossa busca de que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/instituem naquele lugar. Este documentário vem como forma de dar voz aos munícipes que tem a história de seu município contada por um Locutor (L) oficial que fala em nome de todos eles. Então, o documentário vem ouvir e mostrar a história e a cultura deste lugar contada por seus cidadãos que se tornam protagonistas neste acontecimento do dizer.

Essa Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras chega aos professores no formato de uma cartilha, com uma linguagem básica e de fácil entendimento, no intuito de ser trabalhada no 3º Ano de Ensino Médio no conteúdo de História. Entretanto, a mesma pode ser adaptada a qualquer série/ faixa etária ou conteúdo, uma vez que se trata de um método ativo, inter, multi e transdisciplinar no estudo da cultura e

história local de determinada cidade, de modo a buscar os silenciados nestes acontecimentos do dizer.

Trata-se, no caso, de encontrar acontecimentos de enunciação específicos que apresentem uma relevância para se refletir sobre a questão da linguagem e seu modo de produzir sentido. Estas sondagens colocarão, em pauta, enunciados existentes, em textos existentes, e poderão ser relacionadas com outras sondagens que podem confirmar, infirmar, aprofundar, modificar o que se conseguiu com sondagens já realizadas. (GUIMARÃES, 2018, p.18)

Diante desta metodologia, estrutura-se o Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras – Vol. 1, como um material didático, impulsionador na preservação e valorização da cultura local, para ser trabalhado em toda Educação Básica. Os documentos que normatizam a educação no Brasil trazem a importância de trabalhar a cultura local nos conteúdos escolares, mas os livros didáticos apresentam deficiência para realizar essa contemplação. Percebe-se grande utilidade na elaboração deste Atlas como ferramenta pedagógica propícia a preencher essa lacuna, de forma interdisciplinar e inclusiva.

5. 1. Descrição do produto

5.1.1 Escolha do Corpus

O corpus inicial se constituiu das doze cidades que compõem a S.R.E (Superintendência Regional de Ensino) de Campo Belo: Aguanil, Camacho, Campo Belo, Cana Verde, Candeias, Cristais, Lavras, Perdões, Ribeirão Vermelho, Santana do Jacaré, Santo Antônio do Amparo e São Francisco de Paula. Um trabalho que consiste, especificamente, em um estudo semântico enunciativo sobre as nomeações e renomeações, procurando entender a designação constante num dinamismo de reescritura que compreende o nomear e o renomear desses municípios. E no estudo de todo esse processo, saber que povos que ali estiveram e que povos ali ainda estão mostrando as culturas que se instituem nesses locais como reflexos de todo esse processo de ocupação/fundação.

Porém, no decorrer do desenvolvimento do trabalho, o corpus se alterou, pois outros pesquisadores, do Mestrado Gestão, Planejamento e Ensino da UninCor, assumiram algumas cidades. Então, nosso novo corpus se compôs das cidades de Aguanil, Campo Belo, Cana Verde, Candeias, Cristais, Perdões e Santana do Jacaré. Isso ocorreu porque o trabalho foi realizado por escolas desses municípios, uma vez que os professores envolvidos na aplicação do produto - Metodologia de Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras - acharam mais viável para envolverem os alunos, lerem a cultura e a história de sua própria cidade.

5.1.2. Unidades de análises

Para análise da cultura e história local do nosso corpus inicial, objetivando conhecer que povos passaram e que povos estão e que culturas se instituíram nos municípios da S.R.E (Superintendência Regional de Ensino) de Campo Belo, consultamos os textos oficiais do site da prefeitura de cada um. Nesses textos nos foi possível conhecer o surgimento dessas cidades, envolvido em um processo de ocupação, fundação e (re)nomeação.

Tabela 1 – Endereço dos sites das prefeituras da S.R.E de Campo Belo

CIDADE	SITE DA PREFEITURA
Aguanil	https://aguanil.mg.gov.br/portal/servicos/1002/historia/
Camacho	http://www.camacho.mg.gov.br/pagina/5301/Sobre%20a%20cidade
Campo Belo	https://www.campobelo.mg.gov.br/portal/servicos/1003/historia-de-campo-belo/
Cana Verde	https://www.canaverde.mg.gov.br/cont_pag1.asp?pag=41
Candeias	https://www.candeias.mg.gov.br/portal/servicos/1001/candeiasmg/
Cristais	https://www.cristais.mg.gov.br/portal/servicos/1005/historia-do-municipio/
Lavras	https://www.lavras.mg.gov.br/artigo/historia-de-lavras/MTUwOA
Perdões	https://www.perdoes.mg.gov.br/historia
Ribeirão Vermelho	http://www.ribeiraovermelho.mg.gov.br/cont_pag1.asp?pag=41
Santana do Jacaré	http://www.santanadojacare.mg.gov.br/pagina/7147/Hist%C3%B3ria
Santo Antônio do Amparo	http://stoamparo.web21f10.uni5.net/cont_pag1.asp?pag=41
São Francisco de Paula	http://www.saofranciscodepaula.mg.gov.br/pagina/11362/Hist%C3%B3ria

Fonte: sites das prefeituras municipais das cidades da S.R.E de Campo Belo

Neste processo de análise e busca ativa em outros textos nos possibilitou perceber que muitos povos e culturas não são mencionados nos textos oficiais. Segundo Souza (2017), texto no sentido de manifestação de linguagem pode ser uma palavra, um número, uma imagem ou ainda um depoimento. Texto é uma relação histórico social e carregado de sentido passa a ser uma designação. Um fato curioso neste estudo da história de fundação/ocupação das cidades da S.R.E de Campo Belo, foi a cidade de Candeias que não tem sua história contada no site da prefeitura. Encontramos sua história no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística): < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/candeias/historico>>.

Nota-se que a história oficial dos municípios é contada por um locutor oficial, aquele que está autorizado a dizer em nome de todos os munícipes. E assim, sua fala traz a enunciabilidade propícia para aquela ocasião/situação, ou seja, acontecimentos que não convém para aquele tempo/espaço são ofuscados.

Os falantes não são os indivíduos, as pessoas que falam esta ou aquela língua. Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam. Neste sentido, falantes não são pessoas na atividade físico-fisiológica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço da enunciação. (GUIMARÃES 2002, apud GUIMARÃES 2018 p.25)

Assim, esta fala oficial torna-se um dispositivo de poder – Foucault (1996) - em que a enunciabilidade pode ser ressaltada ou ocultada, dependendo da verdade imposta pelo poder daquele momento histórico social do dizer. O novo é visto como um problema, então alguns dispositivos precisam ser repetidos obsessivamente e outros omitidos na mesma proporção para que surja a verdade propícia para aquele acontecimento. A linguagem não apenas nomeia o mundo, mas o constrói.

“O acontecimento da enunciação se dá pelo funcionamento da língua num espaço de enunciação. Assim o acontecimento de enunciação toma o falante, agencia o falante como lugar de enunciação.” (GUIMARÃES, 2018, p. 75).

Assim, esta prática de atribuir nomes a coisas específicas, como a produzir uma unicidade do nome, é claramente um processo exposto necessariamente ao litígio político próprio dos acontecimentos de enunciação. E é em meio a este litígio que a referência funciona, mesmo que a designação, própria de um nome e de outro nome que renomeia o que o primeiro nomeava, seja modificada, e é sempre, pelos processos de renomeação. E a cada vez, a referência se fará em virtude da designação (com o que ela significa) que a nomeação ou a renomeação tiverem constituído numa história enunciativa específica. (GUIMARÃES, 2018, p. 215)

5.1.3. Movimentos de análise do processo de nomeação da cidade de Cristais – MG

Ao iniciar nossa pesquisa, começando pelo texto oficial encontrado nos sites das prefeituras das cidades da S.R.E de Campo Belo e fazendo várias buscas pela internet, o município de Cristais, localizado no oeste de Minas Gerais, nos chamou a atenção pelo monumento com cristais construído na praça central.

Figura 6 – Monumento localizado na praça central de Cristais - MG



Fonte: <https://images.uncyc.org/pt/thumb/4/45/Cristais.jpg/300px-Cristais.jpg>

Construído com cristais com as pontas voltadas para cima para representar toda harmonia e energias positivas que pairam sobre o lugar, o cristal da região, o quartzo hialino, é conhecido como cristal purificador, pois é capaz de limpar a aura e acalmar o sistema nervoso. Para os antigos, o quartzo simbolizava a pureza e a liberdade. Os cristais para decoração geralmente possuem pontas que ficam voltadas para cima, se conectando com energias superiores, um jeito de purificar o ambiente e eliminar a negatividade. (ISIMA, 2020)

De frente a todas essas vibrações positivas, houve um grande encantamento pela fundação de Cristais, assim, para nosso movimento de análise de que povos passaram e que povos ali estão, que culturas se enraizaram nesse lugar, escolhemos essa cidade para entender seu processo de ocupação, fundação e (re)nomeação.

Dito isso, começamos a analisar de forma endógena o texto oficial do site da prefeitura que conta a história de fundação e ocupação do município, todavia, busca-se fazer ainda uma análise exógena, migrando para outros textos, a começar pelo texto do site da Câmara de Vereadores do Município, onde essa história muda bastante. E continuando esta transversalidade exógena com textos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sobre os 500 anos do Brasil; Dois Quilombos do Ambrósio. Um em Cristais-MG outro em Ibiá-MG; Arquitetura Religiosa - Século 18; Um rei em Arcos; Rei Ambrósio de Minas Gerais e o ofuscamento da história e da memória de um líder quilombola; pesquisa da origem dos sobrenomes das famílias da cidade; programação da festa típica da cidade e narrativas orais dos cidadãos cristalenses (2021) através do documentário produzido por conta deste trabalho. (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021)

E aqui, percebe-se que o texto oficial não traz a voz e a história desses cidadãos. E para não deixar essa voz se perder no tempo, a criação de um documentário de curta metragem torna-se artefato importante da Metodologia de Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras.

5.1.3.1. O gênero documentário enquanto ferramenta eficaz no processo de identificação da história local

Discorrido todo esse potencial cultural que se faz presente em um município, percebemos a importância de eternizar essa cultura. A filmagem vem para auxiliar o trabalho do professor neste registro cultural local, já que essa cultura jamais pode se perder no tempo, uma vez que ela representa que povos ali estiveram e que povos ali estão.

E nada melhor para eternizar essa cultura que a criação de um documentário de curta metragem, cujo roteiro se encontra na seção Apêndice deste estudo. Neste tipo de filmagem os cenários são naturais, atores locais, registro *in loco*, não sendo uma ficção, mas um protocolo ao vivo e em cores da realidade local. As narrativas orais dos moradores (2021) do município de Cristais marcam uma importante etapa nessa constituição ao permitir um registro da enunciabilidade histórico do dizer.

Mello (2002) nos diz que o documentário descreve e interpreta o mundo da experiência coletiva, sendo essa a principal característica que o aproxima da prática jornalística. As informações obtidas por meio do documentário são tomadas como lugar de revelação e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa.

Assim, o documentário tem como intuito promover nos alunos uma valorização da sua cultura local e, ao mesmo tempo, se enxergarem como parte dessa diversidade.

Nossas predisposições e experiências não podem, nem devem, ser totalmente rejeitadas. Os documentários trabalham intensamente para extrair de nós as histórias que trazemos, a fim de estabelecer ligação e não repulsa ou projeção. Eles podem apelar para nossa curiosidade ou para nosso desejo de uma explicação. (NICHOLS, 2005, p. 96)

É de grande importância identificar a diversidade cultural presente na localidade do aluno em termos sociais, étnico-culturais e de procedência regional, oriundos da forma de fundação desse município, as quais muitas vezes não são mostrada de uma forma nítida no livro didático e nem no texto oficial da cidade.

Segundo Bill Nichols (2005), cada documentário tem seu tipo de voz e cada voz é como uma marca digital de determinada forma de ver o mundo histórico. O autor enfatiza seis tipos de vozes do gênero audiovisual documentário, sendo eles:

- i) Poético: enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, é uma meditação poética onde as pessoas funcionam, mais caracteristicamente, em igualdade de condições com outros objetos. Sua deficiência é ser abstrato demais;
- ii) Expositivo: esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais argumentativa do que estética ou poética. Dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam uma história, adotam o comentário com voz de Deus (o orador é ouvido, mas jamais visto). Seu ponto negativo é ser didático demais;
- iii) Observativo: propõe uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros se ocupando de seus afazeres, como se o cineasta fosse simplesmente uma mosquinha pousada na parede. Seu ponto fraco é a falta de história e até de contexto;
- iv) Participativo: há uma interação ativa com os participantes, usa imagens de arquivos para recuperar a história. Deixa a desejar por ser invasivo demais e acreditar muito nas testemunhas;
- v) Reflexivo: estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa. Porém, desfoca das questões concretas;
- vi) Performático: é um fenômeno subjetivo, carregado de afetos, diante de um discurso objetivo. Com isso, deixa uma lacuna nessa perda da objetividade e acaba sendo relegado à vanguarda (uso excessivo de estilos).

Por isso, o próprio Bill já nos mostra a liberdade na escolha do tipo de documentário, uma vez que eles não estão moldados, fechados em tanques, mas relacionados.

Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade. (NICHOLS, 2005, p.136)

O documentário permite uma liberdade no seu percurso que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Mesmo possuindo um roteiro, ele é construído ao longo de seu processo de produção, pois seu formato final se define com as filmagens, a edição e a montagem. A subjetividade não precisa ser camuflada ao narrar um fato, podendo o documentarista opinar, tomar partido, deixando claro seu ponto de vista, sem perder o foco do objeto de estudo. (MELLO, 2002, p.26)

De tal maneira percebemos que nesta busca pelo processo de ocupação/fundação da cidade de Cristais, o documentário torna-se uma ferramenta conveniente para o registro de narrativas orais, arquivos documentais e acervos bibliográficos. Nele há três pontos que se correlacionam: o ponto de vista do documentarista, o conteúdo a ser abordado e o público alvo. Por isso o roteiro é algo muito importante nessa construção, é como se fosse um itinerário de viagem que direciona esses pontos. Ele não é fixo, podendo ser mudado com o andar da produção, mas é uma base crucial para o caminho a ser trilhado.

O roteiro consiste no percurso a ser mostrado: as imagens, as fotos, as escrituras, os depoimentos, os arquivos, os textos. Tudo que foi coletado nessa busca ativa cultural colocados em uma sequência que melhor contemple o processo de surgimento dessas cidades e seu nomear e renomear. Ele é o pontapé inicial para o desenvolvimento das filmagens, podendo sofrer alterações durante a produção, mas constitui um rumo de por onde começar. O roteiro de nosso documentário encontra-se na seção apêndice.

O documentarista pode (ou não): usar a figura do locutor (on ou off); construir o filme apenas em cima de depoimentos; utilizar o recurso da reconstituição para contar a história; criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa; apresentar documentos históricos, etc. (MELLO, 2002, p. 26).

A tecnologia pode ser forte aliada nesta confecção do documentário uma vez que possibilita que o próprio professor, juntamente com seus alunos, usando celular, seja capaz dessa montagem. Assim, alguns aplicativos gratuitos de edição como InShot, iMovie, Likee.Filmr, GoPro App, KineMaster e Splice podem ser baixados no aparelho, tornando possível todo este esquema de filmagem, edição e montagem.

Na educação não há começo, não há fim: há travessias. E em cada travessia é possível a descoberta de novos caminhos na construção do saber. O gênero documentário é este velho/novo caminho no processo ensino aprendizagem, pois é capaz de retratar a cultura local e trazê-la para escola de uma forma eficaz e prazerosa.

5.1.3.2. Construindo os DSDs (Domínio Semântico da Determinação) da cidade de Cristais

Nesta Metodologia de Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras, a construção do DSDs (Domínio Semântico da Determinação) conta com gráficos que apresentam as ideias discutidas em transversalidade endógena e exógena são importantíssimos para o desenvolvimento de uma leitura enunciativa. Utiliza-se de recortes extraídos das transversalidades - endógena e exógena – que fizemos neste estudo da cidade de Cristais, aonde pretendemos mostrar que povos estiveram presentes nestas terras e que povos ainda se fazem presentes, que culturas se instituíram e que culturas se instituem neste local.

Vamos tomar como nosso primeiro recorte parte do texto oficial da história de Cristais disponível em: <<https://www.cristais.mg.gov.br/portal/servicos/1005/historia-do-municipio/>>, que chamaremos de R1.

R1

“[...]Fugindo à constante perseguição dos bandeirantes, os **índios Cataguases** se refugiaram **nesta região**, até que por volta de 1676, Lourenço Castanho Jacques, liquidou por completo aquela **feroz tribo indígena...**” (CRISTAIS, s.d.)

Nosso recorte 2 (R2) é um trecho do estudioso de línguas indígenas Teodoro Sampaio, que explica o nome cataguases como vocábulo cataguá que se compõe de caá-ata-guá.

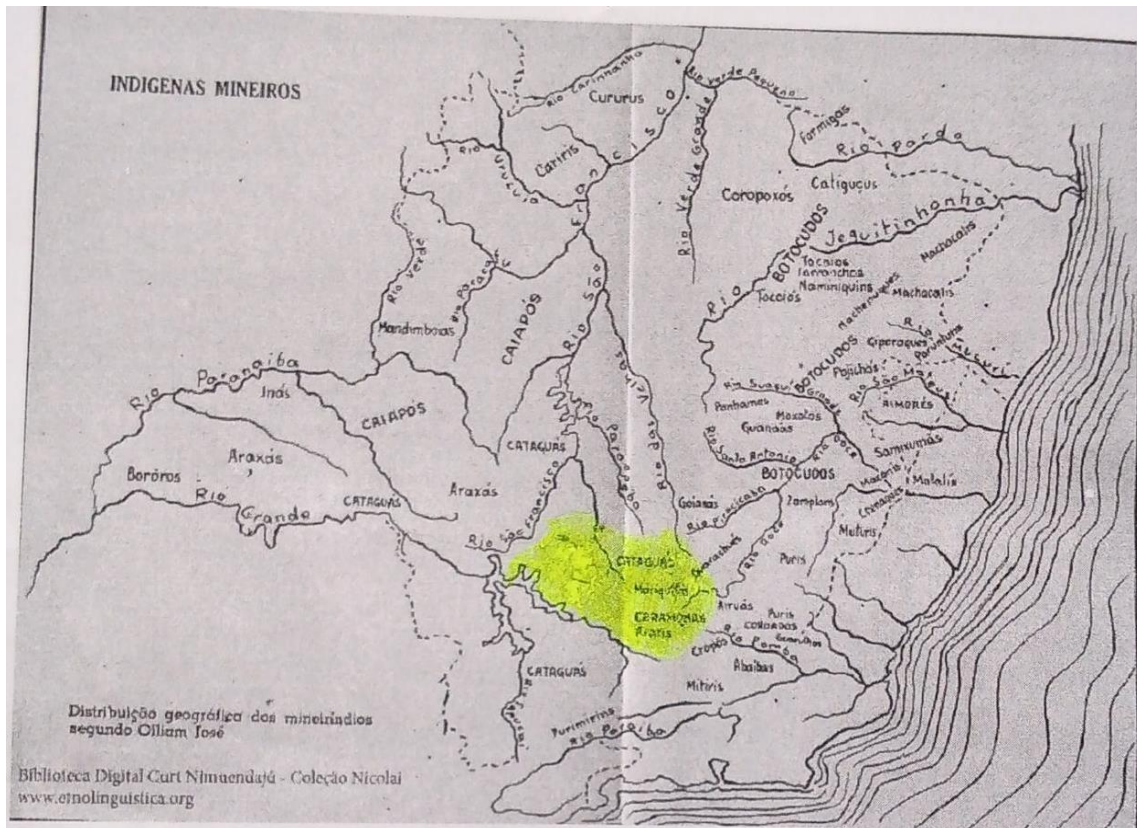
R2

“[...]habitante do **mato bravo** ou se quiserem, da **mata virgem**” (SAMPAIO, 1987, p. 132)

Trouxemos para nosso recorte 3 (R3) um mapa que mostra a distribuição geográfica dos indígenas em Minas Gerais, segundo Oiliam José (1965). Como ele colocava os mineiríndios, nos mostrando quantas tribos indígenas passaram/passam por terras mineiras. No mapa, a parte colorida é de nossa autoria para mostrar a região onde se localiza o município de Cristais.

R3

Figura 7 – Mapa Indígenas Mineiros



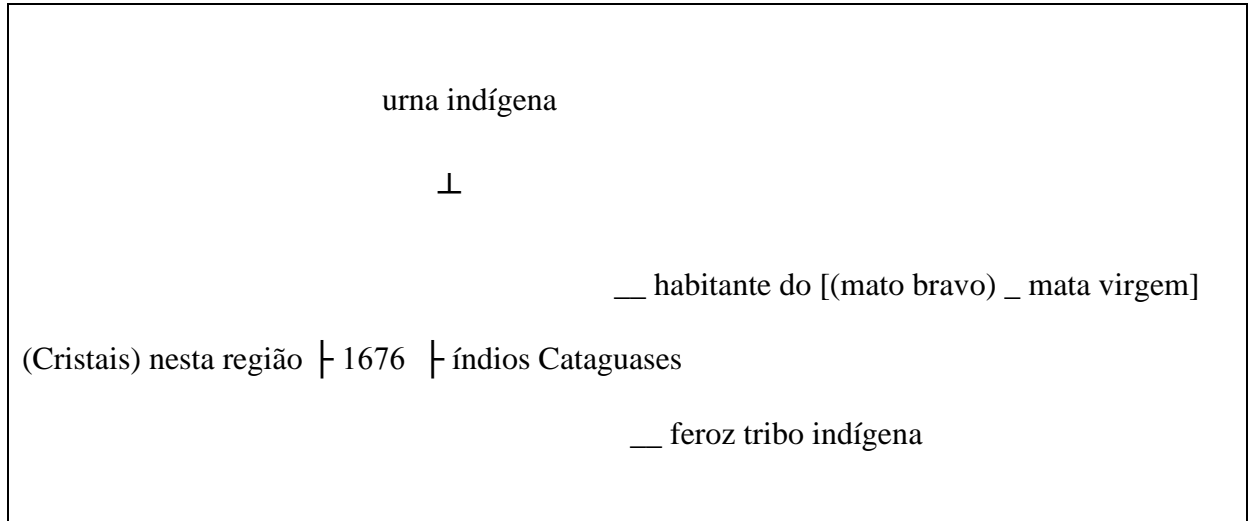
Fonte: José (1965)

E por fim, nosso recorte 4 (R4) é o depoimento do funcionário da Secretaria de Cultura de Cristais, Vítor Augustinho Costa, no documentário realizado na cidade: (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021), o qual pode ser acessado pelo seguinte link: <<https://drive.google.com/file/d/1I0ndsjDIKqPYH1efFzVnmP5AvUQ-4CsQ/view?usp=sharing>>

R4

“Urna indígena encontrada no Morro da Meia Laranja.” (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021)

DSD 1 – Descendência Indígena



Lê-se: Índios Cataguases determina 1676. 1676 determina (Cristais) nesta região. Habitante do mato bravo pelo processo de reescrituração determina índios Cataguases. Habitante do mato bravo está em sinonímia com índios Cataguases. Feroz tribo indígena pelo processo de reescrituração determina índios Cataguases. Feroz tribo indígena está em sinonímia com índios Cataguases. Mata virgem pelo processo de reescrituração determina habitante do mato bravo. Mata virgem está em sinonímia com mato bravo.

Ao se considerar a construção metodológica deste DSD1, nota-se que a palavra Cataguases determina índios pelo processo de articulação, ou seja, ela articula com índios definindo quais índios eram esses. Quando temos índios Cataguases, abrimos a perspectiva para outros índios: Caiapós, Cariris, Carurus, Araxás, entre outros que habitaram/habitam terras mineiras. Percebemos que esse território mineiro já estava demarcado pelos indígenas. Cataguases nos remete a uma tribo com seu território, sua língua, seus costumes e crenças, se diferenciando de todas as demais tribos existentes na época. Cataguases enuncia uma demarcação de território, pois as tribos já demarcavam seus territórios com suas especificidades.

O sentido de habitante do mato bravo se forma pela transposição de índios Cataguases, considerada uma feroz tribo indígena. Feroz pelo processo de reescrituração determina índio. O adjetivo feroz nos mostra o indígena como bicho, pois esta é uma característica marcante nos animais. Nesta enunciação o índio era considerado como um ser da natureza, exótico, sem crenças religiosas, um animal bravo que precisava ser domado ou exterminado.

Mata virgem reescritura mato bravo. A palavra virgem pelo processo de articulação determina mata. Virgem no sentido de terra inexplorada, sem habitantes, sem demarcação de território. A demarcação tribo não era considerada, por isso bravo articula mato. Não sendo qualquer mato, mas mato bravo. O adjetivo bravo traz o índio como natural do lugar, como

sendo parte deste mato cheio de árvores, bichos e índios. Mato bravo, mato difícil para ser habitado, conquistado, (re)marcado.

Por elipse Cristais traz a marca da ocupação europeia. Ocupação que se apresenta a história de apagamento da ocupação indígena. Ocupação que conforme enunciemos em índios Cataguases já existia. A ocupação europeia, no entanto, marca o acontecimento que enuncia a relação de civilização instituída pelo português (o explorador, conquistador, demarcador do território) com a não-civilização instituída pelo índio feroz (também explorador, conquistador, demarcador do território). Mostra uma demarcação que traz a instituição da cidadania. Nesta região por articulação determina Cristais. Cristais por reescrituração remete a 1676, que antes dessa data era tão somente mata virgem.

O ano 1676 designa um memorável de extermínio indígena em terras cristalenses, por Lourenço Castanho Jacques. Era uma época que os desbravadores portugueses adentravam o território brasileiro e que os ferozes índios atrapalhavam bastante esta posse e ocupação. Os índios Cataguases, também conhecidos como Cataguás, eram considerados bons guerreiros e de difícil domínio, por isso vencê-los não era tarefa fácil. Habitante do mato bravo designa apenas mais um dentre os vários habitantes da natureza que não fazia diferença ser exterminado neste processo de fundação/ocupação dos municípios

Urna indígena determina Cataguases. Cataguases por articulação determina urna, pois era uma urna indígena usada pelos índios Cataguases. Cataguás designa o habitante do mato bravo. Por isso habitante do mato bravo estabelece uma relação de antonímia com civilização, pois ele representa o não civilizado, o pagão que não pertencia à instituição alguma, totalmente sem organização, tão somente de bichos.

Já a expressão urna indígena, citada pelo funcionário da Secretaria Municipal de Cultura, nos traz um memorável de turismo, onde objetos e histórias que remetem às memórias indígenas se tornaram importantes para comprovar a existência dos Cataguases naquele lugar. Os índios Cataguases que, em 1676, enunciavam perigo e ferocidade, atualmente, são enunciados com admiração e encantamento por terem vividos em terras cristalenses.

O alocutor-funcionário da Secretaria Municipal de Cultura de Cristais (al-x), agencia enunciador coletivo, a história documentada, nos afirma a presença dos índios Cataguases em terras cristalenses, nos mostrando inclusive um objeto – a urna – que faz significar a presença desses índios em Cristais.

No texto oficial da prefeitura o alocutor-autor (al-x) silencia a presença do negro. Ele agencia enunciador coletivo que fala em nome de todos os cristalenses e enquanto alocutor-autor (al-x) ele está autorizado a dizer em nome dos demais cidadãos. Porém, a presença negra aparece nas narrativas orais coletadas durante o documentário e nos textos que circulam na cidade de Cristais.

Trouxemos para nosso recorte 5 (R5), o cartaz da programação de 2019 da Festa de Nossa Senhora do Rosário, também conhecida na cidade como Festa do Reinado, uma vez que não aconteceu nos anos de 2020 e 2021 devido à pandemia da Covid 19.

R5

Figura 8 - Festa de Nossa Senhora do Rosário

Festa de Nossa Senhora do Rosário
Cristais MG

Contato: 90167-6008
Rua São João, 100

COMPONENTES DA COMUNIDADE
Diretoria e Conselho Fiscal da Irmandade N.S. do Rosário dos Homens Pretos de Cristais-MG
Presidente - Sidineia Antônia
Vice-Presidente - José Murilo
Secretário: Adilson Martins
Tesoureiro: Antonio Roberto
Rei Congo: Wanderlino Botas
Rainha Congo - Helena Castano
Rei Perpétuo - Raulino Oliveira
Rainha Perpétua - Denise Caviano
Príncipe Congo - Luciano Princesa Congo - Poliana Aline

A Irmandade N.S. do Rosário dos Homens Pretos e a Corte acolhe a todos os visitantes em nossa Festa do Rosário!

Luiz Gonzaga de Souza
Leila Mira

Bordão do Mestre de Nossa Senhora do Rosário:
- Donatista e Aparecida
Bordão do Mestre de São Benedito
- Anônimo do Lei e Lúzia
Bordão do Mestre de Sta. Efigênia

"Trazemos a memória dos nossos ancestrais. Nós somos da matriz do Rei Ambrósio"

Programação:

Dia 08 de setembro de 2019 17h - Levantamento dos Mastros.	Dia 25 de setembro de 2019 19h - Tríduo - Missa na Capela do Reinado, realizada por Pe. Moncef. Homena a São Benedito. São Benedito ajudou-me a desalarjar do meu coração tod a separação e reconhecer todos os homens por meus irmãos.	Dia 26 de setembro de 2019 19h - Tríduo - Missa na Capela do Reinado, realizada por Pe. Moncef. Homena a Santa Efigênia. Santa Efigênia possa seu exemplo nos leve a viver em todo o tempo da vida, da pessoa e da mensagem de Jesus.	Dia 27 de setembro de 2019 19h - Tríduo - Missa na Capela do Reinado, realizada por Pe. Moncef. Homena a N.S. do Rosário Nossa Senhora do Rosário nos leve a viver em todo o tempo da vida, da pessoa e da mensagem de Jesus.
---	--	--	--

12h - Tradicional abertura das Calças de Coroa e entrega das mesmas para os senhores Reis.
18h30min - Concentração em frente à Capela do Reinado para uma belíssima dança das penicras.
Dia 29 de setembro de 2019
4h - Alvorada Festiva e queima de fogos.
7h - Café da Manhã e recepção dos ternos e guardas visitantes.
11h - Almoço.
16h - Cortejo Festivo.
Dia 30 de setembro de 2019
7h - Café da manhã e recepção dos ternos e guardas visitantes.
11h - Almoço.
17h - Concentração do Coroado na casa da Rainha, de onde sairá o grande Cortejo do Reis da Corte Maior.
Para a Capela do Reinado, em seguida teremos ritual do arreamento dos mastros e coroação do Rei e Rainha para 2020.
A Irmandade Nossa Senhora do Rosário e as famílias do Sr. Luiz e da Sra. Leila, agradecem a todos pela generosidade na colaboração destes festejos.
Visite: Diretoria e Conselho Fiscal da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Cristais-MG.
Agendamento: Pe. Roberto Pe. Arlê e Pe. Moncef.
Polícia Secretária Municipal de Educação e da Cultura e Turismo

Fonte: <https://www.cristais.mg.gov.br/fotos/90729febe16ec9f391316ecd8596dde5.jpg>

Pontuando nossa visita a Cristais para a montagem do documentário, encontramos o Professor Mestre Antônio Carias Frascoli, professor de História, pesquisador e membro do projeto "Tambores do Quilombo" e "Protetores do Quilombo" que muito nos contou sobre o Quilombo do Ambrósio em Cristais, e assim compomos nosso recorte 6 (R6):

R6

“[...] Entre o Morro da Vigia e a cidade de Cristais, temos a fazenda da Lagoa. A fazenda da Lagoa, foi onde fez a lavratura da sesmaria aos sesmeiros que vieram tomar posse depois das três grandes guerras do **Quilombo do Ambrósio**. [...] Por que Morro da Gurita? Porque os negros do Ambrósio se comunicavam com espelho entre esses morros de vigia, tendo um olhar para proteção do quilombo. Gurita, porque quando desciam os caminhos que eram pelos rios, desciam das minas de São João Del Rei, de Lavras. Quando descia pelo rio, quem estava na gurita vigiava quem descia pelo Rio Grande[...] A festa do **Reinado** traz nomenclaturas que tem tudo a ver com o Quilombo: rei, rainha, guardas, vigia[...] No Quilombo, paiol não representava paiol de milho, mas sim de armas. [...]” (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021)

Nosso recorte 7 (R7), é um pouco da fala de Marcos Antônio Marques, Secretário do Turismo, pesquisador e também membro dos "Tambores do Quilombo/Protetores do Quilombo".

R7

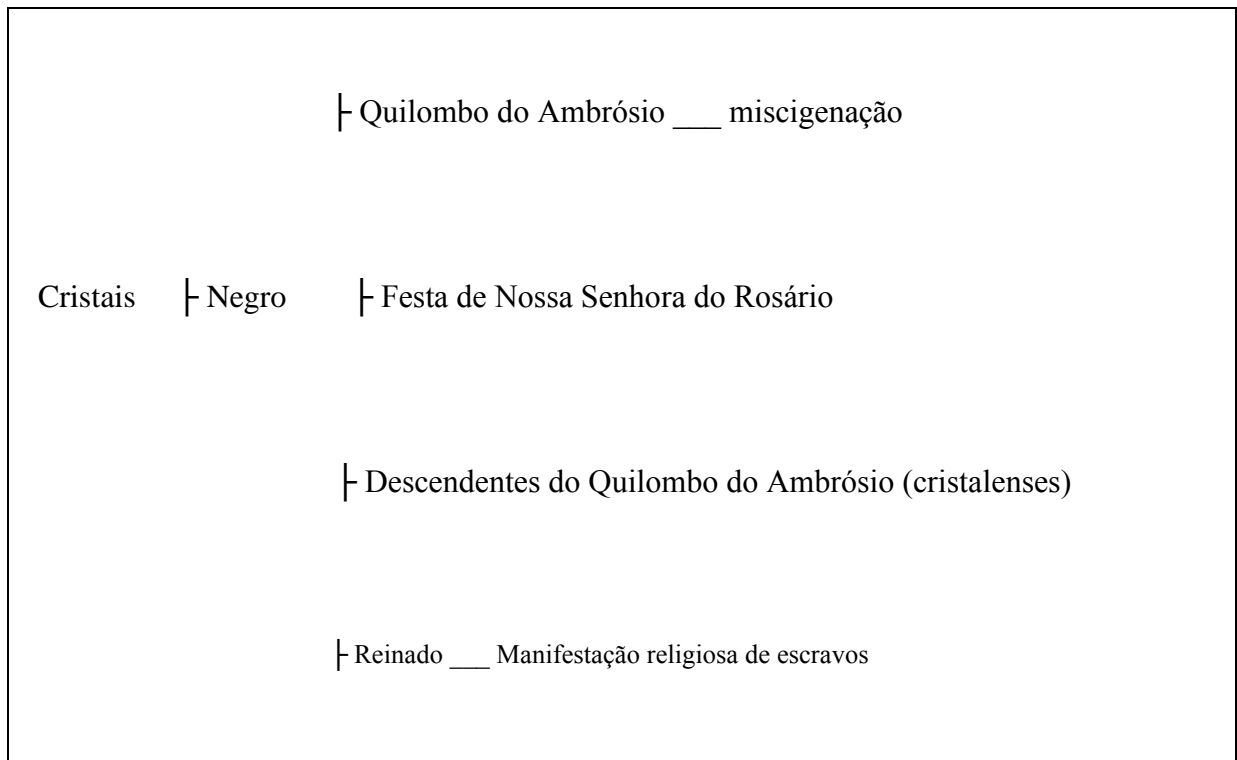
“[...] Houve aqui, em meados de 1729, a criação de um grande **Quilombo** por parte do Ambrósio que depois de certo tempo tornou-se rei da região onde se situa hoje o município de Cristais. Ele veio se torna rei, devido a que? No período de 1729, houve por parte do governo de Minas, Gomes Freire, a busca do pagamento da capitania. Então, houve aqui, por parte dos proprietários de terra, dificuldade de se pagar esse imposto de ouro ao rei. Então, muitos proprietários de terra fugiam junto aos escravos. Concediam a eles o direito de fuga, desde que levasse ele e a família para dentro do quilombo. Não era um quilombo composto só de escravos, mas tinha uma **miscigenação** entre brancos e negros[...] Era um quilombo forte que enfrentou 3 guerras, até ser derrotado em 1746. [...]” (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021)

Nosso recorte 8 (R8) é um trecho do depoimento de dona Denice Cassiana Pimenta, rainha perpétua do Reinado, em Cristais.

R8

“[...]O **Reinado** é uma **manifestação religiosa de escravos**, nós, **crystalenses**, **descendentes do Quilombo do Ambrósio**. Além dos reis e rainhas, temos ternos, grupos de pessoas com tarefas específicas. [...] Reis perpétuos cuidam dos mastros de abertura da festa, da coroação dos reis da coroa grande. São os únicos que se passa de geração para geração. Tenho conhecimento comprovado que a coroa está aqui em casa há mais de 70 anos, pois passou de minha avó para minha mãe e agora para mim. Ela está comigo há 28 anos. [...] (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021)

Mediante a estes recortes textuais construímos nosso DSD 2, sobre a presença negra em Cristais.

DSD 2 – Descendência Negra

Lê-se: Negro determina Cristais. Miscigenação está em sinonímia com Quilombo do Ambrósio e determina negro. Festa de Nossa Senhora do Rosário determina negro. Descendentes do Quilombo do Ambrósio (crystalenses) determina negro. Manifestação religiosa de escravos está em sinonímia com Reinado e determina negro.

Pelo processo de reescrituração, Quilombo do Ambrósio determina negro. Ambrósio por articulação determina Quilombo. Não era qualquer quilombo, era o Quilombo do Ambrósio situado em terras crystalenses e que incomodava e muito o Governador Gomes

Freire de Andrada. Miscigenação está em sinonímia com Quilombo do Ambrósio, nos mostrando que no quilombo não havia somente escravos, mas diferentes moradores, cada qual com sua necessidade que ali se refugiava e eram bem acolhidos pelo rei Ambrósio. Essa miscigenação já trazendo como memorável o surgimento da raça brasileira.

Ambrósio era negro, filho de rei africano, cuja história é permeada de exemplo de dignidade e de altivez. Reconhecido pelos jesuítas como homem purificado e bom. Escravizado, traficado para o Brasil e posto à venda no mercado do Valongo, Rio de Janeiro. Jesuítas o compraram juntamente com Cândida, sua companheira até a morte. A localização do Quilombo do Ambrósio, que na verdade era uma rede de quilombos do sertão de Campo Grande, que começava em Ajuda dos Cristais entre o rio Grande e rio Parnahíba, passava por Arcos (Corumbá), Bambuhy e terminava na Serra da Marcela (Campos Altos). O rei Ambrósio era respeitado pelos demais moradores, quer fossem quilombolas ou índios. Era adorado. Todos, especialmente, os africanos, mesmo longe da pátria mãe a África, tratavam Ambrósio e Cândida com homenagens próprias reservadas ao rei e a rainha. (LÓ, 2020a)

Ló (2020), ao enunciar a sinonímia entre Quilombo do Ambrósio e rede de quilombos, mencionando Ambrósio como rei, credencia os lugares de fala do alocutor - Secretário de Turismo (al-x) e do alocutor - professor de História-pesquisador (al-x) que agenciam enunciadores coletivos, ou seja, a história documentada.

Descendentes do Quilombo do Ambrósio pelo processo de reescrituração determina negro. Por elipse, cristalenses, gentílicos da cidade de Cristais, são descendentes do Quilombo do Ambrósio. Um quilombo que enuncia resistência deixando seus descendentes, em terras cristalenses, até os dias atuais, mostrando que esse presente significa porque há um passado que o fez significar.

Festa de Nossa Senhora do Rosário determina negro. Nossa Senhora do Rosário é considerada a santa protetora dos negros. Reza a lenda que a virgem do Rosário apareceu sobre as águas do mar. Os caboclos e marujos, já devotos da santa, rezaram, dançaram e cantaram para que ela viesse até eles, mas a santa não foi até eles. Por último, os negros foram até a praia e, após louvarem a santa, conseguiram que ela viesse até eles. A partir de então, a Virgem do Rosário tornou-se a protetora dos negros (Peron, 1998). Festa de Nossa Senhora do Rosário em Cristais é um memorável religioso de Virgem do Rosário, santa que apareceu sobre as águas do mar, ouviu e atendeu os negros.

O cartaz da programação da Festa de Nossa Senhora do Rosário (R5) ao trazer os versos: “Trazemos a memória dos/ nossos ancestrais. / Nós somos da matriz do/ Rei Ambrósio.” enuncia toda reverência prestada aos antepassados, como forma de orgulho. A palavra matriz designa a primeira e mais forte formação do Quilombo do Ambrósio, situado

em Cristais, que só foi derrotado após a terceira guerra. Brasileiro (2017), nos confirma esses versos ao dizer que havia dois quilombos do Ambrósio: um na região de Formiga - Cristais e outro na região de Campos Altos – Ibiá, para onde, na verdade, se mudaram os quilombolas após a destruição do quilombo de Cristais, conhecido como Ambrósio I, em 1746, pelo capitão Antônio João de Oliveira. Assim, notamos a sinonímia entre matriz e Ambrósio I, ou seja, o Quilombo do Ambrósio foi gerado em Cristais.

Manifestação religiosa de escravos está em sinonímia com Reinado e determina negro. Reinado é uma manifestação religiosa de escravos, mostrando por articulação que se trata de uma festa religiosa, mas de escravos. Não sendo uma festa comum, mas a manifestação de um povo que teve sua história silenciada. Reinado, enquanto manifestação religiosa de escravos, enuncia um Quilombo que foi grande e forte em terras cristalenses.

O alocutor-Rainha Perpétua do Reinado de Cristais (al-x) agencia enunciador individual que fala em nome da tradição herdada da sua família a condição de rainha perpétua do Reinado. Sua fala qualifica o lugar de fala do alocutor-professor de História-pesquisador (al-x) que agencia enunciador coletivo, a história documentada, da relação das nomenclaturas do Reinado com nomes utilizados no Quilombo.

O locutor-autor (al-x) do texto oficial exalta o português na história de Cristais, pois enquanto político, ele detém a palavra e está autorizado a dizer. E essa descendência portuguesa se faz presente nas narrativas orais, nas construções e nas famílias cristalenses.

Trouxemos nosso recorte 9 extraído do texto oficial do site da prefeitura que chamaremos de R9.

R9

“**Capela** construída sob invocação de **Nossa Senhora da Ajuda**, datada da década de 1790. Obteve emancipação política só em 1946, até então esteve atrelada ao município de Campo Belo. **Principais famílias** que estiveram de alguma forma ligadas a história de Cristais: Valladão, Maia, Pinheiro, dos Reis, Ferreira, Fidelis Pinto e Pires de Moraes. [...]” (CRISTAIS, s.d.)

Tomamos para o nosso recorte 10 (R10) trecho do depoimento do sineiro da cidade, desde 1964, Sr. Vicente Marques Valente.

R10

“A história de Cristais é, primeiramente esta igreja. Segundo temos o garimpo ali em cima. São as duas relíquias que nós temos aqui: o garimpo e essa **matriz**. [...]”
(DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021)

Nosso recorte 11(R11) extraído do Portal Cristais – Seu portal cultural (<http://culturacristais.blogspot.com/2013/06/conhecer-historia-do-quilombo-do.html>) nos conta um pouco mais sobre a formação da cidade.

R 11

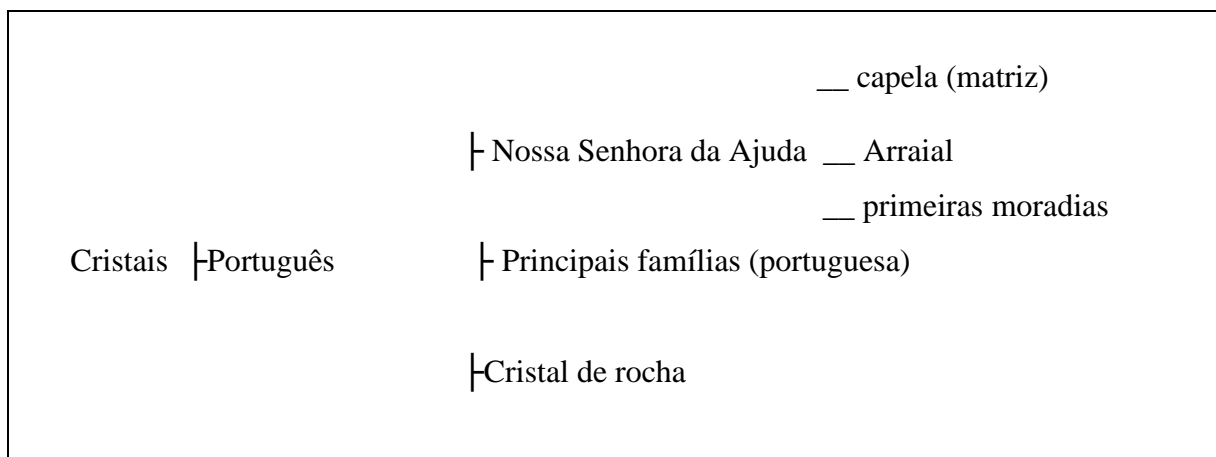
“[...] Erguida a capela, foram edificadas ao seu redor, as **primeiras moradias**. Assim, iniciou-se a formação do **Arraial** de Nossa Senhora da Ajuda do Rio Grande dos Cristais. A Igreja de Nossa Senhora da Ajuda é um exemplar da arquitetura barroca mineira do século XVIII. O **crystal de rocha**, abundante na região, teria atraído os primeiros habitantes para o local. Razão também do topônimo, conhecido desde os primórdios, agregado ao nome da padroeira. [...]” (PORTAL CRISTAIS, s.d.)

Trecho do depoimento de Vítor Augustinho Costa, recorte 12 (R12), funcionário da Secretaria Municipal da Cultura, contando sobre a pesquisa genealógica que fez sobre sua família, nos mostra a presença portuguesa no local.

R12

“[...] Minha família, gente, é de origem **portuguesa**, família Pinheiro. O patriarca português que veio para Cristais veio de uma região chamada São Domingos da Bocaina, perto de Barbacena, seu nome era Manoel José Augusto. (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS, 2021)

DSD 3 – Descendência Portuguesa



Lê-se: Portugêes determina Cristais. Capela (matriz) está em sinonímia com Nossa Senhora da Ajuda e determina portugêes. Arraial está em sinonímia com Nossa Senhora da Ajuda e determina portugêes. Primeiras moradias está em sinonímia com Nossa Senhora da Ajuda e determina portugêes. Principais famílias (portuguesa) determina portugêes. Cristal de rocha determina portugêes.

Nossa Senhora da Ajuda pelo processo de reescrituração determina portugêes, pois é uma santa de devoção lusitana, considerada a protetora das expedições marítimas. Nossa Senhora da Ajuda está em sinonímia com capela, com arraial e primeiras moradias. Arraial determina o início da história de Cristais. Foi ao redor da capela que surgiram as primeiras moradias, marcando a formação do Arraial de Nossa Senhora da Ajuda do Rio Grande dos Cristais. Arraial reescritura marcação do território: marcação portuguesa, que enuncia a relação de civilização instituída pelo desbravador e demarcador do território com a não-civilização instituída pelo índio - feroz e pagão e pelo negro - desobediente e fugitivo. Mostra uma demarcação que traz a instituição da cidadania e da religião católica para, agora sim, terras cristalenses: demarcada e nomeada.

Oliveira (s.d.), nos mostra essa relação da construção da capela, com características arquitetônicas marcantes, e o surgimento do arraial. Características essas que são bem visíveis na Matriz Nossa Senhora da Ajuda.

As primeiras capelas de Minas foram erguidas de 1700 a 1720. Eram o ponto de referência do arraial e seu núcleo central. O período é marcado pelo desenvolvimento e estabelecimento das povoações.

Arquitetura

"Estilo Chão"

- De pequena proporção.
- Fachada plana
- Planta retangular
- Divisão em nave, capela-mor e sacristia colocada lateralmente.
- Sineira pode estar ao lado da igreja ou inserida no corpo central da fachada.

(Oliveira, s.d.)

Por elipse, Matriz Nossa Senhora da Ajuda ainda é vista como o início da história de Cristais. O sineiro da cidade de Cristais, Sr. Vicente, exalta a matriz como relíquia e início da

história do município. O alocutor - sineiro da cidade de Cristais (al-x) exalta o lugar de fala do alocutor-autor do texto oficial (al-x) que inicia seu texto com a construção da capela, reescrevendo toda influência da religião católica para a chegada da civilização naquele lugar.

Hoje a Matriz Nossa Senhora da Ajuda representa o memorável de cartão de visita da cidade, sendo tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico). Dona de uma arquitetura barroca mineira do século XVIII e com paredes com espessuras de 80 cm, construída com taipa e adobe, tendo a sineira de fora, como vimos em nosso documentário, enuncia graça e exuberância na praça central. O sino, batizado de Santíssimo Sacramento, badalado pelo sineiro Sr. Vicente, ecoa devoção e orgulho dos cristalenses de terem essa preciosa construção portuguesa em sua cidade.

Pelo processo de reescrituração, ‘principais famílias’ determina português. Por articulação, principais determina famílias, nos mostrando que não eram quaisquer famílias, mas eram principais famílias, retomando a ideia de civilização, sendo mencionadas no texto oficial como famílias, que de alguma forma estiveram ligadas à história de Cristais. Buscando um pouco da origem desses sobrenomes, que são enunciados no texto oficial, encontramos:

- Valladão: de origem portuguesa que significa vale largo;
- Maia: de origem portuguesa, é classificado como toponímico, pois a origem deste sobrenome está ligada a uma região de Portugal. Maia se estendia quase por todo o Norte do atual Portugal;
- Pinheiro: é de origem portuguesa, considerado como um toponímico, este sobrenome tem origens geográficas. Há Pinheiros que são de uma família judia que mudou seu sobrenome para este a fim de cessar a perseguição de cristãos na idade média;
- dos Reis: De origem portuguesa, esse sobrenome expressa a devoção religiosa do povo cristão aos santos reis magos;
- Ferreira: originário da Península Ibérica e classificado como toponímico de origem geográfica. Sua origem está em um lugar onde há ferro, mina ou jazida de ferro;
- Fidelis Pinto: Fidélis tem origem espanhola, que quer dizer literalmente “digno de fé, fiel, leal”; Pinto de origem portuguesa é considerado como sendo derivado de uma alcunha (apelido), metáfora que faz alusão ao reino animal;
- Pires de Moraes: Pires: Significa “descendentes de Pedro” ou “filhos da rocha”. Pires é um sobrenome classificado na onomástica da língua portuguesa como patronímico de Pedro ou Pêro. Ou seja, os primeiros membros da família Pires tinham em comum um patriarca que

se chamava Pedro; Moraes: de origem portuguesa ou espanhola, o que se sabe, a grafia do sobrenome surgiu através da árvore amoreira, que deu nome a região que posteriormente virou sobrenome;

Percebemos que os sobrenomes remetem a questões europeias, sobretudo, lusitanas. É como marcar o território brasileiro, mais especificamente, Cristais com coisas de Portugal, trazendo partes deste país para a região. Famílias tradicionais enunciam o progresso, a religião e a instituição familiar chegando a um local outrora habitado, por ferozes seres da natureza (os indígenas) e invadido por negros fugitivos.

O alocutor-funcionário da Secretaria Municipal de Cultura-português (al-x) agencia enunciador individual ao pesquisar genealogicamente a origem da sua família: Pinheiro. Assim, se articula com alocutor-autor do texto oficial (al-x) que agencia enunciador coletivo, e menciona família Pinheiro como uma família principal ligada à história de Cristais.

Cristal de rocha por reescrituração determina português (desbravador, explorador e civilizador). Cristal de rocha era pedra abundante na região, sendo responsável, inclusive, pelas (re)nomeações do município: Arraial de Nossa Senhora da Ajuda do Rio Grande dos Cristais, Distrito de Nossa Senhora da Ajuda de Cristais e finalmente, Cristais. Essas (re)nomeações do município se dão no acontecimento da enunciação, onde o falante alocutor-português-desbravador-civilizador (al-x) é agenciado a (re)nomear na língua portuguesa, nos fazendo perceber a relação sujeito, história e língua que permite a enunciação. É esse processo de (re)nomear, na língua portuguesa, que se institui a demarcação do território e a cidadania, fazendo surgir o cristalense, cidadão de Cristais.

Outros povos também se instituíram e se instituem em Cristais, além dos índios, negros e portugueses. Tomando o recorte 13 (R13) do texto extraído do site da Câmara Municipal de Vereadores, notamos a chegada do imigrante.

R13

“[...]Grande foi a procura pelos cristais de rocha para exportação, na época da 2a. Guerra Mundial, pois o minério era muito empregado na fabricação de armas. Nessa época, as jazidas de cristal de rocha e citrine tiveram maior **exploração**, atraindo **imigrantes** para o local. O comércio concentrou-se no garimpo: garimpeiros, exploradores, compradores, vendedores, lapidários [...]” (CRISTAIS, CÂMARA MUNICIPAL, 2018).

No recorte 14 (R14) tirado do texto oficial, percebemos a dedicação dos habitantes a outras atividades econômicas.

R14

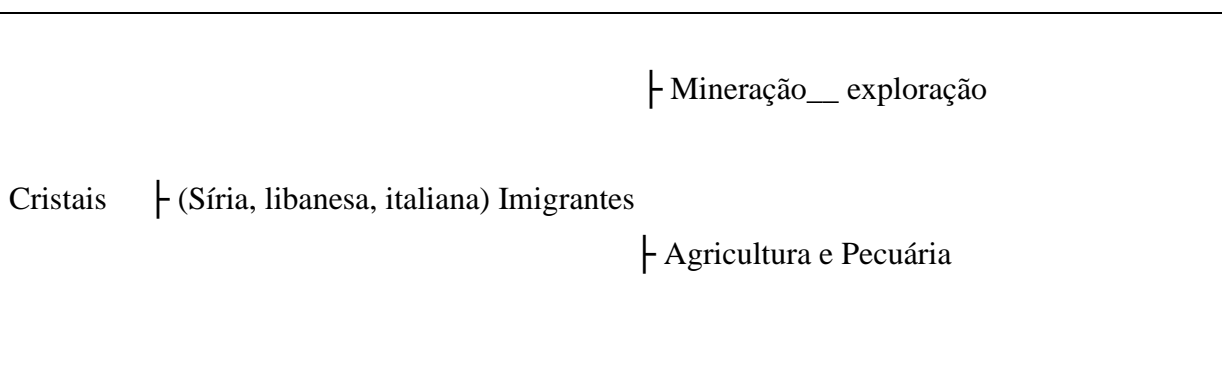
“[...] Posteriormente, devido à exaustão das jazidas, dificultando a extração do mineral, passaram os habitantes a se dedicarem à **agricultura** e a **pecuária**, que se tornaram os principais fatores de desenvolvimento do território [...]” (CRISTAIS, s.d.)

Tomando outro trecho do depoimento do funcionário da Secretaria Municipal de Cultura, nosso recorte 15 (R15) encontramos a presença de italianos e sírios libaneses.

R15

“[...]Tem a família Salume que veio do **Líbano**. Tem a família Nasser que é de **origem síria**. Tem a família Gambogi, de **origem italiana**. (DOCUMENTÁRIO: CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS,2021)

DSD 4 – O imigrante



Lê-se: Imigrantes determina Cristais. Mineração por reescrituração determina imigrante (síria, libanesa,italiana). Agricultura e pecuária por reescrituração determinam imigrantes (síria, libanesa,italiana). Exploração está em sinonímia com mineração.

Pelo processo de reescrituração, mineração determina imigrantes que foram atraídos pela abundância do cristal de rocha presente na região. Exploração está em sinonímia com mineração, pois os imigrantes foram atraídos pela exploração direta das minas propriamente

ditas ou pela sobrevivência de forma indireta da existência dessas minas trabalhando como: vendedores, compradores, comerciantes.

A mineração atraía também os mascates, na maior parte representada pelos imigrantes árabes. E com o enfraquecimento da mineração, se mantiveram no local, dedicando-se ao comércio.

Os imigrantes árabes tinham origens as mais diversas: vinham do Líbano, da Síria, da Turquia, do Iraque, do Egito ou da Palestina. Assim, constituíam-se de povos diferentes, que, com suas respectivas organizações políticas, compartilhavam fundamentos comuns: a língua, ou os dialetos derivados do árabe, e a cultura. [...] Nos primeiros anos de atividade, os mascates, em visita às cidades interioranas e, principalmente, às fazendas de café, levavam apenas miudezas e bijuterias. Mas, com o tempo e o aumento do capital, começaram também a oferecer tecidos, lençóis, roupas prontas, dentre outros artigos. (MOTT, 2000a)

Mott (2000) credencia o lugar de fala do alocutor-funcionário da Secretaria Municipal de Cultura de Cristais (al-x) que agencia enunciador coletivo, a história documentada, as famílias árabes (Salume e Nasser) que existem em Cristais.

Os imigrantes italianos também foram atraídos pela mineração e depois com o fracasso das minas se dedicaram à agricultura e à pecuária.

A proximidade de língua, religião e costumes, fez o imigrante italiano mais facilmente assimilável por nossa sociedade do que os alemães ou japoneses, por exemplo; além disso, correspondeu aos ideais de branqueamento de nossa população, acreditado como desejável para que nos tornássemos mais “civilizados” diante de nossos próprios olhos e aos olhos do mundo. (GOMES, 2000a)

Gomes (2000), ao mencionar o imigrante italiano como mais assimilável pela sociedade brasileira, credencia o lugar de fala do alocutor-funcionário da Secretaria Municipal de Cultura de Cristais que agencia enunciador coletivo, história documentada, da família italiana (Gambogi) que existe na cidade.

Durante a montagem do documentário, conhecemos Professor Antônio Carias Frascoli, o qual nos declarou que sua família também é de origem italiana, e quando estávamos preparando sua fala nos bastidores nos disse: “posso falar com as mãos né, porque italiano não consegue falar sem mexer as mãos.” Aqui o alocutor-professor-descendente italiano (al-x) ao mencionar a necessidade de falar com as mãos por ser italiano enuncia a existência dessa descendência em terras cristalenses, sendo ele próprio um descendente italiano morador de Cristais.

Em conversa informal com o sacristão, durante as filmagens na Matriz Nossa Senhora da Ajuda, ele nos falou que o povo dizia que, antigamente, as missas eram celebradas em latim e o padre ficava de costas para a assembleia. Então, durante a celebração os fazendeiros

começavam a negociar atrapalhando a missa. E assim, fizeram as laterais ao redor da Matriz para os fazendeiros pudessem fazer seus negócios sem atrapalhar a celebração da missa. Neste lugar de fala do alocutor-sacristão (al-x) agencia enunciador genérico, história contada, sobre as negociações realizadas por fazendeiros nas laterais da Matriz, articula o lugar de fala do alocutor-autor do texto oficial (al-x) que agencia enunciador coletivo, da história oficializada da cidade, dos habitantes passarem a se dedicar à agricultura e à pecuária, devido à exaustão das jazidas.

Ao final destes DSDs, conseguimos perceber em Cristais – MG uma descendência indígena, negra, portuguesa, italiana e sírio libanesa. Apesar do alocutor- autor do texto oficial (al-x) silenciar certos povos, as narrativas orais e outros textos circundantes na cidade e na região nos possibilitou identificar essas presenças em terras critalenses e que também fizeram e fazem parte desta história.

6 APLICABILIDADE E REPLICABILIDADE DO PRODUTO: METODOLOGIA DE ENSINO: LEITURA DA HISTÓRIA E CULTURA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS

6.1. Relato Descritivo da Aplicação da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras foi aplicada nos professores, supervisores e/ou diretores que atuam na Educação Básica da Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo, MG, no formato de oficinas. As oficinas foram ministradas pelos mestrandos: Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos Santos, Luciana Teixeira de Souza, Marcelo Gonçalves Brito e Tânit Cristina Miranda Camargo Ferreira, do Mestrado Gestão, Planejamento e Ensino da UninCor (Universidade Vale do Rio Verde), campus Três Corações, MG, sob a orientação da Prof^a Dra. Jocysre Souza.

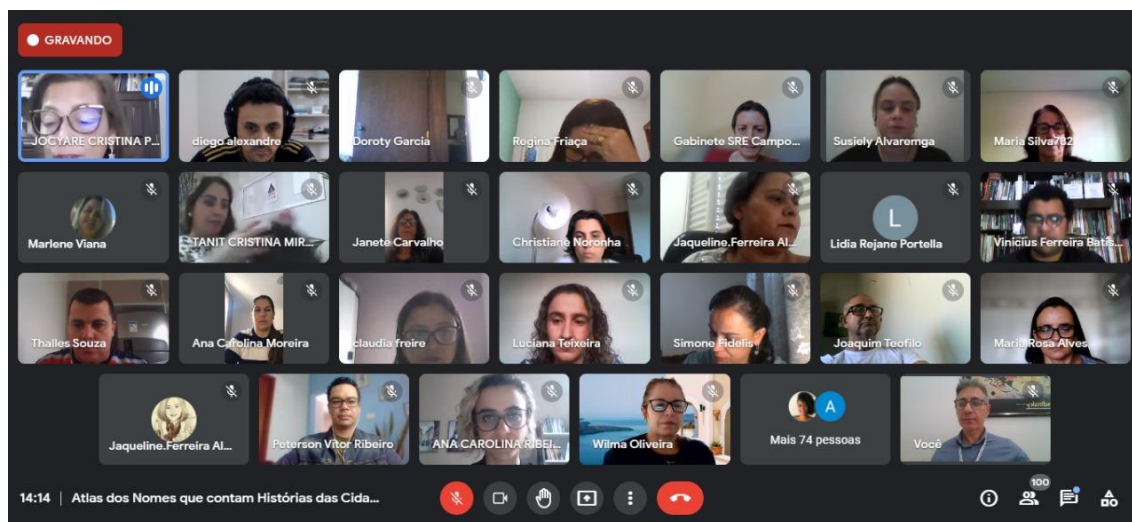
Essas oficinas aconteceram de forma *on-line*, pela plataforma do Google Meet. Elas desenvolveram conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais relacionados à Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História Local das Cidades Brasileiras, desenvolvida neste curso de Mestrado, cujo foco é o ensino. Os conteúdos conceituais consistiram na apresentação da teoria Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2018), que fundamenta nosso trabalho, com seus conceitos básicos - enunciação, articulação, memorável, locutor - que envolvem o procedimento de leitura semântico-enunciativo. Enquanto que os conteúdos procedimentais estão direcionados à aplicação desses conceitos. E por fim, os conteúdos atitudinais são aqueles que causam um posicionamento diante de um novo aprendizado.

Para Fernandes (2010), conteúdos conceituais fazem parte da construção do pensamento e são capazes de abrirem as portas da dúvida, a qual estimula a descoberta do conhecimento, gerando novos questionamentos que possibilitam descobertas infinitas; é o aprender a conhecer. Os conteúdos procedimentais resumem-se em colocar em prática o conhecimento que adquirimos com os conteúdos conceituais, é o aprender a fazer. Os conteúdos atitudinais passam pelo processo sociedade-indivíduo-sociedade; é o aprender a viver juntos aprendendo ser.

A aplicação consistiu em quatro oficinas remotas, aplicadas pelos mestrandos citados acima. Lista-se a primeira oficina de conteúdo conceitual, em que houve a participação de,

aproximadamente, 100 pessoas, entre professores, supervisores, inspetores e gestores. Esta oficina foi uma apresentação geral da teoria Semântica do Acontecimento, sob referências de Guimarães (2018) e a criação do produto. Ela ocorreu no dia 25 de maio de 2021, das 14h às 16 horas, e foi ministrada pela pesquisadora Prof^ª Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza e a mestranda: Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos Santos, como podemos ver na figura 9.

Figura 9: Participantes na oficina 1



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora, durante a oficina 1.

Na segunda oficina procedimental e atitudinal, que aconteceu no dia 08 de junho de 2021, das 14h às 16 horas, houve a separação dos professores, supervisores e/ou gestores em quatro grupos. Cada grupo foi acompanhado por um mestrando em sala individual no Google Meet, objetivando levar os participantes a compreenderem o funcionamento da Metodologia de Leitura da História e Cultura Local para aplicarem junto aos seus alunos. As escolas participantes no nosso grupo foram das cidades de: Aguanil, Campo Belo, Cana Verde, Candeias, Cristais, Santana do Jacaré e Perdões.

Então, após a retomarmos alguns conceitos da Semântica do Acontecimento trabalhados na primeira oficina, direcionamos nosso estudo para partes práticas da montagem do DSD, partindo do próprio nome. Trouxemos recortes do nome de Luciana mostrando a transversalidade endógena e exógena que envolve o sentido das designações.

- Recorte 1(R 1): certidão de nascimento

R1

Certidão de nascimento
(filiação)

-Recorte 2 (R2): fala do pai, em uma conversa de família

R2

Fui eu que **escolhi seu nome**, minha filha! Sempre achei o nome de Luciana um nome bonito!

-Recorte 3(R3): significado de Luciana no dicionário de nomes:

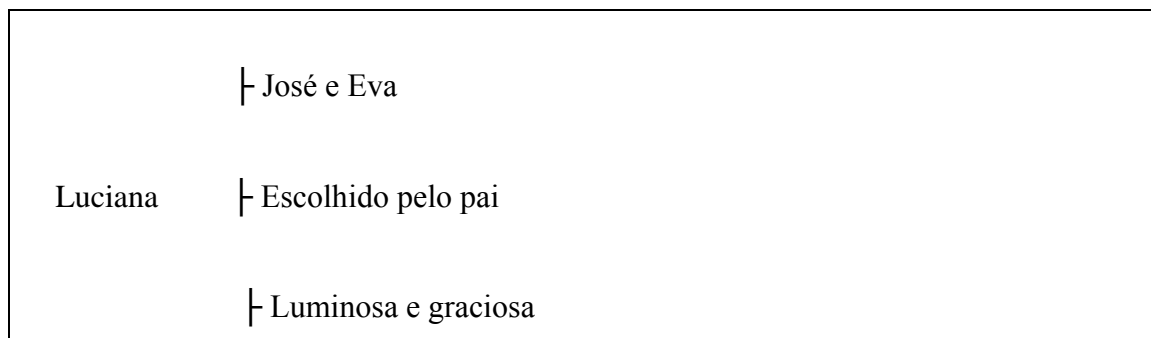
<<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>>:

R3

Luciana significa “de Lúcio”, “pertencente a Lúcio”, “da natureza do iluminado”, "a luminosa"

"**luminosa e graciosa**" ou "luminosa e cheia de graça".

Com esses recortes, construímos o DSD a seguir:



Lê-se: José e Eva por reescrituração determinam Luciana. Nome escolhido pelo pai determina Luciana. Luminosa e graciosa por reescrituração determinam Luciana.

Fazendo uma leitura breve do DSD, nota-se que Luciana significa filha de José e Eva, nome escolhido pelo pai e quer dizer luminosa e graciosa.

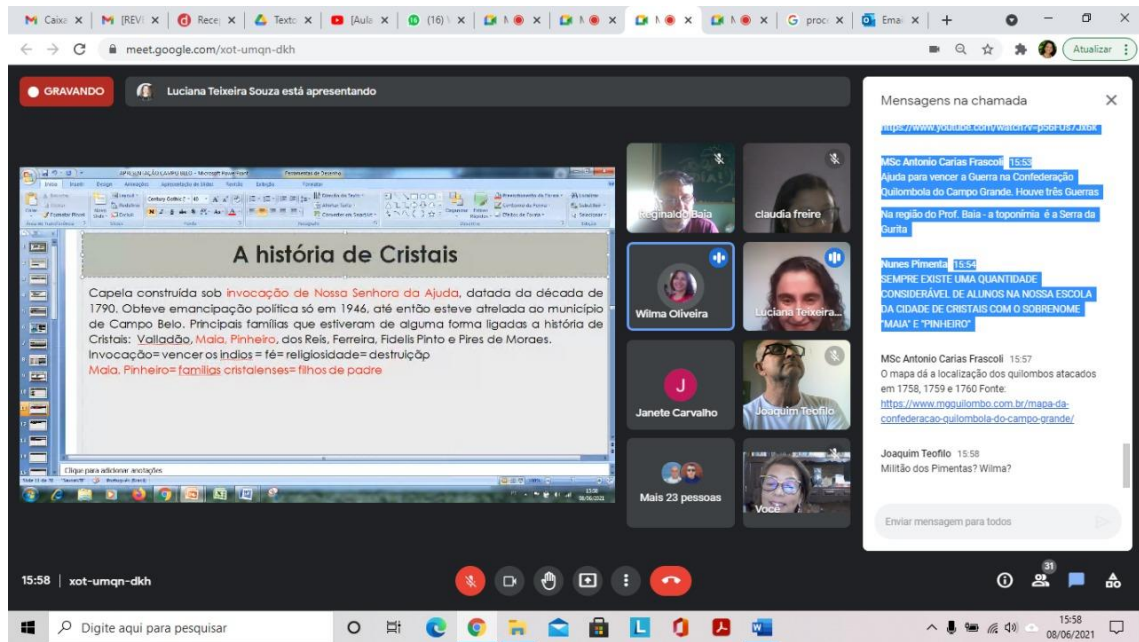
Deste momento em diante, os participantes são chamados de professores seguidos de letra maiúscula como forma de preservar suas identidades. Assim, os participantes foram se envolvendo e falando do processo de nomear que sofreram e até compartilharam nomes diferentes que conheciam. Um professor A nos disse: “Conheci uma senhora com nome Basílica de São Pedro.” E dessa maneira, foram se envolvendo na dinâmica da oficina.

A seguir apresentamos os nomes e as curiosidades de algumas cidades mineiras como, por exemplo, Oratórios que recebeu esse nome por causa do ribeirão Oratórios, que corta a cidade. Ele é chamado assim porque todos os córregos que nele deságuam tem nome de santo. O professor B neste momento partilhou o nome curioso da cidade mineira, “Mar de Espanha”: “Consta que um espanhol, levado pela saudade da terra distante, teria exclamado, ao contemplar a cheia que inundava o rio Paraibuna, onde deságua no Paraíba: - 'Parece um mar ... um mar de Espanha'. Este o topônimo que recebeu o município”. Outro professor C também participou: “Cana Verde se enquadra na categoria bastante curiosa. Porque havia no povoado dois grandes canaviais, um mais maduro e outro bem mais verde. E foi escolhido para erguer a capela nesse canavial verde que deu o nome ao município.” E, com isso foram percebendo como os sentidos se constituem no acontecimento do dizer.

E neste trajeto chegamos à cidade de Cristais – MG, nossa cidade piloto, para a aplicação da Metodologia de Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras. Neste primeiro momento foi solicitado que os participantes fizessem uma leitura reconhecimento do texto oficial, encontrado no site da prefeitura deste município: <<https://www.cristais.mg.gov.br/portal/servicos/1005/historia-do-municipio/>>. Texto este que conta sua fundação e marcos histórico. Usamos também o documentário de curta metragem artefato desta Metodologia, conforme mencionamos na seção 5.1.3. O documentário vem como forma de eternizar culturas, falas, objetos, lugares nesta leitura de cultura e história local deste município, procurando entender que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/ instituem em terras cristalenses.

Então, o texto oficial foi apresentado por partes nos slides para que os participantes se envolvessem nesse processo de busca pelas reescrituras que o texto trazia em suas palavras (designações) que faziam significar. As palavras destacadas em vermelho no parágrafo retirado do texto oficial da Prefeitura de Cristais – MG representam as designações observadas pelos participantes. E mais abaixo as reescrituras, memoráveis que essas palavras (designações) enunciam, segundo os participantes, conforme vemos na figura 10.

Figura 10: Trabalhando o texto oficial de Cristais: oficina 2



Fonte: Foto retirada pela orientadora pesquisadora Jocysre Souza, durante a oficina 2.

Na figura 10 observa-se que as designações notadas pelos participantes e marcadas no texto foram: invocação de Nossa Senhora da Ajuda, Maia e Pinheiro. Após, os participantes perceberem essas designações (palavras que fazem significar) fomos perguntando que povos, culturas essas designações enunciam. Daí, eles foram falando e montamos as reescrituras abaixo do texto.

Uma professora D, do município de Cana Verde, nos disse no decorrer da oficina: “Também sou descendente de índio, só que do Mato Grosso, dos Bugres, minha bisavó paterna é que foi pega a laço por um maquinista espanhol.” E outra professora E interagiu nos falando que: “Em Divinópolis é Caipó, foram remanejados do sul da Bahia...”

Um professor F, da cidade de Cristais, ao lermos no texto as famílias tradicionais, buscando a origem desses sobrenomes citados, que remetem a presença portuguesa ele mencionou: “Sempre existe uma quantidade considerável de alunos na nossa escola com o sobrenome Maia e Pinheiro.”

Em outro momento, quando falávamos que o negro não era mencionado nesta história oficial, o professor B de Cristais voltou a participar: “Comunidades dos homens pretos de Cristais... irmandade...” e nos falou um pouco sobre o Quilombo do Ambrósio, nos fazendo perceber a importância desta transversalidade exógena no estudo dos povos que ali estiveram e que culturas se instituíram e ainda se instituem no local. E o quanto o cidadão conhece, sabe, vivencia toda aquela cultura.

A terceira oficina ocorrida no dia 15/06/2021, das 14h às 16 horas, foi uma continuação da oficina 2, onde os professores (ainda em grupos) finalizaram a análise do texto sobre a fundação/ocupação do município de Cristais – MG. Em seguida, passamos para eles o documentário para que percebessem essa pluralidade de sentidos no espaço/tempo.

A seguir, apresentamos os recortes e os DSDs (apresentados nesta pesquisa na seção 5.1.3.2) que trouxemos montados da história de Cristais – MG para que entendessem este dispositivo de leitura no trabalho da cultura local. Neste dispositivo é possível fazer uma transversalidade endógena e exógena do texto analisado, partindo para outros textos e outras análises como depoimentos, entrevistas, dentre outros.

Após essa apresentação e leitura dos DSDs, explicamos que as pessoas podem trazer designações diferentes de um mesmo texto e com isso os DSDs serão diferentes, porém devem ser baseados em argumentos históricos sociais do dizer. E essa história não contada/silenciada no texto oficial acontece com muitas cidades brasileiras, daí a importância da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras na sala de aula.

Os professores conseguiram encontrar designações sobre as culturas e histórias silenciadas neste texto, identificando que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/ se instituem, utilizando-se da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras. Desse modo, foi possível entender todo processo de (re)nomeação da cidade de Cristais, sendo pertinente toda essa comparação com a análise desenvolvida em nossa pesquisa e com nosso vídeo documentário. Neste momento de análise, eles desenvolveram uma transversalidade endógena (dentro do texto analisado) e exógena (fora do texto) vendo o documentário, depoimentos, outros textos, outras fontes, além da participação deles próprios, pois muitos participantes eram da cidade de Cristais ou conheciam a cidade por morarem em municípios vizinhos. Assim, houve um grande envolvimento nas oficinas com todos partilhando do lugar de locutor oficial de Cristais.

Ao final da terceira oficina, os participantes interagiram e citaram exemplos de suas cidades, demonstrando interesse de aplicar a metodologia em seus alunos tomando por base suas cidades. Portanto, ficou combinada uma culminância para o mês de setembro, onde eles iriam trazer para nós a replicação desta Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras junto aos seus alunos, estudando sua cidade.

Colocamos duas imagens apenas para demonstrar de forma amostral um pouco do desenvolvimento dessas oficinas e a aplicação da metodologia.

6.2. Relato de eficácia: comprovação da replicabilidade da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras

A quarta oficina, a culminância da aplicação do nosso produto educacional do curso de Mestrado Gestão Planejamento e Ensino, aconteceu no dia 22 de setembro de 2021, das 14h às 18 horas, envolvendo conteúdos procedimentais e atitudinais. Neste momento, houve uma confraternização em que os professores e demais participantes dos quatro grupos, após utilizarem produto a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras com seus alunos, socializaram suas análises e produção de vídeos informativos sobre as cidades escolhidas e pesquisadas por eles. Dessa maneira, demonstraram a eficácia da replicação desta Metodologia dentro do ambiente escolar junto ao corpo discente.

A Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras auxiliou os professores a trabalharem com seus alunos esta busca pelas histórias silenciadas de suas cidades. Assim, cada escola utilizou-a de maneira adaptada à sua realidade escolar em tempos de pandemia e à faixa etária que queria atingir. A seguir, citamos como cada escola do nosso grupo que participou da culminância utilizou essa Metodologia, para isso colocamos letras para identificar as escolas como forma de não expor seus nomes. Nem todas as cidades do grupo participaram da culminância, participando apenas as mencionadas a seguir.

A escola A, da cidade de Candeias, apoiou-se na Metodologia para o estudo da cidade, como Projeto de Vida na EJA (Educação de Jovens e Adultos) com o tema Valorização da Nossa História. Aconteceu a pesquisa sobre o (re)nomear do município, sua história de fundação/ocupação, presentes em seu brasão municipal e no hino. Assim, trabalharam esses símbolos e a relação deles com Candeias de ontem e Candeias de hoje. E assim produziram pequeno vídeo se encontra no link: <https://drive.google.com/file/d/1AaNMDCAynBnh7bR_U2ovNHFq0BMeFj0/view?usp=sharing>

A escola B, de Santana do Jacaré, utilizou-se do sábado letivo e fez, em primeiro momento, tipo um “aulão” com todos os alunos pelo Google Meet, em parceria com a Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Depois, houve um segundo momento, o atrelamento da história do município contada através das pessoas que moram, estudam e fazem parte de toda essa cultura. Foi realizado com todos os alunos um concurso de desenho – chamado Que lugar mais gosto em meu município – como forma de perceber que

memorável cada parte daquele lugar representa para esse aluno. Também fizeram vídeos com forma de enaltecer e eternizar essa cultura dos santanenses. Links dos vídeos que contam um pouco da cidade, tendo inclusive o depoimento de morador/ pesquisador sobre sua origem:

<<https://photos.app.goo.gl/8M3QFbqKVVkgSp1B9>>

<https://drive.google.com/file/d/1BdJUIw2NM2yE581Ar90PRhP9f_92FZIR/view?usp=sharing>

A escola C, da cidade de Cristais, nos trouxe o tema Conheça Cristais: a história da tão famosa “Bela Pedra Preciosa”, onde o trabalho realizado com os alunos foi tipo um tour pela história do município, desde sua fundação/ocupação com os povos que ali estiveram e que culturas instituíram até às culturas que ainda instituem e que povos ali estão nos dias atuais. Trabalhou a parte da expulsão dos índios Cataguases, do Quilombo do Ambrósio, das sesmarias e o auge da mineração, trazendo uma relação deste passado com o presente do município como a Festa do Reinado, a Matriz Nossa Senhora da Ajuda, a receita do famoso biscoito de polvilho e os pontos turísticos da região. Foi uma viagem no túnel do tempo na história de Cristais.

A escola D, da cidade de Aguanil, também nos mostrou sua história de fundação suas memórias, seus símbolos e seus pontos turísticos, o antes e o agora deste lugar abençoado, como é mencionado no vídeo:

<<https://drive.google.com/file/d/1BdfD6J7LMqk8CmaImPomiFdw8eOYpKMA/view?usp=sharing>>. Em outro momento nos trouxe uma moradora de 106 anos, que ainda se encontra na lida:

<[https://drive.google.com/file/d/1BvDvoukyI7E_fwuI1dh6VGc-](https://drive.google.com/file/d/1BvDvoukyI7E_fwuI1dh6VGc-UXkeg167/view?usp=sharing)

[UXkeg167/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1BvDvoukyI7E_fwuI1dh6VGc-UXkeg167/view?usp=sharing)>. E assim, notamos que por trás do nome de uma cidade muitas designações se entrelaçam.

Fazendo uma pequena ressalva: os vídeos nos foram enviados pelo WhatsApp e compartilhamos no drive para gerar link para que todos que lerem esta pesquisa terem acesso a este trabalho maravilhoso. Os vídeos de Aguanil são ambos contínuos, um depois o outro, pois foram enviados em duas partes. Este é um ponto positivo desta Metodologia os vídeos que representam essa transversalidade exógena foram feitos pelos professores e/ou alunos com o uso de um aparelho celular.

A escola E, da cidade de Perdões, nos trouxe o trabalho realizado com os alunos da famosa história da nomeação da cidade, como forma de perdão que Romão Fagundes, capitão mor, pedia a Coroa Portuguesa, por suas sonegações de impostos e garimpos clandestinos. E

se tivesse esse perdão retribuiria com um cachinho de banana de ouro. Foram mostrados pontos turísticos, a cidade antes e agora, e até a caverna onde os escravos de Romão Fagundes teriam extraído o ouro para a confecção do cachinho de banana, compartilhando assim todo memorável que vai se modificando com o tempo/espaço.

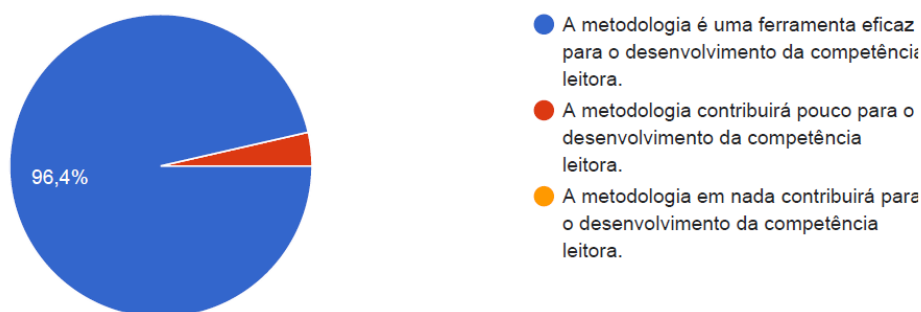
Outras escolas dos demais grupos também apresentaram de forma brilhante, tendo duas delas que fizeram até os DSDs. Não vou mencionar essas apresentações para não estender muito nosso texto. Mas, de forma geral, houve um grande envolvimento de todas as escolas participantes na replicabilidade da Metodologia de Ensino: Leitura da História e da Cultura Local das Cidades Brasileiras junto ao seu alunado. E o melhor, perceberam que é uma Metodologia eficaz de leitura e de estudo da cultura local, capaz de envolver o estudante neste processo.

No questionário, elaborado no Google Forms, passado no final de cada oficina, para que registrassem sua presença e respondessem sobre a eficácia da metodologia, nota-se que mais de 90% dos participantes reconheceram a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras como um método eficaz de leitura. Podemos observar esses dados nos gráficos 1, 2 e 3 a seguir, referentes às oficinas 2,3 e 4, uma vez que a oficina 1, foi mais uma apresentação geral da Metodologia.

Gráfico 1: Oficina 2

De que forma a metodologia de ensino apresentada - Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras - pode contribuir para a competência leitora dos alunos da Educação Básica?

28 respostas



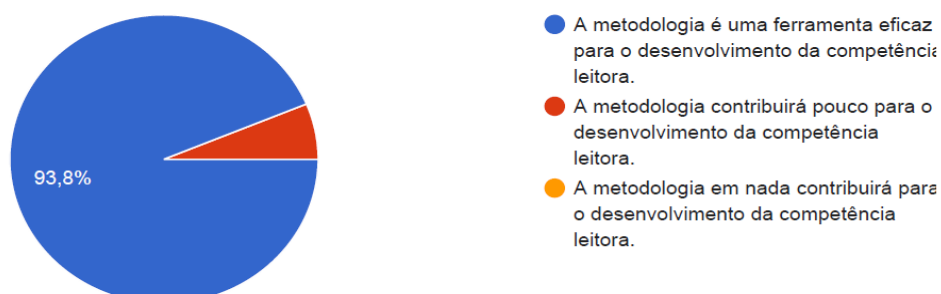
Fonte: Gráfico retirado do Google Forms, na realização da oficina 2.

Este gráfico 1 mostra a opinião dos 28 participantes da oficina 2, onde 96,4% acreditam que a metodologia é uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da competência leitora que a metodologia em nada contribuirá para o desenvolvimento da competência leitora.

Gráfico 2: Oficina 3

De que forma a metodologia de ensino apresentada - Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras - pode contribuir para a competência leitora dos alunos da Educação Básica?

16 respostas

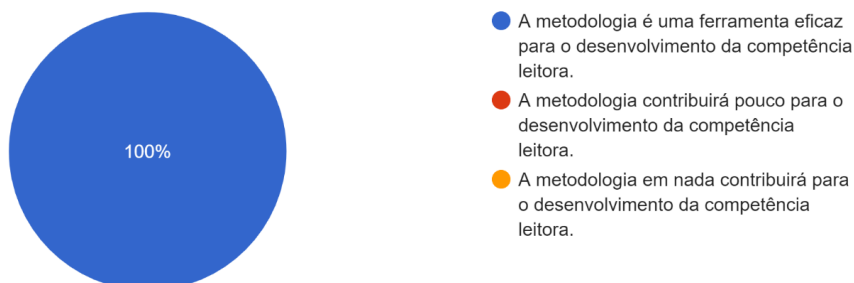


Fonte: Gráfico retirado do Google Forms, na realização da oficina 3.

No gráfico 2, percebemos que 93,8% dos 16 participantes que responderam ao formulário da oficina 3 entendem que a metodologia é uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da competência leitora. Assim, após a aplicação da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras nos professores e/ou supervisores e gestores que atuam na Educação Básica, constatou-se que eles entendem que esta Metodologia é uma ferramenta eficaz de leitura capaz de promover a competência leitora nos alunos.

Gráfico 3: Oficina 4

De que forma a metodologia de ensino apresentada - Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras - pode contribuir para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos da Educação Básica?
69 respostas



Fonte: Gráfico retirado do Google Forms, na realização da oficina 4.

No gráfico 3 percebe-se que após a replicabilidade da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras junto aos seus alunos, 100% dos 69 participantes que responderam ao formulário a considera uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da competência leitora. E no decorrer das apresentações os participantes mencionaram que é uma Metodologia apta a estudar a cultura local, além de ser possivelmente acessível de trabalhar no ambiente escolar, podendo ser adaptada a qualquer conteúdo e/ou faixa etária.

Diante deste percurso de oficinas, concluímos que a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras é um produto educacional apropriado para desenvolver a capacidade leitora nos alunos. É também uma metodologia adequada para o estudo da história/cultura local como forma de entender que povos ali estiveram e que ali estão e que culturas se instituíram e se instituem em determinada cidade. Isso, porque é uma Metodologia que desenvolve a criticidade nos educandos para uma visão de cultura local não como nação e sim de forma globalizada com novas/velhas identidades culturais.

Este "local" não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece: improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. E mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações "globais" e *novas* identificações locais. (HALL, 2006, p. 78)

E assim, todo este trabalho desenvolvido no estudo dessas cidades mineiras, usando da Metodologia de Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, irá compor o Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras Mineiras (Volume 1) de forma

digital e/ou impressa. Este Atlas fará parte do projeto macro “O Atlas dos Nomes que Contam História das Cidades Brasileiras” que acontece em nível nacional.

Então, para que essa Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras chegue de forma mais acessível às escolas, foi desenvolvida uma cartilha para o conteúdo de História do 3º ano do ensino médio: Como trabalhar a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, em sala de aula. Um material prático que pode ser acessado pelo seguinte link: <<https://drive.google.com/file/d/1I0ndsjDIKqPYH1efFzVnmP5AvUQ-4CsQ/view?usp=sharing>>

Assim, o professor terá acesso ao passo a passo para a aplicação da Metodologia de uma forma fácil e rápida, que será parte enriquecedora de seu material didático, no estudo da cultura local.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, embasada na Semântica do Acontecimento de Guimarães (2018), nos foi possível perceber que o texto oficial que conta a história dos municípios brasileiros mineiros, às vezes, deixa certos povos e culturas silenciadas. Então foi pertinente essa busca pela compreensão dos processos de (re)nomear os municípios mineiros como forma de identificar que povos ali estiveram/estão e que culturas se instituíram/instituem nestes lugares. De tal modo, notamos que o processo de (re)nomear as cidades mineiras são marcadas pelo acontecimento enunciativo, ou seja, por uma temporalidade própria naquele espaço/tempo.

Diagnosticamos que o estudo da cultura local, que é reflexo de todo esse processo de (re)nomear das cidades brasileiras mineiras, não é contemplado nos materiais didáticos, porém os documentos que normatizam o ensino brasileiro trazem a importância deste trabalho. Outro ponto que identificamos em nosso trabalho é que a posse de leitura de uma forma compreensiva está se distanciando dos alunos da Educação Básica, porque eles detêm-se apenas ao texto analisado. Eles não conseguem entender a pluralidade de sentidos que envolvem um texto, isto porque o sentido não é particular e nem privado, ele é compartilhado.

Assim, diante da não contemplação do estudo da cultura local nos livros didáticos e procurando identificar que a ancestralidade de povos e culturas, nos foi viável desenvolver o produto educacional: a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras. Essa metodologia nos permitiu criar um viés de desenvolver um bom leitor com o prazer de conhecimento da história e cultura de sua cidade como forma de identificar que povos ali estiveram/estão e que culturas ali instituíram/instituem. O material didático precisa ter essa relação com a vivência do aluno, senão sua eficácia não será satisfatória, e partir do que está próximo da sua existência é um bom início para o sucesso escolar, especialmente no quesito de leitura.

Por isso, “é necessário planejar práticas pedagógicas considerando as culturas plurais, dialogando com a riqueza e toda diversidade de contribuições familiares e comunitárias, suas crenças e manifestações, fortalecendo as formas de atendimento articuladas aos seus saberes e às suas especificidades, aprimorando dessa forma, os mecanismos de acesso, inclusão e permanência, lutando pela qualificação da educação mineira.” (MINAS GERAIS, 2019, p. 73)

A Metodologia traz como artefato um documentário como uma maneira de conhecer e dar voz aos silenciados pelo o alocutor-autor do texto oficial (al-x) das cidades. A história e

cultura da cidade se fazem com pessoas e por isso dar voz a essas pessoas é uma forma de conhecer mais desse lugar e valorizar essa identidade cultural presente ali.

Neste estudo, tomamos para análise a cidade de Cristais como cidade piloto para aplicação da Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, a qual nos permitiu identificar naquela cidade a presença indígena, negra, portuguesa e do imigrante e que trazem as marcas das suas culturas na urna indígena que se encontra na Secretaria Municipal de Cultura, na Festa do Reinado, na Matriz Nossa Senhora da Ajuda e nos nomes das famílias cristalenses, tudo muito presente na cidade.

No decorrer deste trabalho de busca e compreensão no (re)nomear das cidades mineiras e dos povos que fizeram/fazem parte deste processo, acontece um grande envolvimento e prazer por descobertas das histórias silenciadas. E com os professores, no momento da aplicação, não foi diferente, houve um bom envolvimento. Quando estes reaplicaram o produto em seus alunos, aconteceu a mesma coisa, conseguiram envolver os alunos nessa busca. Isso se dá, pois a Semântica do Acontecimento, que dá suporte à Metodologia, mostra o sentido que está posto em todo esse processo histórico, social e cultural que reveste determinado município, já que acontece uma relação de memoráveis, mostrando que os sentidos postos em um texto não são estáveis. E tudo isso aumenta nossa adrenalina, nos dando a sensação de detetives, que buscam pistas, depoimentos dos moradores, como forma de conhecer as culturas e povos silenciados na história de determinado lugar.

Assim, notamos que a Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras é ferramenta eficaz no desenvolvimento da capacidade leitora e no estudo da cultura local, não em uma visão nacional, representação de poder, mas de forma contextualizada e globalizada. Por ser um produto educacional inter, multi e transdisciplinar, podendo ser adaptado a qualquer conteúdo ou faixa etária, o que causou uma boa aceitação entre os educadores.

Esta pesquisa, que resultou com o desenvolvimento desta Metodologia de Ensino: Leitura da História e Cultura Local das Cidades Brasileiras, sem dúvida contribuirá bastante para o estudo da cultura local/regional. Acreditamos que será uma ferramenta capaz de ajudar a preencher essa lacuna existente na Educação Básica, quanto ao estudo da cultura local, além de desenvolver a capacidade leitora nos alunos.

REFERÊNCIAS:

- ARAÚJO, Renato. **Arquivo/Agência Brasil**, 2017. Disponível em:
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-01/folia-de-reis-e%20declaradapatrimonio-cultural-imaterial-de-minas%20gerais#:~:text=O%20Conselho%20Estadual%20de%20Patrim%C3%B4nio,no%20dia%206%20de%20janeiro.>> Acesso em 05 de ago. de 2020.
- BARBOSA, Jane Rangel Alves. **Didática do ensino superior**. Curitiba: IESDE, 2006.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em:
<https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_215_.asp#:~:text=Da%20Cultura,Art.,a%20difus%C3%A3o%20das%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais.> Acesso em 30 de jul. de 2020.
- _____. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação e Cultura, 2018. Disponível em:
<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#:~:text=A%20Base%20Nacional%20Comum%20Curricular,e%20modalidades%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica.>> Acesso em 08 de ago. de 2020.
- _____. CNPq, **Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico. Semântica do acontecimento: agenciamento enunciativo, designação e argumentação**. Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, 2018. Disponível em:
<<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2321163585088253>> Acesso em 17 mai. 2021.
- _____. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)**. Disponível em:
<<https://www.fnde.gov.br/>> Acesso em 27 de fev. de 2021.
- _____. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**. Disponível em: <<https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?dashboard>> Acesso 24 de fev. de 2021
- _____. **Ministério da Educação e Cultura (MEC)**. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>> Acesso em 27 de fev. de 2021.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Rei Ambrósio de Minas Gerais e o ofuscamento da história e da memória de um líder quilombola**. Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 25, V. 9, N. 3 (set./dez. 2017) 5.
- CÂMARA MUNICIPAL. **Câmara Municipal de Vereadores de Cristais**. Disponível em:

< <http://camaracristais.mg.gov.br/?p=9420>> Acesso em 28 de out. de 2020.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 5. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COSTA NETO, Antonio Gomes da. **A diversidade étnico-racial como novo princípio da BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (LDB)**. Disponível em:< <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/lei-10-639-03-e-outras/17933-a-diversidade-etnico-racial-como-novo-principio-da-ldb>> Acesso em 05 de ago. de 2020.

DIAS, Luís Francisco. **Os Sentidos do Idioma Nacional: as bases enunciativas do nacionalismo linguístico no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Etimologia e Origem das Palavras**. Disponível em:< <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>> Acesso em 30 de jul. de 2020.

DOCUMENTÁRIO, **CONHEÇA A HISTÓRIA DE CRISTAIS**, Luciana Teixeira de Souza, Google Drive, 20 nov. 2021, de duração de 28m50s. Disponível em:< <https://drive.google.com/file/d/1I0ndsJDIKqPYH1efFzVnmP5AvUQ-4CsQ/view?usp=sharing>> Acesso em 20 nov. 2021.

FERNANDES, Kátya. **Os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais em correlação com os eixos temáticos dos PCNs**. WebArtigos: Publicado em 08/10/2010. Disponível em:

< <https://www.webartigos.com/artigos/os-conteudos-conceituais-procedimentais-e-atitudinais-em-correlacao-com-os-eixos-tematicos-dos-pcns/35902/>> Acesso 26 out. 2021.

FONSECA, Vítor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª Ed. São Paulo – SP: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

< <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>> Acesso em 02 de fev. de 2021.

GAROFALO, Débora. **Como as metodologias ativas favorecem o aprendizado**. Revista Nova Escola, 2018. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/como-as-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>> Acesso em 27 set. 2021.

GLOBO, ESTÚDIOS. **Globo Minas - Série 300 Anos de Minas Gerais**

Disponível em:< <https://globoplay.globo.com/v/8669854/>> Acesso em 23 de fev. de 2021.

GOMES, A.C. **Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade**. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos.html>> Acesso em 26 de nov. de 2020.

GONÇALVES, Ana Paula Santos. **Tupi-guarani: Fontes de informações sobre bambus nativos do Brasil**. Heringeriana, Brasília, v. 1, n.1, p. 35 – 41, jul/2007. Disponível em:<http://bamusc.org.br/wp-content/uploads/2009/06/tupy_guarani_fonte-de-informacoessobre-bambus-nativos-no-brasil_tarcisofilgueiras.pdf> Acesso em 16 de dez. de 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Análise de texto: Procedimentos, Análises, Ensino**. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

_____. **Semântica: Enunciação e Sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília. **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Editora RG, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISIMA, Anna. (07/07/2020) **Cristal de Rocha – A pedra da purificação**. Disponível em: <<https://annaisima.com.br/cristal-de-rocha/>> Acesso em 04 de nov. de 2020.

JOSÈ, Oíliam. **Indígenas de Minas Gerais: Aspectos sociais, políticos e etnológicos**. Belo Horizonte, 1965.

LIBÂNIO, José Carlos. **Relação professor/aluno na perspectiva do pensamento e do sentimento**. Coleção Desenvolvimento Curricular. SEE/MG. 1994.

LÓ, Geraldo. **Um rei em Arcos**. Disponível em: <<https://www.arcosnoticias.com.br/noticia/2220/um-rei-em-arcos>> Acesso em 26 de nov. de 2020.

MACHADO, C. de P. **Contribuições da semântica da enunciação para a análise de texto. Traços de Linguagem**. V.3, n.2, p. 28-41, 2019.

MACUCO. **Festa do carro de boi de Macuco de Minas**. Disponível em: <<https://www.lavras24horas.com.br/portal/festa-do-carro-de-boi-de-macuco-de-minas-acontece-neste-final-de-semana/>> Acesso em 08 de ago. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. *Comun. Inf.*, v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan/dez. 2002.

MINAS GERAIS. **Currículo de Referência de Minas Gerais**. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2019. Disponível em:

<<https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/educacao-infantil-e-ensino-fundamental/historico-de-elaboracao>> Acesso em 08 de ago. de 2020.

_____. **Conheça Minas**. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/conheca-minas/nossa-gente>> Acesso em 08 ago. 2020.

_____. Secretaria de Estado de Educação de. **Documento Orientador: Regime Especial de Atividades Não Presenciais**. Abril 2020.

_____. Secretaria de Estado de Educação de. **Guia de Orientações para Professores (as) e Gestores (as) Escolares Plano de Estudo Tutorado (PET) 300 Anos de Minas Gerais**. Outubro 2020.

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Volume 1**. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Volume 2**. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020.

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Volume 3**. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Volume 4**. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020.

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Volume 5**. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020.

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Volume 6**. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020.

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Volume 7**. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020.

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio**. Avaliativo. 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020.

_____. **Plano de Estudo Tutorado: 3º ano Ensino Médio. Comemorativo: 300 Anos de Minas Gerais.** 2020. Disponível em: <<https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>> Acesso em dez. 2020.

_____. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Currículo Referência de Minas Gerais para a Educação Infantil e Ensino Fundamental: uma construção coletiva.** [S. l.], CONSED, 2020b. Disponível em: <<http://www.consed.org.br/central-de-conteudos/curriculo-referencia-de-minas-gerais-para-a-educacao-infantil-e-ensino-fundamental-uma-construcao-coletiva.>> Acesso em: 12 set. 2021

_____. **Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo:** Disponível: <<https://srecampobelo.educacao.mg.gov.br/index.php>> Acesso 24 de fev. de 2021.

MOTT, M.L. **Imigração árabe: um certo oriente no Brasil.** In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/arabes.html>> Acesso em 29 de jul. de 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução Mônica Saddy Martins. Coleção Campo Magnético, Campinas: Papirus, 2005.

OLIVEIRA, Myriam. **Arquitetura Religiosa - Século 18.** Descubra Minas. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod_pgi=1331> Acesso em 09 de dez. de 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

PERON, Marcos. **Festa do Rosário resgata herança afro-brasileira e retrata a união da população do interior de Minas Congados celebram protetora dos negros.** Folha de São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx06079805.htm>> Acesso em 13 nov. 2021.

PINTO, Tales dos Santos. "O que é sesmaria?"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-sesmaria.htm>> Acesso em 03 de nov. de 2020.

PISA, (Programa Internacional de Avaliação de Alunos). Disponível em: < OLIVEIRA, Elida; MORENO, Ana Carolina. **Brasil está estagnado há dez anos no nível básico de leitura e compreensão de textos, aponta Pisa 2018.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-esta-estagnado-ha-dez-anos-no->

nivel-basico-de-leitura-e-compreensao-de-textos-aponta-pisa-2018.ghtml> Acesso em 22 out. 2020.

PREFEITURA. **Prefeitura Municipal de Cristais**. Disponível em:

<<https://www.cristais.mg.gov.br/portal/servicos/1005/historia-do-municipio/>> Acesso em 05 de nov. de 2020.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental: A aventura das ideias dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na Geografia Nacional**. 5ª edição. São Paulo: Editora Nacional: Brasília, 1987. PDF: Disponível em:

<<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/429/1/380%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>

SIGNIFICADOS. **Significado de Metodologia**. Disponível em <<https://www.significados.com.br/metodologia/>> Acesso: 24 de jun. 2021

SILVA, Ana Paula Berberian Vieira da. **Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita**. Curitiba: IESDE, 2006.

SOBRENOMES, **Origem dos**. Disponíveis em:

<<https://www.origemdosobrenome.com.br/familia>> Acesso em 11 de nov. de 2020.

<<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>> Acesso em 11 de nov. de 2020

<<https://super.abril.com.br/especiais/a-origem-dos-50-sobrenomes-mais-comuns-do-brasil/>> Acesso em 11 de nov. de 2020.

SOUZA, Ila Maria Silva de; ALMEIDA, Patrícia Vasconcelos. **Ambiente Escolar: guia de estudos**. Lavras: UFLA, 2010.

SOUZA, J. **Tempo e espaço enunciam o memorável que constitui os sujeitos e as línguas no acontecimento de linguagem**. Traços de linguagem, Cáceres, v. 1, n. 1, p. 45-56, 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO (UNEMAT). **Professores e alunos de pós graduação da Unemat publicam livro. Por Lygia Lima: 12/05/2021**. Disponível em:

<<http://portal.unemat.br/?pg=noticia/13937/Professores%20e%20alunos%20de%20p%F3s-gradua%E7%E3o%20da%20Unemat%20publicam%20livro.>> Acesso em 17 mai. de 2021.

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE (UninCor). **Projetos de Pesquisa**. Disponível em:

<<https://www.unincor.br/projetos-de-pesquisa-mestrado-gestao-planejamento-ensino#formacao-de-professores-diagnostico-e-perspectivas>> Acesso em 22 mai. de 2021.

ANEXOS

Anexo A

Quadro 1 - Números de escolas que compõem a S.R.E de Campo Belo por município:

Município	Escolas Estaduais	Escolas municipais	Escolas Particulares	Total de Escolas
Aguanil	01	05	-----	06
Camacho	01	02	----	03
Campo Belo	07	15	09	31
Cana Verde	01	03	----	04
Candeias	02	05	02	09
Cristais	01	07	02	10
Lavras	08	33	16	57
Perdões	04	07	03	14
Ribeirão Vermelho	01	03	----	04
Santana do Jacaré	01	02	----	03
Santo Ant. do Amparo	03	10	05	18
São Franc. de Paula	01	04	01	06

Fonte: Dados retirados do site:

<https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard&PortalPath=%2Fshared%2FCenso%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%2F_portal%2FCat%C3%A1logo%20de%20Escolas&Page=Pr%C3%A9-Lista%20das%20Escolas> Acesso em 24 de fev. de 2021

Anexo B

Quadro 2 - Níveis de ensino atendidos em cada município da S.R.E de Campo Belo:

Estadual (Est.), Municipal (Mun.) ou Privada (Priv.)

Município	Educação Infantil			Ensino Fundamental			Ensino Médio		
	Est.	Mun.	Priv.	Est.	Mun.	Priv.	Est.	Mun.	Priv.
Aguanil	--	02	--	1	3	--	1	--	--
Camacho	--	01	--	1	1	--	1	--	--
Campo Belo	--	14	7	6	0	4	5	--	2
Cana Verde	--	03	--	1	2	--	1	--	--
Candeias	--	03	2	2	4	2	1	--	--
Cristais	--	05	1	1	4	2	1	--	--
Lavras	--	31	0	8	8	2	8	--	8
Perdões	--	03	2	4	5	3	3	--	2
Ribeirão Vermelho	--	01	--	1	2	--	1	--	--
Santana do Jacaré	--	02	--	1	1	--	1	--	--
Santo Antônio do Amparo	--	09	4	3	5	3	2	--	1
São Francisco de Paula	--	4	--	1	3	--	1	--	--

Fonte: Dados retirados do site:

<https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard&PortalPath=%2Fshared%2FCenso%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%2F_portal%2FCat%C3%A1logo%20de%20Escolas&Page=Pr%C3%A9-Lista%20das%20Escolas> Acesso em 26 de fev. de 2021.

Anexo C

Quadro 3: Conteúdos trabalhados em cada PET e abordagem ou não da cultura local

PET 1				
DISCIPLINA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA
Língua Portuguesa	Organização temática; seleção lexical e efeitos do sentido; vozes do discurso.	Textualização do discurso argumentativo; a linguagem como atividade sócio-interativa.	Seleção lexical e efeitos de sentido	Contexto de produção, circulação e recepção de textos.
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Matemática	Matemática Financeira	Juros simples e compostos	Parcelamentos e aplicações bancárias	Investimento, rendimento e poupança
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Biologia	Doenças endêmicas, infectocontagiosas e parasitárias.	Doenças e condições de vida	Doenças, questões sociais e prevenção.	Doenças, questões sociais e prevenção.
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Química	Ligação covalente	O estudo do carbono e as fórmulas de representação das cadeias carbônicas	Classificação das cadeias carbônicas	Funções orgânicas
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Física	Eletrostática; Eletrizção	Eletrostática; Eletrizção	Força Elétrica; Campo Elétrico	Força Elétrica; Campo Elétrico
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não

cultura local				
História	Conflitos no mundo contemporâneo	Embates políticos e culturais na construção do Estado Nacional	Trabalho e Produção no Brasil: do Império à Primeira República	Industrialização e Urbanização no Brasil
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Geografia	Novas fronteiras do capitalismo global	Novas ordens políticas, relações de poder e regionalização do espaço mundial	Globalização e meio ambiente	Globalização e blocos econômicos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Filosofia	Os valores e as ações humanas	Moral e ética	Política e violência	Lei e Justiça; Interesse e Bem Comum; Legitimidade e Poder
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Sociologia	Sociologia do Trabalho	Trabalho, Política e Ideologia	Teoria Política	Cidadania, participação e sistema político
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Língua Inglesa	Condições de produção do texto oral e de diferentes gêneros textuais	Interpretação de textos	Função comunicativa e gêneros textuais	Função comunicativa e gêneros textuais
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Estudos	A influência do	Apresentar o	A importância de	A aplicabilidade do

Orientados	estudo na própria vida	componente curricular Estudos Orientados para que todos possam aprender a autorregular sua aprendizagem de acordo com os seus interesses.	estudar na sua vida	PDCA
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PÓS MÉDIO	Onde você se vê?	Onde você se vê?	Desenvolvendo o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas	Desenvolvendo o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PET 2				
DISCIPLINA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA
Língua Portuguesa	Estratégias de organização textual de sequências expositivas e argumentativas.	Variação linguística no português brasileiro	Contexto de produção, circulação e recepção de textos.	Informações implícitas em textos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Matemática	Media Aritmética e Media Aritmética Ponderada	Mediana	Moda	Medidas de Tendência Central (média, mediana e

				moda)
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Biologia	1a Lei de Mendel	Genealogias ou Heredogramas	Variações da 1a Lei de Mendel	Gemelaridade
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Química	Hidrocarbonetos ramificados	Alcenos	Alcinos	Alcadienos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Física	Campo Elétrico e Potencial Elétrico	Campo Elétrico e Potencial Elétrico	Corrente Elétrica e Circuitos Elétricos	Corrente Elétrica e Circuitos Elétricos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
História	A Primeira Guerra Mundial	A Revolução Russa	A Crise de 1929	New Deal
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Geografia	As Potencias Econômicas Mundiais	Economias Emergentes..	As telecomunicações e redes digitais	Atividades terciarias e o Mundo do Trabalho
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Filosofia	Sócrates	Maquiavel	Descartes	John Locke

Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Sociologia	Política	Cidadania, política e participação	Cultura de massa e indústria cultural	Cidadania, Direitos Humanos e Movimentos Sociais
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Língua Inglesa	Compreensão Escrita (leitura)	Compreensão Escrita; Conhecimento léxico-sistêmico	Compreensão Escrita; Elementos não verbais e saliências gráficas	Compreensão Escrita; Produção Escrita
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Arte	Artes Visuais: criação e produção de um filme	O uso da câmera na filmagem: planos e enquadramentos	Stop Motion: imagem em movimento	Etapas de um trabalho cinematográfico
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Educação Física	Saúde	A importância das vacinas	Saúde, tecnologia e atividade física	Saúde e qualidade de vida
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Pós- Médio	Universidade, aqui vou eu	Universidade, aqui vou eu	Simulado Enem Ciências Humanas	Simulado Enem Ciências Humanas

Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Estudos Orientados	Rotina de Estudos; Métodos e Técnicas de Aprendizagem	Rotina de Estudos; Métodos e Técnicas de Aprendizagem	Rotina de Estudos; Métodos e Técnicas de Aprendizagem	Rotina de Estudos; Métodos e Técnicas de Aprendizagem
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PET 3				
DISCIPLINA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA
Língua Portuguesa	Estilos de época na literatura brasileira e em outras manifestações culturais	Estilos de época na literatura brasileira e em outras manifestações culturais	Estilos de época na literatura brasileira e em outras manifestações culturais.	Estilos de época na literatura brasileira e em outras manifestações culturais
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Matemática	Distancia entre dois pontos e ponto médio de um segmento de reta	Equação da reta	Distancia entre ponto e reta	Equação cartesiana da circunferência
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Biologia	Segunda Lei de Mendel	Sistema ABO de grupos sanguíneos	Interação genética	Sexo e herança genética
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não

Química	Funções oxigenadas — Alcoóis, Fenóis e Enóis	Funções oxigenadas — Aldeídos e Cetonas	Funções oxigenadas — Ácidos carboxílicos, Ésteres e Éter	Reação de Saponificação
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Física	Diferença de potencial e os dispositivos elétricos	Diferença de potencial e os dispositivos elétricos	Resistência Elétrica	Resistência Elétrica
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Geografia	Território e Movimento	Povos em conflito	Um povo em movimento	Reterritorialização..
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
História	O Fascismo e o Nazismo contra a democracia	A Segunda Guerra Mundial	A afirmação das superpotências (EUA URSS)	A afirmação das superpotências (EUA URSS)
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Filosofia	A Filosofia política moderna e o conceito de Estado.	Hobbes: o Estado como segurança	Aristóteles.	Kant — ética do dever
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Sociologia	Ideologia, política e movimentos sociais.	Movimentos de luta pela equidade de	O movimento negro	Movimentos em defesa dos direitos

		gênero		de gênero e sexualidade
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Língua Inglesa	Compreensão escrita (leitura)	Compreensão escrita (leitura)	Compreensão escrita (leitura)	Compreensão escrita (leitura)
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Arte	Movimentos Artísticos em teatro em diferentes épocas e diferentes culturas	Movimentos Artísticos em teatro em diferentes épocas e diferentes culturas	Elementos da linguagem teatral e seus recursos expressivos	O teatro como patrimônio cultural
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Educação Física	Educação para o trânsito	Educação para o trânsito	Saúde.	Saúde.
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PET 4				
DISCIPLINA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA
Língua Portuguesa	Semana de 22 e o Modernismo Brasileiro	Modernismo Brasileiro	Modernismo Brasileiro	Modernismo Brasileiro
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não

local				
Matemática	Prismas	Cilindros	Pirâmides	Seções planas de figuras tridimensionais usuais
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Biologia	Biotecnologia e DNA recombinante	Técnica dos alimentos transgênicos	Análise de DNA	Projeto Genoma
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Química	Funções Nitrogenadas — Aminas e Amidas	Funções Nitrogenadas — Nitrilas e Nitrocompostos	Isomeria plana	Isomeria Espacial
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Física	Associação de resistores: série e paralelo	Associação de resistores: série e paralelo	Associação mista de resistores	Associação mista de resistores
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Geografia	Meios de transporte	Meios de transporte	Rede de transportes	Rede de transporte no Brasil
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não

História	O Nacional-desenvolvimentismo	O Neoliberalismo	Globalização	As Relações no Brasil entre Nacional-desenvolvimentismo, Neoliberalismo e Globalização
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Filosofia	O tratado entre Fe e Razão	O Mundo como vontade de representação em Schopenhauer	O Socialismo Marxista	A Existência Humana, segundo Nietzsche
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Sociologia	Necropolítica	Minorias e Pandemia	Precarização do Trabalho e Pandemia	Atualidades — Pandemia (retomada)
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Língua Inglesa	Compreensão escrita (leitura)	Compreensão escrita (leitura)	Compreensão escrita (leitura)	Compreensão escrita (leitura)
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Arte	Cultura material e cultura imaterial	Musica: patrimônio imaterial do Brasil	Musica Brasileira	Patrimônio Histórico Imaterial
Abordagem da cultura	Não	Não	Não	Não

local				
Educação Física	Alimentação	diversidade cultural dos jogos e brincadeiras	Esporte, lazer e sociedade	Inclusão na educação física escolar
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PET 5				
DISCIPLINA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA
Língua Portuguesa	Charges e Tirinhas	Charges e Tirinhas	Charges e Tirinhas	Charges e Tirinhas
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Matemática	Esfera	Esfera	Esfera	Esfera
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Biologia	Teorias Evolucionistas	Seleção Natural e Adaptação	Evidências da evolução	Processos de especiação
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Química	Reações Orgânicas – Reações de Adição	Reação de adição - Hidratação	Reações de Substituição em Alcanos	Reações de Substituição em hidrocarbonetos aromáticos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não

Física	Potência Elétrica	Potência Elétrica	Corrente e Choque Elétrico	Corrente e Choque Elétrico
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Geografia	Desenvolvimento Sustentável	Desenvolvimento Sustentável no Brasil	Conferências Sobre O Meio Ambiente	Agenda 21
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
História	Aspectos políticos e sindicais brasileiros	O Estado de Bem-Estar Social no Brasil	A construção dos direitos civis, políticos e sociais no Brasil	Os Conflitos no Mundo Contemporâneo
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Filosofia	Os sofistas	Teoria do conhecimento na Idade Média	Antropocentrismo	O século XXI e o espetáculo da razão
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Sociologia	Estatuto da Juventude	Juventudes, no plural	Ocupando espaços e conquistando direitos	A Natureza é um direito e também exige deveres
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Língua Inglesa	Compreensão escrita	Compreensão escrita	Compreensão escrita	Compreensão escrita

Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Arte	Relação de arte e consumo – Contemporaneidade	O conceito de beleza	Movimentos Artísticos na Contemporaneidade - Fluxus	Artivismo
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Educação Física	O esporte como fenômeno social, cultural e político	Esporte da mídia ou esporte na mídia?	Violência no esporte	Atividade física na pandemia
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PET 6				
DISCIPLINA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA
Língua Portuguesa	Modernismo no Brasil	Modernismo no Brasil	Modernismo no Brasil	Modernismo no Brasil
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Matemática	Permutação e Arranjo	Combinações	Permutação com repetição	Combinação com repetição
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Biologia	Ecologia	Relações Tróficas	Relações Tróficas	Relações Tróficas
Abordagem da cultura	Não	Não	Não	Não

local				
Química	Reações de Eliminação – intramoleculares	Desidratação em Álcoois	Eliminações Múltiplas	Desidratação de ácidos carboxílicos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Física	Ímãs e Pólos Magnéticos	Ímãs e Pólos Magnéticos	Campo Magnético gerado por Correntes Elétricas	Campo Magnético gerado por Correntes Elétricas
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Geografia	Primeira Guerra Mundial	Segunda Guerra Mundial	Guerra Fria	Conflitos e tensões no mundo atual
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
História	A relação entre mercantilismo e o tráfico negreiro	Primeira Revolução Industrial	A tecnologia e as mudanças provocadas no mundo do trabalho	A imigração e o mundo do trabalho
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Filosofia	Plutarco	Leibniz	Ser e Dever ser	Jurgen Habermas
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Sociologia	O Trabalho	O Capitalismo	Racionalização do trabalho: uma nova	O trabalho no

			forma de organização	contexto da pandemia
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Língua Inglesa	Compreensão escrita	Compreensão escrita	Compreensão escrita	Compreensão escrita
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Arte	Arte Ecológica	A Música de Patubatê	Teatro e Democratização da Arte	Construção do Conceito de Arte
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Educação Física	Saúde Bucal	Doping: um Sonho Perdido	Um lance de sorte	Diferença entre ginástica, atividade física e exercícios físicos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PET 7				
DISCIPLINA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA
Língua Portuguesa	Contexto de produção, circulação e recepção de textos	Coesão nominal	Contexto de produção, circulação e recepção de textos	Organização temática
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não

local				
Matemática	Probabilidade.	Adição e multiplicação de probabilidades.	Probabilidade condicional e eventos independentes	Probabilidade condicional
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Biologia	Ciclos Biogeoquímicos	Ciclos Biogeoquímicos	Biomassas e sua diversidade	Biomassas e sua diversidade
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Química	Reações de Oxirredução em Compostos Orgânicos	Oxirredução de alcenos	Oxidação de alcinos	Ozonólise de alcenos
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Física	Ondas eletromagnéticas	Ondas eletromagnéticas	Radioatividade.	Radioatividade.
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Geografia	A China no cenário Internacional	Empresas Multinacionais e Transnacionais	A pandemia e impactos econômicos mundiais.	A industrialização brasileira
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
História	A República Democrática-	Eis que volta a Democracia	De Collor a FHC: política neoliberal no	Brasil, de Lula a Bolsonaro

	Populista e a Ditadura Militar no Brasil		Brasil	
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Filosofia	Sêneca, um intérprete da alma humana	Anselmo de Aosta	Galileu Galilei	Bertrand Arthur William Russell
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Sociologia	Uso e ocupação da terra no Brasil: Desigualdades e permanências	Povos e Comunidades Quilombolas	Agricultura e a ocupação da terra	A Concentração das Terras e a Reforma Agrária no Brasil
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Língua Inglesa	Compreensão escrita	Compreensão escrita	Simple future com will	Compreensão escrita (leitura)..
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Arte	Radioarte	Movimento Armorial	A Arte Neobarroca de Beatriz Milhazes	A Web Arte de Eduardo Kac
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
Educação Física	Movimento do corpo humano e sua importância para a	Jogos dos Povos Indígenas	Atividade física na pandemia	Novas modalidades esportivas nas

	saúde			Olimpíadas
Abordagem da cultura local	Não	Não	Não	Não
PET 300 ANOS DE MINAS GERAIS				
INTERDISCIPLINAR				
Conteúdos trabalhados			Abordagem da cultura local	
Ciclo da mineração e povoamento do Estado			Não	
Principais atividades econômicas			Não	
Comunidades tradicionais			Não	
Cultura e diversidade			Não	
Personalidades			Não	

APÊNDICE

Apêndice A

Roteiro documentário: Versão 1

ROTEIRO DOCUMENTARIO: CRISTAIS - MG		
Tempo de duração: De 20 a 30 minutos Data da gravação: 16/06/2021		
<p>Vídeo: Monumentos e patrimônios históricos da cidade: Monumento com Cristais, Prefeitura Municipal, Secretaria da Cultura, Pastas com os nomes das famílias cristalenses, Praça Central, Imagem Nossa Senhora da Ajuda, Matriz Nossa Senhora da Ajuda, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Represa de Furnas, Serra do Garimpo, Cristo Redentor.</p> <p>Áudio: Sons de elementos da natureza, barulho da cidade (pedestres) e sons instrumentais.</p>		Cristais - MG
Roteiro de gravação:	Data/hora	Tomada
Chegada ao município	9h	Tomada geral do município: Gravar entrada da cidade: trevo, placa...
Roteiro de edição do vídeo com ordem das imagens		
<p>Cena 1:</p> <p>Imagem 1: Espelho d'água</p> <p>Fala: Banhado pela represa de Furnas, conhecido como município Lindeiro por ser dono de um espelho d'água de 101 km². Porém, sua sede, situada mais ao centro-sul do município, não é banhada pelas águas da represa.</p>		
<p>Cena 2:</p> <p>Imagem 1: Monumento com cristais</p> <p>Fala: Construído com cristais com as pontas voltadas para cima para representar</p>		

toda harmonia e energias positivas que pairam sobre o lugar. O cristal da região, o quartzo hialino, é conhecido como cristal purificador, pois é capaz de limpar a aura e acalmar o sistema nervoso. Para os antigos o quartzo simbolizava a pureza e a liberdade. Os cristais para decoração geralmente possuem pontas que ficam voltadas para cima, se conectando com energias superiores, um jeito de purificar o ambiente e eliminar a negatividade.

Cena 3:

Imagem 1: Matriz Nossa Senhora da Ajuda

Fala: As primeiras capelas de Minas foram erguidas de 1700 a 1720. Eram o ponto de referência do arraial e seu núcleo central. O período é marcado pelo desenvolvimento e estabelecimento das povoações.

Arquitetura

"Estilo Chão"

- De pequena proporção.
- Fachada plana
- Planta retangular
- Divisão em nave, capela-mor e sacristia colocada lateralmente.
- Sineira pode estar ao lado da igreja ou inserida no corpo central da fachada.

Imagem 2: Praça da Matriz

Fala: Erguida a capela, foram edificadas ao seu redor, as primeiras moradias. Assim, iniciou-se a formação do Arraial de Nossa Senhora da Ajuda do Rio Grande dos Cristais.

Imagem 3: Nossa Senhora da Ajuda

Fala: Nossa Senhora da Ajuda, santa de devoção lusitana, considerada a protetora das expedições marítimas.

Cena 4:

Imagem 1: Livro dos nomes das famílias cristalenses

<p>Fala: Depoimento da Secretária da Cultura: Vanuza Fagundes França</p>
<p>Cena 1: Morro do Quilombo e da Meia Laranja</p> <p>Fala: Locais das guerras do extermínio do Quilombo do Ambrósio, onde se encontram vestígios de uma olaria com resquícios quilombolas, e a estrada boiadeira construída pelos escravos. <i>“Afinal, a tropa chegou ao Quilombo Grande, que o povo denominava Quilombo do Ambrósio. Parte da negrada fugiu. Outra parte foi arrasada com as granadas e armas de fogo. Foi uma grande mortandade. Muitos foram feitos prisioneiros. A luta terrível durou 7 horas apenas. Tudo o que aí havia, casas, paióis, armazéns, tudo foi destruído”.</i></p> <p>Imagem 2: Depoimento Dona Denice, rainha perpetua do Reinado.</p> <p>Imagem 3: Coroa</p> <p>Imagem 4: Roupas da festa do Reinado</p> <p>Imagem 5: Igreja Nossa Senhora do Rosário</p> <p>Fala: As celebrações da Festa do Rosário/Reinado remontam ao início do século XIX. O vigor das manifestações do legado quilombola é um verdadeiro símbolo de resistência da cultura afro em Minas.</p>
<p>Cena 6:</p> <p>Imagem 1: Serra do Garimpo</p> <p>Fala: Grande foi a procura pelos cristais de rocha para exportação, na época da 2ª Guerra Mundial, pois o minério era muito empregado na fabricação de armas. Nessa época, as jazidas de cristal de rocha e citrine tiveram maior exploração, atraindo imigrantes para o local.</p> <p>Imagem 2: Mártir São Sebastião</p> <p>Fala: devoção trazida pelos imigrantes italianos, sendo considerado protetor das lavouras e rebanhos. Com a chegada do imigrante, vieram a agricultura e a pecuária como novas formas de renda e sobrevivência, já que se tratava de uma região com solo fértil e água farta.</p>

Imagem 3: Depoimento sobre a Festa do Mártir
Cena 7: Imagem 1: Biscoito de polvilho Fala: tradição na cidade, e vem de uma cultura longínqua que muitos, talvez nem saibam. A raiz da mandioca já era cultivada pelos índios antes dos primeiros portugueses chegarem, em 1500. Os cristalenses têm alcunha de os biscoiteiros. Imagem 2: Receita do biscoito de polvilho (alguém explicando a receita)
Cena 8: Imagem 1: Natureza, pessoas, locais da cidade. Imagem 2: depoimento de alguém na praça, falando como se sente sendo um cristalense (se conseguir) Fala: Com isso, identificamos em Cristais a existência de uma cultura indígena, negra, portuguesa e italiana. Assim, a cultura cristalense é reflexo de todas essas culturas que passaram por essas terras e que continuam brilhando feito cristal até hoje na culinária, nas construções, nas festas, nos nomes das famílias e até no nome da cidade. Essa cultura local não pode se perder no tempo, é preciso valoriza-la sempre, porque conhecer a história de sua cidade é conhecer suas raízes e é uma forma de amá-la ainda mais.

Apêndice B

Roteiro documentário: Versão 2: Novas falas para o documentário, após a filmagem e narrativas orais ocorridas no dia 16/06/2021

***Falas sobre a cidade:**

Município banhado pela represa de Furnas, conhecido como município Lindeiro por ser dono de um espelho d'água de 101 km², com aproximadamente, 15 mil habitantes.

Cristais é uma cidade bela e acolhedora, com um povo hospitaleiro e que mantém viva as tradições culturais. Um lugar que ainda é possível ver as pessoas conversando na praça central, ouvir o cantar dos pássaros e se ter uma vida tranquila. Privilégios de uma cidade pequena e calma.

***Falas sobre o Monumento com Cristais:**

Os primeiros habitantes foram atraídos pelo cristal de rocha que era abundante no local, sendo, inclusive o topônimo - origem de um nome devido a sua geografia - da cidade.

Construído com cristais com as pontas voltadas para cima para representar toda harmonia e energias positivas que pairam sobre o lugar. O cristal da região, o quartzo hialino, é conhecido como cristal purificador, pois é capaz de limpar a aura e acalmar o sistema nervoso. Para os antigos o quartzo simbolizava a pureza e a liberdade. Os cristais para decoração geralmente possuem pontas que ficam voltadas para cima, se conectando com energias superiores, um jeito de purificar o ambiente e eliminar a negatividade.

***Falas sobre as famílias cristalenses: Funcionário da Sec. de Cultura: Vítor Augustinho Costa.**

Vários povos passaram por essas terras e instituíram e instituem a cultura cristalense. O funcionário da Secretaria Municipal da Cultura, Vítor Augustinho Costa, nos mostra um trabalho feito com nas escolas municipais sobre a origem das famílias cristalenses. Um trabalho onde cada aluno pesquisou a genealogia de sua família.

***Falas sobre os Morros: (prof. Antônio Carias)**

Os morros da Vigia, do Pião, da Meia Laranja, dos Cristais, da Gurita, contam muito da federação quilombola do rei Ambrósio que existiu em terras cristalenses, como nos explica o professor mestre Antônio Carias Frascoli.

***Falas sobre as Guerras do Quilombo: (sec. Marcos Marques)**

O Quilombo do Ambrósio foi um quilombo forte e resistente que venceu duas guerras, sendo derrotado na 3ª guerra, isto porque a tropa real chegou muito bem armada e pelo lado oposto. Uma curiosidade, a tomada do Triângulo Mineiro esteve atrelada, de forma indireta, a uma dessas guerras. O secretário do Turismo Marcos Marques, nos conta melhor tudo isso.

***Falas sobre a Festa do Reinado (Dona Denice)**

A Festa do Reinado traz um memorável de respeito e tradição, representando um Quilombo que foi grande e forte em terras cristalenses.

A festa envolve toda uma cerimônia de fé e devoção à Nossa Senhora do Rosário, á Santa Ifigênia e a São Benedito. Os mastros são levantados em frente à igreja Irmandade dos Homens Pretos, indicando o início da festa, que acontece geralmente em outubro, mês da Nossa Senhora do Rosário, mas podendo acontecer em outro mês, dependendo do festeiro.

Uma curiosidade de toda essa devoção é que até o barro nos mastros não podem ser retirados, eles são guardados até o próximo ano.

A rainha Perpetua do Reinado de Cristais, nos fala mais sobre esta festa tão tradicional na cidade.

***Falas sobre a Matriz: sineiro: Sr. Vicente Marques Valente**

A capela, agora Matriz Nossa Senhora da Ajuda, ainda é vista como o início da história de Cristais, como nos diz sineiro Sr. Vicente Marques Valente. Hoje ela representa o memorável de cartão de visita da cidade, sendo tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico). Dona de uma arquitetura barroca mineira do século XVIII e com paredes com espessuras de 80 cm, construída com taipa e adobe, tendo a sineira de fora, como vimos em nossa visita, enuncia graça e exuberância na praça central.

***Fala sobre o sino:**

O sino da Matriz Nossa Senhora da Ajuda, batizado de Santíssimo Sacramento, badalado por seu sineiro Sr. Vicente, ecoa devoção e orgulho dos cristalenses de terem essa relíquia em sua cidade.

***Falas sobre a Nossa Senhora da Ajuda:**

Nossa Senhora da Ajuda, santa de devoção lusitana, considerada a protetora das expedições marítimas, é protetora da cidade. Nossa Senhora da Ajuda está em sinonímia com capela e determina arraial marcando a formação do Arraial de Nossa Senhora da Ajuda do Rio Grande dos Cristais, primeiro nome do município.

***Falas sobre a pia batismal:**

A pia batismal, datada de 1806 inscrita em seu pedestal, nos dá uma ideia de antiguidade desta matriz. E os cristalenses são batizados nesta pia até hoje, valorizando todo um memorável religioso deixado por enunciações passadas.

***Falas sobre a praça Central:**

Erguida a capela, foram edificadas ao seu redor, as primeiras moradias. Assim, iniciou-se a formação do Arraial de Nossa Senhora da Ajuda do Rio Grande dos Cristais. As primeiras capelas de Minas foram erguidas de 1700 a 1720. Eram o ponto de referência do arraial e seu núcleo central. O período é marcado pelo desenvolvimento e estabelecimento das povoações.

***Falas finais sobre a cidade:**

Com isso, identificamos em Cristais a existência de uma cultura indígena, negra, portuguesa, e italiana e síria libanesa. Assim, a cultura cristalense é reflexo de todas essas culturas que passaram por essas terras e que continuam brilhando feito cristal até hoje na culinária, nas construções, nas festas, nos nomes das famílias e até no nome da cidade. Essa cultura local não pode se perder no tempo, é preciso valoriza-la sempre, porque conhecer a história de sua cidade é conhecer suas próprias raízes e é uma forma de amá-la ainda mais.